

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

LEONARDO AUGUSTO MEZZAVILA

DOM ORLANDO DOTTI:
TRAJETÓRIA E CRISTIANISMO NO SÉCULO XX

ERECHIM

2022

LEONARDO AUGUSTO MEZZAVILA

**DOM ORLANDO DOTTI:
TRAJETÓRIA E CRISTIANISMO NO SÉCULO XX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Caroline Rippe de Mello Klein

ERECHIM

2022

[Folha destinada à inserção da ficha catalográfica.

Gere a ficha catalográfica no site: <https://ficha.uffs.edu.br/>

LEONARDO AUGUSTO MEZZAVILA

**DOM ORLANDO DOTTI:
TRAJETÓRIA E CRISTIANISMO NO SÉCULO XX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 10/10/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Caroline Rippe de Mello Klein – UFFS
Orientadora



Prof.
Avaliador
Mairon Escorsi Valério (USP)



Prof.
Avaliador
Paulo José Sá Bittencourt (UFFS – Campus Erechim)

Dedico este trabalho a todos as pessoas
que trabalham pela paz, a solidariedade e
a fraternidade em qualquer parte do
mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Dom Orlando Dotti pelo convite, hospitalidade e disposição para conceder as entrevistas, que vieram a ser a principal fonte histórica deste trabalho. Agradeço a meu pai, Altenor Mezzavila, por fazer possível o contato presencial com Dom Orlando e possibilitando o deslocamento até Vacaria. Agradeço ao professor Mairon Escorsi Valério e a professora Caroline Rippe de Mello Klein pela orientação no desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço ao Padre Ivanir Antônio Rampon e ao professor Paulo José Sá Bittencourt pelo apoio e a disponibilização de referencial bibliográfico. Também agradeço a meu tio-avô, Udevino Mezzavila, que, foi quem me instigou, de maneira inicial, a fazer contato com Dom Orlando.

(...) a doutrina social cristã (...) 'é uma sequência sempre aberta, nunca acabada, de concepções relativas ao social, e toda a amplitude do termo'. 'Uma doutrina social autêntica não é um museu de múmias maquiladas. É a memória viva da experiência social da Igreja. Como tal, longe de impedir, ela orienta e estimula o discernimento das comunidades cristãs habitadas pelo Espírito que esquadrinha, à luz do Evangelho, os grandes sinais. Ela não inibe a originalidade do pensamento social cristão, porém evita a repetição de experiências amargas e o protege da ingênua pretensão de querer começar tudo de novo' (cf. p. 156).

É nessa perspectiva que se deve ler a Doutrina Social da Igreja, e não como um elenco de fórmulas estereotipadas, mecanicamente aplicáveis à realidade social (DOTTI, Orlando IN: BIGO, Pierre. 1982, p. 7).

RESUMO

O cristianismo é um elemento constitutivo e estrutural do mundo ocidental. O estudo de suas expressões e transformações é importante para a compreensão da sociedade brasileira e seus processos históricos. Nesse sentido, através do estudo de uma trajetória de vida, de mais de noventa anos (1930-), de um frei capuchinho que se tornou bispo da Igreja Católica Apostólica Romana e atuou de maneira expressiva para com os subalternizados, busca-se também estudar o contexto histórico social e o(s) modelo(s), ou doutrinas sociais, de Igreja em que ele estava inserido no Brasil e no mundo. Assim, esse trabalho busca construir uma narrativa histórica da trajetória de Dom Orlando Dotti, e do cristianismo no século XX, através de uma perspectiva da história vista de baixo, ou mesmo, da história vista de dentro.

Palavras-chave: História vista de baixo; Teologia da Libertação; biografia; Cristianismo Insurgente; história social.

ABSTRACT

Christianity is a constitutive and structural element of the Western world. The study of its expressions and transformations is important for the understanding of Brazilian society and its historical processes. In this sense, through the study of a life trajectory, of more than ninety years (1930-), of a Capuchin friar who became bishop of the Roman Catholic Church and acted in an expressive way towards the subordinates, we also seek to study the social historical context and the model(s), or social doctrines, of the Church in which he was inserted in Brazil and in the world. Thus, this work seeks to build a historical narrative of the trajectory of Dom Orlando Dotti, and of Christianity in the 20th century, through a perspective of history seen from below, or even, of history seen from within.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Foto comemorativa da conclusão do Curso Ginásial.....	Erro! Indicador não definido.	42
Figura 2 – Foto de material de resgate histórico (FEARPE).....	Erro! Indicador não definido.	62
Figura 3 – Registro de Bispo, Dom Orlando Dotti.....	Erro! Indicador não definido.	63
Figura 4 – Dom Orlando Dotti acompanhando as obras da FEARPE.....		63
Figura 5 – Inauguração da Biblioteca Universitária.....		64
Figura 6 – Enchente de 1979.....		70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
EFAP	Escola de Formação de Agentes de Pastoral
FAFI	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí
FEARPE	Fundação Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe
JEC	Juventude Estudantil Católica
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UNIARP	Universidade Alto Vale do Rio do Peixe

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – FORMAÇÃO	19
I Formação: Construção da vocação e contexto histórico de origem.....	19
II Formação: Construção da escolha por ser capuchinho.....	24
III Formação: Trajetória Formativa.....	27
IV Formação: “Atualização Teológica”	34
V Formação: Sobre integralismo nos anos 1940-1956.....	36
CAPÍTULO II – PADRE	38
I Padre: Professor no Seminário Seráfico Nossa Senhora de Fátima, Ipê – RS, (1957-1962)	39
II Padre: Diretor e professor do Curso Clássico em Marau (1962-1964), Concílio Vaticano II e proibição de Teilhard de Chardin	46
III Padre: Professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Ijuí (FAFI) (1964) e Santo Ângelo (1965-1969)	49
IV Padre: Conferência nacional dos bispos do Brasil (CNBB) e Dom Aloísio Loscheider na década de 1960-1970	56
V Padre: II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano em Medellín – Colômbia (1968)	Erro! Indicador não definido.8
CAPÍTULO III – BISPO	59
I Bispo: Ordenação	59
II Bispo: Diocese de Caçador – Santa Catarina (1969-1976)	60
III Bispo: Diocese de Barra – Bahia (1976-1983)	67
IV Bispo: Puebla (1979).....	75
V Bispo: Viagem para América Central (1980).....	77
VI Bispo: Membro do Departamento de Ação Social do CELAM e coordenador da Linha 6 (Educação e Ação Social) da CNBB	81
VII Bispo: Anos 1980-1990 e a “Contenção da Teologia da Libertação”.....	84
VIII Bispo: Diocese de Vacaria – Rio Grande do Sul / Coajuntor (1983-1986); Diocesano (1986-2003): Emérito (2003-)	85

IX Bispo: Anos 2000 e participação no movimento que criou a Universidade Federal da Fronteira Sul.....	91
X Bispo: Eleição do Papa Francisco (2013) e ascensão do neopentecostalismo no Brasil.....	91
XI Bispo: Medalha Zilda Arns (2020).....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	96
ANEXOS.....	98

INTRODUÇÃO

A partir da Tese VI do historiador Walter Benjamin (LOWY, 2005, p. 64), compreende-se que o trabalho de pesquisa e escrita da história pode servir como uma ferramenta de combate. Através da metodologia de leitura da história a contrapelo, é possível revelar as violências cometidas no passado, e no presente, que são mascaradas e invisibilizadas para legitimar as classes dominantes. Nessa leitura, revelam-se personagens que foram subalternizados ou mesmo atropelados por projetos de futuro e ideais de “progresso.” Benjamin compreende que em cada época há o perigo de “deixar-se transformar em instrumento da classe dominante” (LOWY, 2005, p. 65). Jessé de Souza, com base em Max Weber, considera, nesse mesmo sentido de Benjamin, que “(...) os ricos e felizes, em todas as épocas e em todos os lugares, não querem apenas ser ricos e felizes. Querem saber que têm “direito” a riqueza e a felicidade” (SOUZA, 2015, p. 9).

Em vista dessa pretensão, a classe dominante está constantemente trabalhando para que a história sirva para produzir narrativas que colonizem mentes, corações, mascarem seu caráter exploratório e legitimem sua existência e seu poder (injusto e tirânico). Tal como aponta Souza, “colonizar o espírito e as ideias de alguém é o primeiro passo para controlar seu corpo e seu bolso” (2017, p. 24), e tal como aponta Laville (1999), o ensino e a escrita da história têm um papel importantíssimo nessa colonização:

É interessante notar quanto interesse, quanta vigilância e quantas intervenções o ensino de história suscita nos mais altos níveis. A história é certamente a única disciplina escolar que recebe intervenções diretas dos altos dirigentes e a consideração ativa dos parlamentares. Isso mostra quão importante é ela para o poder (LAVILLE, 1999, p. 130).

Essa colonização, ou violência simbólica (SOUZA, 2015, p. 10), para a manutenção do poder é feita de maneira perversa. Sujeitos históricos subalternizados são humilhados e desumanizados em benefício da acumulação de riquezas nas mãos de poucos, “o privilégio – mesmo o flagrantemente injusto, como o que se transmite por herança - necessita ser ‘legitimado’, ou seja, aceito mesmo por aqueles que foram excluídos de todos os privilégios” (SOUZA, 2015, p. 9). Um dos discursos mais veiculados para mascarar a desigualdade social e os privilégios das classes dominantes é a ideologia da meritocracia. Através dela, e da criação de uma falsa ideia de igualdade de oportunidades, culpabiliza-se o próprio subalternizado por sua condição, como se todos tivessem plenas capacidades e recursos para progredirem dentro de um sistema desigual que não oferece oportunidades de desenvolvimento para todos. Assim, o alcance do

sucesso é atribuído unicamente ao indivíduo e seu desempenho particular na vida. Nesse sentido, também aqueles que buscam dar apoio e contribuir com as lutas dos subalternizados, são atacados e acusados pelo sistema de conspirarem para a própria manutenção da miséria; como se contribuíssem para que os famintos se contentassem com uma refeição por dia ao invés de nenhuma, e por isso não buscariam por condições de segurança alimentar. Ainda nessa prática de violência são criminalizados aqueles que ocupam terras e ruas pela reforma agrária ou que se mobilizam para construir uma sociedade mais fraterna e solidária. Esse modo de pensar e atacar logrou tamanha força e alcance, que eventos de ataques físicos e verbais aos que lutam para combater a desigualdade social, contra o colonialismo, o racismo, as violências de gênero, a LGBTfobia e a aporofobia tornaram-se cotidianos.

Dizer que as lutas sociais que tem como princípios os direitos humanos e condições de vida digna para todos são legítimos, poderia parecer algo óbvio na sociedade moderna, que “diz de si mesma que superou todos os privilégios injustos” (SOUZA, 2015, p. 9). Entretanto, no momento presente, ao mesmo tempo que completamos 200 anos de independência em 2022, parece que essa afirmação não é uma obviedade. Mentalidades coloniais e fascistas ocuparam lugares de poder e colocaram em questão a validade dos direitos humanos universais; como nos lembra Benjamin, “o inimigo não tem cessado de vencer” (LOWY, 2005, p. 65).

Perante essa observação, entende-se que é preciso combater a pretensão das classes dominantes e seu projeto de “colonização da capacidade de reflexão da classe média” (SOUZA, 2017, p. 139) (ou de qualquer outra classe), que se serve da história para se perpetuar no poder e reproduzir a atual conjuntura, desigual, injusta e excludente. Entende-se que é preciso usar a história para ser ferramenta de legitimação a serviço dos que são subalternizados e tem seus direitos, ou ainda, sua existência, negados pelo sistema - os vencidos.

Nesse entendimento, posiciona-se esse Trabalho de Conclusão de Curso. Diante da oportunidade de entrevistar um sujeito histórico que se envolveu extensamente em lutas pelas causas dos subalternizados, Dom Orlando Dotti (1930-), objetiva-se construir uma narrativa histórica sobre sua trajetória. Sua caminhada está intimamente relacionada com uma prática de apoio aos movimentos sociais de sujeitos-históricos que foram subalternizados - vencidos – especialmente do movimento por reforma agrária, dos atingidos por barragens e em movimentos por educação pública e popular. Entretanto, sua trajetória também é composta pela participação ativa na construção e na elaboração,

“nunca acabada” (DOTTI in: BIGO, 1982, p. 7), da Doutrina Social da Igreja Católica e pela aplicação dessa doutrina social nas diversas atividades e trabalhos que realizou (e realiza) ao longo da vida.

Para esse trabalho de construção de narrativa, foi escolhida o ponto de vista da história “a contrapelo”, e também, a perspectiva de abordagem da história vista de baixo. Considerando que a atuação de Dom Orlando se relaciona com os subalternizados (de modo geral, a população e a Igreja da América Latina) vale-se do que Jim Sharpe aponta sobre o uso da história vista de baixo como abordagem. Ela preenche duas funções servir de corretivo da história da elite e abrir a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais de história (SHARPE, 1992, p. 53-54).

Ainda sobre o ponto de vista da abordagem, mas também, sobre a construção da narrativa, entende-se que esse trabalho se aproxima de uma construção biográfica e memorialista. Em vista disso, ressalta-se que não se possui a pretensão de erguer um monumento a grandes feitos de Dom Orlando Dotti, mas sim, pretende-se, na medida do possível para este trabalho, problematizar as ações e concepções do entrevistado como fruto do contexto histórico que está inserido de maneira a revelar as tensões que o atravessam.

Nesse sentido, de estudar o contexto histórico, esse trabalho vale-se de uma metodologia e uma chave de análise que Scott Mainwaring estabelece para estudar a relação Igreja e Política. Ele leva em consideração que é preciso atentar para a autonomia da Igreja, dos leigos e da maneira própria com que ambos influenciam e são influenciados pela realidade social (MAINWARING, 2004). Ele também ressalta, que a Igreja é uma instituição, e que é necessário que em uma análise isso seja lembrado. Devido a essa condição, a Igreja tem interesses organizacionais e objetivos a parte que se organizam em uma hierarquia. Para a Igreja católica, o compromisso com a salvação universal é um elemento chave para seu envolvimento na política. Entretanto, é necessário atentar que a análise institucional leve em conta que existem diferentes modelos de igreja, que certos objetivos de um modelo podem não ser considerados essenciais, ou serem considerados errôneos para outros modelos e que tudo isso é profundamente afetado pela realidade e mudanças sociais. Nas palavras do autor:

A noção de modelos de Igreja sugere que o ponto de partida para a compreensão de sua política deva ser a concepção de sua missão. A forma com que a Igreja intervém na política depende fundamentalmente da maneira pela qual se percebe sua missão religiosa. (MAINWARING, 2004, p. 21)

Para Mainwaring, uma questão fundamental da análise diz respeito a Igreja ser capaz de mudar a si mesma articulando novos vínculos ou formas de interação com a sociedade. Ela é capaz, e ela precisa, adaptar seu projeto inicial de salvação de todos para cada ambiente ou realidade social em que se instalar.

Nessa perspectiva institucional, o autor atenta para a relação da Igreja com o processo sócio-histórico. O argumento-chave é que: como qualquer outra instituição, a igreja é influenciada pelas mudanças na sociedade em geral (MAINWARING, 2004, p. 25), seja ela agindo em reação as mudanças ou também as aceitando numa atitude fatalista. Em outras palavras, os dramas da realidade social têm a capacidade de levar a Igreja a uma nova forma de compreender a sociedade, para o bem e para o mal. Dessa forma, a análise do posicionamento político da Igreja e dos leigos precisa atentar para o processo político em que estão inseridos.

Um último ponto a ser citado, da metodologia de Mainwaring, é que ele atenta para analisar que a Igreja extrapola a sua própria hierarquia, e percebe que movimentos políticos surgem na periferia de sua hierarquia. Isto é, ele destaca que a Igreja não é um todo coeso, e que, inclusive, pode apresentar práticas de catolicismo popular que vem a fortalecer-la: “A Igreja não controla completamente a formação de crenças religiosas populares, porém uma forte religiosidade popular poderá aumentar o prestígio e a importância política da Igreja” (MAINWARING, 2004, p. 31).

Enfim, para além das questões metodológicas, compreende-se que esse Trabalho de Conclusão de Curso também é uma forma de resposta provinda de inquietações da subjetividade e do lugar deste que escreve. Entende-se que quando o apóstolo Paulo diz a Timóteo “Combati o bom combate, terminei a carreira, guardei a fé”¹ é colocado em questão o que é que seria o bom combate. Uma resposta para essa questão, encontra-se no que foi pensado em Puebla em 1979; fazer a opção preferencial pelos pobres.

O princípio da destinação universal dos bens requer que se cuide com particular solicitude dos pobres, daqueles que se acham em posição de marginalidade e, em todo caso, das pessoas cujas condições de vida lhes impedem um crescimento adequado. A esse propósito deve ser reafirmada, em toda a sua força, a opção preferencial pelos pobres². Trata-se de uma opção, ou de uma forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja. Ela concerne a vida de cada cristão, enquanto deve ser imitação da vida de Cristo; mas aplica-se igualmente às nossas responsabilidades sociais e,

¹ 2 Timóteo 4:7

² Cf. João Paulo II, Discurso à Terceira Conferência Geral do Episcopado LatinoAmericano, Puebla (28 de janeiro de 1979), I/ 8: L'Osservatore Romano, ed. em Português, 4 de fevereiro de 1979, p. 10. In: PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio de Doutrina Social da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2005. 528p. (COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA. **La santa sede**)

por isso, ao nosso viver e às decisões que temos de tomar, coerentemente, acerca da propriedade e do uso dos bens. Mais ainda: hoje, dada a dimensão mundial que a questão social assumiu, este amor preferencial, com as decisões que ele nos inspira, não pode deixar de abranger as imensas multidões de famintos, de mendigos, sem-teto, sem assistência médica e, sobretudo, sem esperança de um futuro melhor.³

Compreende-se que essa opção seria uma resposta sobre “o que seria o bom combate” que Pedro se refere. Assim, esse trabalho de pesquisa e escrita da história pretende inserir-se na luta, que busca restituir de direitos e legitimar as causas dos subalternizados - as causas dos vencidos, como Benjamin compreende (LOWY, 2005, p.64) por meio da luta contra os ricos e felizes serem ricos e felizes através da violência simbólica e do uso da história como ferramenta de exercício de poder (LAVILLE, 1999 p. 130) e dominação para cooptar aqueles que não tem privilégio nenhum (SOUZA, 2015, p. 9) e são explorados.

Essa narrativa é dividida em três capítulos. O primeiro investiga o período de formação de Dom Orlando (1930-1956), o segundo, sua atuação como sacerdote (1956-1969) e o terceiro, sua atuação como bispo (1969-).

No primeiro capítulo investiga-se, a trajetória e o contexto histórico de que Dom Orlando é originário, a construção de sua escolha pelo sacerdócio, um movimento de “atualização teológica”, e um ponto de simpatia da Igreja Católica nos anos 1940 pelo Movimento Integralista Brasileiro.

No segundo capítulo, investiga-se a atuação de Dom Orlando como sacerdote, como professor e diretor em cursos. Além disso, investiga-se o contexto-histórico no que se refere as “novidades” do Concílio Vaticano II (1962-1965) e a II Conferência dos Bispos Latino-americanos em Medellín (1968); o contexto político de golpe cívico-militar no Brasil; um tensionamento de um segmento conservador com um segmento progressista na Província dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul e a transformação do posicionamento político em relação da Ditadura Militar da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) a partir da administração de Dom Aloísio Lorscheider.

No terceiro capítulo, investiga-se suas atuações na fundação de uma Universidade Comunitária, de uma Escola de Formação de Agentes de Pastoral (EFAP) e do contexto vivido sobre um regime de exceção, quando bispo de Caçador – SC; na defesa de lavradores, na implantação de uma “reforma agrária particular” com as terras da diocese,

³ João Paulo II, Carta encicl. *Sollicitudo rei socialis*, 42: AAS 80 (1988) 572-573; cf. Id., Carta encicl. *Evangelium vitae*, 32: AAS 87 (1995) 436-437; Id., Carta apost. *Tertio millennio adveniente*, 51: AAS 87 (1995) 36; Id., Carta apost. *Novo millennio ineunte*, 49-50: AAS 93 (2001) 302-303. In: PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio de Doutrina Social da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2005. 528p. (COMPÊNDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA. **La santa sede**).

de um movimento de auxílio aos atingidos pela enchente de 1979 e de disputa sobre o lugar da construção de um dique, quando bispo de Barra – BA; na ação pela reforma agrária, apoio aos movimentos dos sem-terra e dos atingidos por barragens e pela construção de universidades, quando bispo em Vacaria-RS. Além disso, nesse último capítulo busca-se investigar sua atuação na III Conferência dos Bispos Latino-americanos em Puebla (1979); na CELAM; em uma viagem à América Central pela CNBB; um encontro com Fernando Henrique Cardoso, onde foi como presidente da Comissão Pastoral da Terra (CPT) para debater a reforma agrária; e acerca de outras atuações e posicionamentos como sujeito histórico.

CAPÍTULO 1 - FORMAÇÃO

Para analisarmos a primeira parte da trajetória de Dom Orlando abordamos alguns temas. São eles, o contexto histórico de que Dom Orlando é originário, a construção de sua escolha pelo sacerdócio e o movimento de “atualização teológica”.

I Formação: Construção da vocação e contexto histórico de origem

Dom Orlando Dotti, nascido Octacílio Dotti em 22 de junho de 1930, na Linha Silva Tavares, município de Antônio Prado – RS é o mais velho de sete irmãos, filho de José Domingos Dotti (1905-1984) e Mathilde Miotto - neto de João Miotto (1873 - 1943) e Eugênia Barp (1878 - 1926) (Entrevista 19 jun. 2021; Vacaria (RS), 2020).

Tal como a Igreja (MAINWARING, 2004, p. 25), Dom Orlando é atravessado pelos processos históricos de seu contexto social. Observa-se que, por ser originário de imigrantes e colonos europeus católicos, Dom Orlando é atravessado por dois processos históricos fundantes de seu contexto histórico: o projeto de imigração e “civilização” do Brasil no fim do século XIX e pela configuração doutrina da Igreja Católica nesse mesmo período.

Através das entrevistas foi possível traçar a origem dos antepassados de Dom Orlando, que remete ao então recém criado Estado-nação italiano e ao Império Austro-húngaro.

Seu avô Dotti nasceu em uma estrebaria na região de Mântua; seus bisavôs Dotti eram encarregados de cuidar de animais, dia e noite, e moravam num canto de uma estrebaria. Sua bisavó Antônia Miotto, originária da região de Frioli migrou, viúva e mãe de dois filhos para o sul do Brasil, isso aconteceu depois de seu parceiro falecer na construção de uma estrada de ferro na Suíça. Seus antepassados que remetem a avó Eugênia Barp (1878 - 1926), eram originários da região de Bolzano (ou Bolzen), muito

próxima do então Império Austro-húngaro⁴ onde, embora pertencesse a Itália, falava-se muito mais o alemão (Entrevista 19 jun. 2021).

Esses imigrantes, assim como muitos outros no fim do século XIX, instalaram-se no sul do Brasil e formaram a chamada “sociedade dos colonos” (Belato et al, 2016). No caso dos antepassados de Dom Orlando, instalaram-se no Rio Grande do Sul, na região do Vale do Rio das Antas, onde hoje é o município de Antônio Prado. Em um dos trechos da entrevista, Dom Orlando conta sobre um evento marcante de sua infância (década de 1930) em Antônio Prado:

Dom: (...) uma vez lá em Linha Silva, tinha um senhor chamado Olêncio Brunharoto. (...) E (ele) tinha uma mula que ele gabava muito. Dizia que era uma mula forte, que ninguém puxava e tal. Que naquele tempo valia muito as mulas pra puxar carroças. Que era tudo puxado a carroça. Então uma mula boa era um valor, um valor. E ele tinha... vendia, comprava mula. E... diz que tinha uma mula muito forte. Ai os homens lá se reuniram e fizeram um desafio. Um desafio, de em cinco homens segurar a mula. Então fizeram um tipo de um *brete*. Puseram um palanque no chão assim. Aí dentro do *brete* a mula, e o povo ao redor. E cinco homens segurando a mula assim. Numa sogá, um *balancin*, né, e segurando a mula. E foram escolhidos cinco homens aí da redondeza, os mais fortes. E, um deles, foi o Joanin, o tio Jonanin. Depois outro foi o tal do Benjamin Slaviero e dos outros não me recordo mais. Mas eu assisti esse desafio. Eu era criança. E ah! Imagina nós, gritávamos e tá! E os homens que seguraram a mula. Seguraram! E a mula não conseguiu vencer. Em cinco minutos; cinco minutos. E o outro “bah” “ieh” “neh”, *surrando* a mula e ele “beuh”! (Risos). Foi uma... digamos assim, uma brincadeira muito interessante! Muito interessante! E um dos que segurava, era o Joanin, Joanin del Cuco (apelido de João Mezzavila, 1909-1945). (...) (Ele era) Forte! Forte! Forte! Tanto que foi escolhido entre os cinco, não só da nossa capela, mas também das capelas vizinhas. Os cinco homens mais fortes, para segurar a mula, porque tinham, tinham apostado uma janta de dez pessoas; pra dez pessoas. Então, e eles ganharam ainda, depois fizeram a janta, e com muito mais gente. Ampliaram depois a janta e fizeram um festão lá. (Risos) (...) eu me recordo disso como um fato raro, extraordinário; e encheu os olhos da gente (Entrevista 19 jun. 2021).

Seyferth descreve o processo de transformação de imigrante em colono.

Ao receber terras para cultivo no regime de colonização, o imigrante tornou-se colono, apropriando-se da designação oficial como categoria definidora de uma identidade social (...) Há muitos relatos que mostram a conversão do imigrante a colono e em todos pode ser percebida a vinculação comunitária relacionada à linha ou picada (termos usados como sinônimos), construída pela noção de sociabilidade, e também o destaque simbólico dado à propriedade familiar como resultado da domesticação da floresta. Nesse sentido, a categoria colono é usada positivamente, sugerindo um estilo de vida marcado pelo trabalho árduo realizado em família, em um espaço preciso, o lote colonial (SEYFERTH, Giralda. 2009, p. 55 APUD BELATO et al. 2016, p. 49).

⁴ Nessa região, inclusive, a “autorização” para imigrar era dada pelo Império Austro-húngaro e não pela Itália (Entrevista 19 jun. 2021).

Esses sujeitos históricos configuram-se como parte de um projeto “civilizacional” e de abastecimento de mão de obra para o Estado brasileiro. Os altos funcionários do Império Brasileiro (1822-1889) viam nos imigrantes europeus um instrumento de “civilização”, a qual, na época, referia-se ao embranquecimento do país.

Para os altos funcionários imperiais, o fim do contrabando negreiro abria, ao contrário, a oportunidade tão esperada de “civilizar” o universo rural e, mais ainda, o conjunto da sociedade, reequilibrando o povoamento do território em favor da população branca. No horizonte da questão imigratória, os debates definem uma visão da contemporaneidade oitocentista brasileira, da evolução das sociedades modernas, dos modos de vida predomines no país. “Nós constituímos um povo, uma nacionalidade, cujo futuro dependerá das raças que lhe serão incorporadas, da natureza da civilização que o influenciará”, escrevia Lacerda Weneck, herdeiro de fazendeiros de café, mas também jurista e membro da comissão governamental encarregada de definir a política imigratória em meados do século XIX.

Tal povo, tal nação. O assunto atravessa todo o debate político brasileiro da Independência até a Revolução de 1930, e impregna muitas das grandes e pequenas obras literárias e ensaísticas brasileiras. (ALENCASTRO & RENAUX, 2008, p. 295).

Para além da imigração europeia, o contexto de Dom Orlando é atravessado por um projeto e uma concepção de Igreja que buscava dogmatizar e romanizar o catolicismo brasileiro, e os frades capuchinhos possuíam um papel nessa busca. Eduardo Hoornaert aponta que, até aproximadamente 1880, o catolicismo no Brasil era singular. O autor o considera como um cristianismo culturalista, e o chama de “catolicismo moreno”, ou de “catolicismo da terra”. Segundo o trabalho de pesquisa de Hoornaert, os chamados “viajantes”⁵ (europeus) que desembarcavam no Brasil a partir da abertura dos portos em 1808, descrevem em seus relatos que na Igreja brasileira não há regras, ou que a prática religiosa no Brasil não é “séria”. O autor descreve que:

Saint-Helaire parece exprimir o sentimento geral quando escreve: “Na igreja brasileira não há o que possa mais causar espanto: está fora de todas as regras (Rodrigues, 1975). O tema dos viajantes é sempre o mesmo; a prática religiosa no Brasil não é “séria”, é uma brincadeira. Muitos entre eles eram protestantes e ficavam pasmados diante de manifestações religiosas onde a reza se misturava com a dança, a devoção com o namoro, e onde os santos eram tratados como pares e compadres, na cumplicidade das promessas e novenas. De qualquer modo, a religião aqui não tinha aquele ar tristonho, compungido, melancólico e formal que a caracterizava na Europa, tanto no catolicismo como no protestantismo. O que causava a maior admiração entre os viajantes era a procissão. Quase todos eles descreveram uma procissão no Brasil, com as igrejas quentes, cheias de imagens e ornamentos e a confusão geral que tomava conta das ruas quando se aproximava a imagem do santo ou da santa. (HOORNAERT, 1996, p.173-174)

⁵ “Esses viajantes de certa forma já prenunciavam a romanização do catolicismo brasileiro, com sua maior disciplina, pois eles justificam a imigração europeia com o argumento de que só uma religião “séria” praticada por famílias europeias pode remir o catolicismo relaxado, exteriorizado, irracional, sentimental e ignorante vivido neste país” (HOORNAERT, 1996, p.174).

Ainda segundo esse mesmo autor, o clero da época parecia estar bem adaptado a esse catolicismo:

Apesar de ser pouco numeroso e espalhado por paróquias de dimensões gigantescas, esse clero fazia parte da sociedade como “autoridade local”. A observância do celibato eclesiástico era raríssima, a sé episcopal muito distante e pouco influente, a sacramentação superficial. O que dava vida a esse catolicismo eram as devoções, as festas, as novenas, as promessas. O fato de que o padre Feijó, regente do Brasil na menoridade de Dom Pedro II, ou seja, na década de 1830, propôs importantes mudanças nas leis canônicas em relação ao catolicismo brasileiro, como a abolição dos seminários de crianças e do celibato obrigatório, assim como a reforma global do ensino eclesiástico, prova até que ponto esse catolicismo – que Feijó qualificava de “patriótico” – tinha um caráter próprio que escapava aos regulamentos romanos. (HOORNAERT, 1996, p.174)

A singularidade do catolicismo brasileiro desse período, foi vista de maneira muito negativa pelo clero romano em 1870. Além disso, Hoornaert aponta que o clero relacionado a Pio IX compreendia que para resolver a situação do catolicismo latino-americano era necessária uma “recondução ao caminho certo”. Esta, recebe o nome de romanização, pois “dirigia-se contra as culturas locais, procurando englobar tudo num só universo católico controlado a partir de Roma” e a evangelização do povo conforme os dogmas do Concílio Vaticano I; de não sucumbir para práticas consideradas não civilizadas (HOORNAERT, 1996, p. 177).

Com o governo de Pio IX, e a realização do Concílio Vaticano I em 1870, a impressão negativa que se tem do catolicismo na América Latina ainda se agrava, pois o Continente é considerado a terra por excelência do “erro pagão a ser reconduzido à verdade católica”. O catolicismo latino-americano é irregular e necessita ser reconduzido ao caminho certo. **Tudo tem que ser colocado “nos eixos” através de um trabalho paciente e tenaz a ser executado por um episcopado “reformado” dos erros do passado, especialmente através dos seminários, da obra das vocações sacerdotais, da reforma dos costumes clericais, especialmente da reabilitação do celibato clerical.** Tudo isso deve ser posto em prática com uma “benevolência paciente”, *attentis specialibus circinstantiis regionum illarum* (visto as circunstâncias especiais dessas regiões), como dizem os próprios bispos latino-americanos no Concílio Plenário realizado em Roma, em 1899. (HOORNAERT, 1996, p.176 grifo nosso)

Observa-se que o projeto “civilizador” do catolicismo brasileiro, anda atrelado⁶ com o projeto “civilizador” do Império ao passo que se estabelece esse plano de “colocar as coisas nos eixos” através dos seminários e das vocações sacerdotais. Belato et al também aponta que nesse projeto, “é também no mundo dos colonos que a Igreja,

⁶ Hoornaert aponta para um vínculo nesse sentido quando descreve que: “a romanização do catolicismo brasileiro se encaixa no quadro maior dos impulsos de um novo colonialismo, desta vez internacionalizado e ‘burguês’, a ser instalado no Brasil” (1996, p. 186).

preferencialmente, irá buscar seus membros destinados a reproduzi-la como instituição social e religiosa” (2016, p.56).

Além disso, como parte do contexto de origem de Dom Orlando, temos o projeto missionário dos frades capuchinhos no Rio Grande do Sul. Segundo Belato et al., em 1896 desembarcam os primeiros freis capuchinhos no Rio Grande do Sul. Eles eram franceses da região da Sabóia, e vinham a pedido do bispo da diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul, Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão. Dom Cláudio havia viajado para Roma em 1895 e pedido ao papa Leão XIII “sua benévola e valiosíssima interferência a fim de obter uma ordem religiosa que viesse ajudar mais eficazmente à vida espiritual nas colônias italianas estabelecidas em sua diocese” (BALÉM, Monsenhor. 1946, p. 221-222 APUD BELATO et al., 2016, p. 85). Belato et al, a respeito da atuação de Dom Cláudio como bispo do Rio Grande do Sul, destaca duas tomadas de consciência que revelam sobre o contexto histórico:

Os frades capuchinhos franceses pra cá vieram pelo zelo apostólico e missionário de Dom Cláudio, nomeado bispo da diocese do Rio Grande do Sul em 20 de setembro de 1890. Rapidamente tomou consciência da dramática situação da Igreja no Rio Grande do Sul, movendo-se em meio à brutalidade e violência da guerra civil (1893/95) travada entre duas facções da oligarquia gaúcha: republicanos/ximangos *versus* federalistas/maragatos. Dramática também era a situação dos imigrantes europeus recém-chegados, solicitando veementemente assistência religiosa, sobretudo dos italianos que, depois de 1875, não cessavam de chegar aos milhares. (BELATO et al., 2016, p. 84-85)

A partir desse segundo elemento, a veemente solicitação de assistência religiosa dos europeus recém chegados, e do que Mainwaring aponta como o objetivo principal de qualquer Igreja, “propagar sua mensagem religiosa” (1989, p. 16), é possível fazer uma constatação dos fundamentos da presença e ação dos capuchinhos no Rio Grande do Sul. A ação desses frades buscava evangelizar e dar assistência (que ia além do aspecto apenas religioso) à população, em especial aos imigrantes italianos. Nota-se então, a vinculação ao menos superficial, dos capuchinhos com projeto colonizador/“civilizador” do Estado.

Mas, além disso, Belato et al. destacam que, apesar da vinda de 58 frades europeus, entre 1896 e 1898, para ampliar a ação missionária no Rio Grande do Sul, eles “tinham presente que a missão só poderia prosperar se fosse possível formar sacerdotes vindos das famílias dos imigrantes” (2016, p. 86). Ademais, depois de abordarem a imagética e o lugar subjetivo que o padre ocupava na sociedade dos colonos, os atores concluem que:

O padre era, então, a mais importante garantia para que os colonos conservassem suas tradições religiosas e sociais e não sucumbissem à tentação de incorporar indiscriminadamente a cultura e os modos de vida dos nativos, fossem eles os caboclos, negros ou índios ou qualquer

outra fonte que não fossem consideradas cristãs, dignas e civilizadas. (BELATO, 2016, p. 65)

A partir dessa análise, também se percebe a vinculação, ao menos superficial, dos capuchinhos com o projeto romanizador / “civilizador” da Igreja.

Enfim, nessa análise a partir do local de nascimento, dos antepassados, e da religiosidade da família e comunidade originária, compreende-se que o contexto histórico e da trajetória de Dom Orlando era atravessado pelo projeto “civilizador” do Estado, romanizador da Igreja e missionário dos capuchinhos.

II Formação: Construção da escolha por ser capuchinho

Dom: Bom, para mim, ter vocação para ser capuchinho era quase natural. Porque eu tinha um tio, frei Justino, que se ordenou quando eu era pequeno, quando eu tinha 5 anos. E fiquei encantado com a festa dele. Depois, mais a frente, um outro tio, que também foi ordenado frei capuchinho, e eu já tinha perto de 9 anos, e aí, claro, a coisa se tornou mais clara para mim. Então, eu, dentro de uma família que tinha dois tios capuchinhos, foi natural que tivesse vocação para ser capuchinho. De certa maneira era uma inspiração para mim, aqueles dois meus tios. Também depois tínhamos outros parentes nossos que também eram capuchinhos, então pra mim foi natural, digamos assim, essa inclinação, esse desejo de também ser capuchinho (Entrevista 19 fev. 2022).

Nesse trecho inicial, o entrevistado desenvolve a ideia de que para si “ter vocação para ser capuchinho era quase *natural*”. É importante observar que Dom Orlando não nasceu predestinado a ser um frei capuchinho, tal como poderia ser concluído a partir de uma leitura superficial de sua entrevista. É necessário atentar que houve em seu contexto social de origem uma diversidade de elementos que lhe foram fonte de instigação para uma escolha pela vida sacerdotal, tal como o projeto missionário dos capuchinhos. Assim, a “naturalidade” apontada por Dom Orlando não pode ser interpretada como uma predestinação, mas sim, deve ser interpretada como uma escolha feita em um contexto histórico-social onde estava presente uma série de elementos instigadores à tal desejo de ser capuchinho.

Em um primeiro momento, observasse que a construção de uma vocação religiosa passa pela religiosidade da família (BELATO et al, 2016, p. 67). Assim, observa-se, que o catolicismo se faz presente na vida de Dom Orlando desde muito cedo – oficialmente, desde o dia 27 de junho de 1930, cinco dias depois de nascer, quando recebeu o sacramento do batismo⁷ – através da religiosidade da família (dos pais, dos tios e outros parentes). Além da família, outro elemento pelo qual passa a construção da vocação, é a inserção em uma comunidade religiosa num círculo social no qual houvesse “prestígio

⁷ Recordação de 50 anos de Bispo; Dom Orlando Dotti, Diocese de Vacaria.

social de ter um filho padre” (BELATO et al, 2016, p. 67). No caso de Dom Orlando, tem-se a vizinhança e a comunidade da capela da Linha Silva Tavares.

Entretanto, apenas fazer parte de uma família e de uma comunidade católica não seria instigante o bastante, embora fosse fundamental para um indivíduo desse meio ingressar na vida religiosa como sacerdote. Belato et al. (2016), apontam que muitos - a maioria - dos que ali nasceram e se desenvolveram nas comunidades da “sociedade dos colonos” seguiram nas mesmas atividades agrícolas (e de colonização) que seus pais exerciam. Tal como os autores apontam:

Para a maioria dos colonos, o projeto dominante era seguir sendo colono num processo secular de reprodução do modo de vida, produção e cultura camponesas, especialmente para os colonos imigrantes que, ao chegarem ao Sul do Brasil, tinham pela frente uma fronteira agrícola a ser ocupada, o que lhes permitia visualizar o acesso à propriedade de um lote de terra. (BELATO et al., 2016, p. 61)

Desta maneira, constata-se que a escolha pela vida religiosa nesse contexto-histórico seria uma escolha contra hegemônica que envolve uma renúncia da cultura e dos modos de vida do “colono trabalhador” (BELATO et al., 2016, p. 58). Assim, reforça-se a ideia da necessidade da presença de outros elementos instigadores além de pertencer a uma família e uma comunidade católica, para que um indivíduo escolhesse ou desejasse ingressar no seminário.

A fim de compreendermos esses elementos decisivos que poderiam instigar essa escolha (e renúncia), recorreremos a um livro que o próprio Dom Orlando recomendou em uma das entrevistas: *Legado Franciscano: Contribuição dos freis capuchinhos na educação de filhos de colonos italianos do Rio Grande do Sul 1950-1970*.⁸ Nesse livro, que busca ser uma construção coletiva, os envolvidos, a partir de suas experiências, resumem em três itens os elementos que compreendem que instigariam um jovem a escolher o seminário no que chamam de “sociedade dos colonos”. Para eles, “a construção de uma vocação religiosa passa pela religiosidade da família, pelo prestígio social de ter um filho padre e pelo modo como os promotores vocacionais exploravam a condição de ser padre ou freira numa sociedade agrária profundamente religiosa” (BELATO et al, 2016, p. 67).

Desses três elementos, os autores apontam o trabalho dos promotores vocacionais como o mais importante. A estratégia dos promotores vocacionais tinha como questão

⁸ O livro trata essencialmente da experiência que um grupo de ex-seminaristas de origem semelhante à de Dom Orlando e que ingressaram aproximadamente 10 anos depois dele (1953) no Seminário Seráfico Santo Antônio. Esse grupo teve por repetidas vezes Dom Orlando como professor. No momento da escrita e produção desse livro, Dom Orlando também esteve presente e, inclusive, escreveu a apresentação do livro.

fundamental a seguinte pergunta: “o que pode despertar num menino pobre, filho de colonos, a vontade de ser padre?” (BELATO et al., 2016, p. 67). Assim, ao responderem essa questão, interpreta-se que os autores formulam um possível quarto elemento instigador à vida religiosa, que consiste na construção de uma perspectiva promissora de futuro.

Antes de mais nada, era preciso mostrar-lhe que seguir uma vocação religiosa significava abandonar a “sociedade dos colonos”, o mundo camponês, seus trabalhos, seus afazeres e lazeres. No imaginário infantil significava abandonar a dureza do trabalho cotidiano da roça e da criação de animais, de extrema dureza e sujeito às âleas da natureza, pragas e doenças. Significava, em última instância, entrar num mundo do não trabalho, pois entendia-se que o trabalho era o que constituía o universo dos afazeres do colono. Em compensação o mundo do não trabalho era o do estudo, do lazer, do brincar e jogar, da companhia e convivência com uma multidão de outros meninos, e da perspectiva de ser, no longo prazo, depois de muito estudo, um padre e de ter uma “vida boa de padre (BELATO et al., 2016, p. 67).

Em paralelo a isso, associa-se um apontamento de Dom Orlando na apresentação desse mesmo livro:

Não é que o “ideal” de ser padre fosse alheio à motivação da entrada no seminário. Esse era o aval para sair de casa. Para a maioria que entrava no seminário, aos 10 ou 12 anos de idade, seria absurdo exigir um discernimento vocacional maduro. Uma coisa é certa: a entrada no seminário abria portas espaçosas de opções de vida, que não a de simples colonos, para os filhos de imigrantes italianos (BELATO et al., 2016, p. 13).

Diante disso, ao aplicar os elementos instigadores investigados no que foi relatado na entrevista, conseguimos compreender que, de fato, a opção de Dom Orlando pelo seminário não foi e não deve ser interpretada como algo “*natural*”, no sentido de característica predestinada, mas sim, foi uma escolha e/ou um desejo possibilitado pelos elementos instigadores do meio social em que ele estava inserido. Portanto, em nossa análise, temos como elemento instigador fundamental, a religiosidade católica da família e da comunidade em que Dom Orlando nasceu e, como elemento decisivo para a escolha, a construção de uma perspectiva promissora de futuro.

Segundo a análise da entrevista, esse último e mais importante elemento, concretiza-se na trajetória de Dom Orlando na experiência que ele narra de ter ficado encantado pela festa de ordenação sacerdotal de seu tio, frei Justino Dotti (1909-1973), quando tinha 5 anos em 1935, e também, alguns anos depois, com a ordenação sacerdotal de seu outro tio, frei Celestino Dotti⁹, quando estava próximo dos 9 anos, em 1939. Nessa

⁹ Em “FRANCISCANOS Capuchinhos, Província Sagrado Coração de Jesus. Necrologia. Mês: junho.” há uma pequena estruturação familiar sobre os freis capuchinhos Dotti. A partir dessa estrutura, estipula-se que o outro tio capuchinho de Dom Orlando é Celestino Dotti.

condição de sobrinho de dois tios freis capuchinhos, Dom Orlando relata que eles eram, em certo sentido, uma inspiração para ele (Entrevista 19 fev. 2022). Assim, concluímos que esse encanto pela festa de ordenação e inspiração que os tios representaram para Dom Orlando, relacionam-se com o elemento instigador decisivo, a construção da perspectiva de um futuro promissor.

III Formação: Trajetória formativa

Passamos a estudar a trajetória de Dom Orlando a partir do momento em que entra no seminário. Nesse sentido temos que, após estudar na escola da localidade de Linha Silva Tavares, entre 1937 e 1941¹⁰, Dom Orlando entra no Seminário Seráfico Santo Antônio, localizado em vila Ipê, aos 11 anos de idade no dia 28 de fevereiro de 1942¹¹. Assim ele dá início a um processo formativo de 14 anos até 1956, quando conclui o curso de teologia e é realizada sua ordenação sacerdotal. Sobre esse período, essa narrativa histórica busca abordar, aspectos do contexto histórico social da trajetória de formação de Dom Orlando.

Octacílio Dotti permaneceu no Seminário Seráfico Santo Antônio, na cidade de Veranópolis, por 4 anos. Lá estudou uma parte do Curso Primário e parte do Curso Ginásial. Segundo Belato et. al., o curso primário tinha a função primeira corrigir as deficiências e homogeneizar os conhecimentos dos alunos para prepara-los para o ingresso no Curso Ginásial o mais rápido possível. Além disso, no curso primário ordenava-se e homogeneizava-se as divergências de níveis de estudos que os alunos traziam de suas trajetórias próprias das escolas rurais, distribuía-se os seminaristas em grandes turmas de segunda ou terceira série e, se aprovados, os alunos iriam direto para a quarta ou quinta série, de modo a não prolongar o Curso Primário por mais de dois anos. Belato et al, ao analisar sua experiência formativa, cita um trecho de um documento que nos ajuda na compreensão da finalidade dessa etapa formativa:

O fim do Curso Primário, ou preparatório é adaptar progressivamente o pequeno seminarista à vida dos nossos seminários, orientando-o desde logo, para a plena realização de sua vocação religiosa e sacerdotal; proporcionar-lhe um nível básico de conhecimentos gerais necessários ao estudo das Humanidades. O Curso Primário abrange as seguintes disciplinas: Religião e História Sagrada; Português, Aritmética, Geografia e História Pátria, Canto, Caligrafia, Desenho, Urbanidade e Educação Física. São disciplinas principais deste curso: Religião, Português e Aritmética. Secundárias as demais (PROVÍNCIA, 1954, artigos. 1º, 2º e 3º p.11 APUD BELATO et al., 2016, p.111-112).

¹⁰ Dom Orlando Dotti, Diocese de Vacaria.

¹¹ Recordação de 50 anos de bispo.

Dom Orlando, ao narrar sua experiência, considera que foi particularmente sofrida a saída de casa para ingressar no seminário. Entretanto, a presença de um primo e da familiaridade dos padres com a cultura dos alunos fez com que esse impacto da saída da família fosse de certa forma amortecido. Também considera, que o seminário tinha um regime de quartel – disciplinar - muito forte.

Eu acho que foi um momento muito duro pra mim. Principalmente sair de casa e deixar toda a família e depois viver no seminário. O que me amorteceu, digamos assim, esse impacto, da saída da família, foi que eu tinha um primo¹² que estava no seminário, e era dali da nossa... morava... era nosso vizinho, então... com esse primo a gente, de certa maneira foi se adaptando mais facilmente ao seminário. Mas o seminário tinha um regime de quartel. Eram mais ou menos uns 160, na minha época, e o regime era... como não podia ser diferente acho. Tinha que ser um regime... digamos, disciplinar, muito forte, para poder governar uma turma tão grande. Os padres que trabalhavam no seminário eram poucos, e quase todos eles, eram também da região da colônia italiana e conheciam bastante bem, o espírito, a vida de cada um. Então... o seminário de Veranópolis foi realmente, pra mim bastante impactante, principalmente nos primeiros anos, depois a gente foi se adaptando e achou aquilo, de certa maneira, muito normal (Entrevista 19 fev. 2022).

Após concluir o Curso Primário em dois anos (1942-1943), o seminarista Octacílio Dotti ingressou no Curso Ginásial com duração de 3 anos (1944-1946) e depois, no Curso Seminarístico (que viria a ser chamado de Curso Clássico) com duração de 2 anos (1947-1948). Segundo Belato et al., o ginásial tinha como finalidade de ensino uma formação humana básica voltada para o delineamento das características religiosas e também, o ensino dos conhecimentos gerais que o preparariam para os estudos superiores de filosofia e teologia, principalmente o estudo de línguas e disciplinas “de currículo” (PROVÍNCIA, 1954b, artigo. 16 p. 14-15 APUD BELATO et al., 2016, p.111-112).

Ao relatar sua experiência no Ginásial (1944-1946) e no Curso Seminarístico (1947-1948), Dom Orlando lembra que este constava na constituição do país e que muitos homens daquele tempo haviam estudado no seminário, sendo um deles, o ex-presidente Juscelino Kubitschek. Nesse sentido, Dom Orlando reforça que a “fama” do seminário estava em seu caráter disciplinar muito grande e na profundidade com que os estudos eram realizados. Ele também aponta que, embora houvesse um estudo disciplinar e profundo, o curso voltava-se para “o clássico” e não para “o científico” (Entrevista 19 fev. 2022). Além disso, considera que era um curso voltado para as humanidades, onde

¹² Entende-se que esse primo seja, Frei Arnaldo Dotti ou Frei Clemente Dotti. “Frei Arnaldo Dotti (1926-2011). Filho de Guerino Dotti e Anna Focchesatto Dotti, era primo de Dom Orlando Dotti e de Frei Clemente Dotti, sobrinho dos freis Celestino Dotti e Justino Dotti (FMM) e parente de Frei Dionísio Veronese” (FRANCISCANOS Capuchinhos, Província Sagrado Coração de Jesus. Necrologia. Mês: junho).

estudavam línguas, história, geografia com muita dedicação, enquanto que nas áreas de matemática, estudavam como em qualquer outro curso de ginásio (Entrevista 19 fev. 2022).

Ao terminar o Curso Seminarístico em Ipê, os alunos realizavam o chamado Noviciado, onde, como cita Dom Orlando, “entra-se na vida religiosa dos capuchinhos” (Entrevista 19 fev. 2022). Sobre essa etapa da formação, Belato et al., (2016) apresenta vários relatos de experiências pessoais negativas. Entretanto, Dom Orlando relata, de maneira sucinta, que: “foi um ano (1949) de muita reflexão, muito estudo, eu já tinha ido para o noviciado determinado pra ser capuchinho, não era pra mim um ano de prova, mas era de aprofundamento” (Entrevista 19 fev. 2022). Nesse sentido, ele acrescenta que esse aprofundamento foi em relação a vida espiritual, a vida religiosa e também de um reforço do compromisso com a própria ordem da qual ia fazer parte (Entrevista 19 fev. 2022). Além disso, sobre esse período, Dom Orlando também relata que teve a felicidade muito grande de ter convivido com o Frei Salvador Pinzetta (1911-1972) (Entrevista 19 fev. 2022). Segundo Dom Orlando, o Frei Salvador Pinzetta foi um modelo de capuchinho: “Muito simples, um homem de trabalho, um homem de oração, um homem de muita amizade. (...) foi para todos que passaram pelo noviciado um modelo de capuchinho, e ao mesmo tempo a gente via que era uma vida de simplicidade e ao mesmo tempo de autenticidade” (Entrevista 19 fev. 2022). Ao terminar esse ano do noviciado, o seminarista Octacílio Dotti faz seus votos de pobreza, obediência e castidade¹³ e torna-se frei Orlando Dotti.

As etapas seguintes de sua formação foram o curso de filosofia em Marau, com duração de 3 anos (1950-1952), e o curso de Teologia com duração de 4 anos; três anos em Garibaldi (1953-1955) e um ano em Porto Alegre (1956) (Entrevista 19 fev. 2022; Recordação de 50 anos de Bispo).

Dom Orlando relata que nos 3 anos de curso em Marau (1950-1952), dedicou-se muito a filosofia, teve professores muito bem formados e que, especificamente havia um professor de filosofia, Frei Jaime, que vinha recém formado de Roma e era muito exigente. Além disso, relata que, em primeiro lugar, tudo era ensinado em latim: perguntas, respostas, livros, explicação do professor e que o padre raramente dizia alguma palavra em português (Entrevista 19 fev. 2022; Entrevista 21 maio 2022).

¹³ Belato et al, afirma que no fim do noviciado são esses os votos perpétuos (2016, p. 113).

O entrevistado acrescenta que era uma filosofia voltada a escolástica, mas que também fazia uma crítica; um estudo comparado com outras correntes teológicas. Segundo Dom, “a gente estudava a escolástica e comparava, as vezes refutava, as vezes também aceitava partes de outras correntes filosóficas que vieram depois da escolástica” (Entrevista 19 fev. 2022). De maneira geral, o entrevistado avalia que sua experiência no curso de filosofia lhe forneceu uma visão estática da filosofia, e não uma visão dinâmica de uma filosofia dinâmica.

Dom: A gente estudava a escolástica e comparava, as vezes refutava, as vezes também aceitava partes de outras correntes filosóficas que vieram depois da escolástica. E... (...) e eu diria assim, uma visão muito estática. (...) Não era uma visão dinâmica de uma filosofia dinâmica, mas estática. De que uma filosofia, isto é, princípios filosóficos seriam permanentes e perenes, como a gente costumava dizer, filosofia perene e não era assim, uma filosofia de abertura para outras correntes outros pensamentos, embora a gente estudasse. Eu recorro muito bem que estudamos muito, discutimos muito o socialismo por exemplo, o capitalismo, assim por diante, todas essas correntes, que são correntes econômicas, mas também são correntes filosóficas. E principalmente a partir dos princípios dessas correntes filosóficas (Entrevista 19 de fev. de 2022).

Ao ser questionado sobre a formação na filosofia ter um possível caráter ultramontano, Dom Orlando responde que “o cunho geral (do curso) era um cunho clássico, mas, muitas questões novas na época eram trazidas e aceitas”, ou, então, que o curso passava um pensamento relacionado ao “clássico” “mas, que absorvia muitas das questões modernas” (Entrevista 21 maio 2022). Nesse sentido, Dom Orlando exemplifica o contexto, relatando que estudou cosmologia com uma posição a favor do evolucionismo e que, do estudo da ética (que foi muito aprofundado), partia da Lei Suprema (que era tradicional), mas que quando chegava no detalhamento de uma ética da ação do homem, “chegava a discutir muitas questões controversas, porque era já de certa maneira uma aceitação daquilo que era mais moderno na filosofia” (Entrevista 19 fev. 2022; Entrevista 21 maio 2022).

Dom: Como professor de filosofia, por exemplo, eu tive o **Frei Jaime**. Ele recém tinha se formado em Roma. É... um pensamento meio clássico, vamos dizer, mas ele já absorvia muitas das questões modernas. Por exemplo, quando se tratava da filosofia, se tratava da... da cosmologia. Na cosmologia... a gente tinha uma posição **em favor do evolucionismo**, isso nos anos 50; 50-51-52... Então é... digamos um... era um pensamento clássico, mas já absorvendo muitas daquelas ideias que eram já mais modernas. Por exemplo, os livros anteriores que nós tínhamos eram todos contrários ao evolucionismo. Inclusive, tentava provar filosoficamente que o evolucionismo não era... não era uma teoria válida; negava a teoria do evolucionismo. Ao passo que o professor que veio de lá era a favor da teoria do evolucionismo. Então... é claro, porque ele vinha com os pensamentos mais atualizados né. Quando se tratava por exemplo, também da... da ética, nos estudos de ética, um estudo que a gente aprofundou “muuuuuito”, meu Deus! Era...

era um pensamento tradicional que partia da chamada **Lei Suprema**, Lei Suprema; era tradicional, isso, tudo bem. Mas agora, quando chegava depois assim, o detalhamento, né, de uma ética da ação do homem, aí era muito interessante que chegava a discutir muitas questões é... controversas! É... porque... porque era já de certa maneira uma... uma aceitação daquilo que era mais moderno na filosofia, que eles vinham daquilo que havia de mais moderno. Então... digamos, o... o cunho geral era um cunho clássico. Mas muitas questões novas na época eram trazidas e aceitas. Eu por exemplo, sempre fui evolucionista em termos de... hoje não há o que discutir né. Mas, naquele tempo, os livros anteriores aos nossos eram contra. Mas o professor que vinha, vinha já com a ideia diferente, ele trazia os argumentos em favor (Entrevista 21 de maio de 2022, grifo nosso).

Para além dessas considerações críticas da experiência no curso de filosofia, Dom Orlando descreve que no último ano do curso, quase não haviam aulas e os alunos passavam a estudar para um exame no fim do ano chamado *Universa Filosofia* (de toda a filosofia) (Entrevista 19 fev. 2022). Segundo Dom, ao chegar no início do sexto e último semestre, considerou que já tinha estudado bastante (a filosofia), e que retomar os estudos dela seria perda de tempo (Entrevista 19 fev. 2022). Assim, conta que, após aconselhar-se com o frei missionário Daniel, decidiu iniciar o estudo de uma língua estrangeira. O idioma de sua escolha, seguindo o conselho do frei Daniel, foi o inglês. Ao analisarmos o trecho da entrevista em que Dom Orlando relata esse episódio, percebemos que essa escolha, relaciona-se a um contexto social da Campanha de Nacionalização (1937-1945) gerida pelo presidente Getúlio Vargas:

Dom: Esse padre era o Frei Daniel, que era missionário. Então como missionário ele pregava missões também nas regiões alemãs, e quando o alemão ia confessar, confessava em alemão, e ele não entendia nada. Então ele disse que teria estudado alemão. Mas diz: “agora os alemães também falam português e... acho que vai ser importante, daqui pra frente, o inglês”. Daquela hora em diante eu digo: “Agora eu vou estudar inglês.” E aí, pedi pro padre e fiz... entrei num curso de inglês que era por correspondência... vinha também, *long play*, três *long plays*, era um curso universal, do Instituto Universal, de São Paulo. Aí comecei a estudar inglês e não parei mais. E foi uma coisa que me valeu muito na vida, me valeu muito. Porque depois eu fiz o cultural americano, e com o cultural americano depois eu fui estudar nos Estados Unidos e aí me valeu demais demais demais. (...) depois eu comecei a frequentar ali Marau, tinha curso de inglês por lá. Eu comecei fazer... estudar inglês... me apaixonei pelo inglês (Entrevista 19 fev. 2022).

Ao fim do ano de 1952, frei Orlando faz e é aprovado na prova da *Universa Filosofia*, e então, no ano de 1953, inicia sua próxima etapa da formação sacerdotal, o curso de teologia. Nessa etapa, Dom Orlando cursou 3 anos (1953-1956) em Garibaldi e um ano (1957) em Porto Alegre. Esse último ano era chamado de “O Ano da Pastoral”, pois os alunos tinham a tarefa de, ao mesmo tempo que estudavam teologia, fazer a prática pastoral em paróquias.

Para além da descrição, Dom Orlando analisa criticamente que o curso de teologia significou para si um momento de abertura para o estudo de diferentes correntes teológicas, em que “ali é que nós entramos em contato com os homens daquele tempo” (Entrevista 19 fev. 2022). Dessa etapa de sua formação, Dom Orlando relata que leu o escritor francês Emmanuel Mounier (1905-1950) assim como também leu uma diversidade de revistas teológicas (muitas em francês, italiano, algumas em espanhol) que estavam presentes na biblioteca do seminário de Garibaldi. Mounier e outros teólogos desse período, compõem o movimento chamado *Nouvelle Théologie* francesa. Segundo Lowy, existe um vínculo privilegiado entre a Igreja Católica Brasileira e a Igreja Católica Francesa¹⁴.

Mientras que en el resto de Latinoamérica las iglesias locales dependían de las iglesias española e italiana, la de Brasil, que no puede recibir ayuda suficiente de Portugal, se fue vinculando progresivamente a la Iglesia francesa a partir del siglo XIX. Ahora bien, después del siglo XIX Francia es un país donde se desarrolla, en el seno del catolicismo, una corriente crítica anticapitalista atraída por el socialismo, que va de Charles Péguy a la CFDT de los años sesenta, pasando por Emmanuel Mounier, los cristianos revolucionarios del frente Testimonio Cristiano, la revista Esprit, la JEC y la JUC, etc. En los años cincuenta nos encontramos con una gran efervescencia en la Iglesia francesa, que ve aparecer las corrientes teológicas que llevarán al Concilio Vaticano II (Henri de Lubac, Yves Congar, Christian Duquoc), así como otras tendencias de sensibilidad social como los Curas Obreros o Economía y Humanismo. No hay nada comparable (salvo excepciones) en España o Italia. No sorprende, pues, que la Iglesia latinoamericana más próxima al catolicismo francés sea también aquella que conoce la más grande apertura y radicalización (LOWY, 1999 p. 178-179).

Ao analisarmos a entrevista, é possível perceber que Dom Orlando expressa uma importância singular desse momento de sua formação ao compara-la com sua experiência no curso de filosofia e no seminário:

Dom: Então eu poderia dizer o seguinte, a teologia pra mim foi, digamos uma... um estudo de pessoas, que como professores, todos eles formados, todos eles... eram até alguns recém formados e... com uma visão totalmente nova da teologia e ali é que nós entramos em contato com os homens daquele tempo... na filosofia nós não nos preocupávamos muito com o aspecto teológico, nem com os autores, nós realmente só olhávamos a parte da filosofia. Quando estávamos no seminário, também não tínhamos muitos livros de leitura, os livros de leitura eram quase todos na linha da literatura, isso sim tinha bastante livro e a gente procurava estudar então aquilo que era apresentado naquela época. Mas na teologia então começaram a surgir as diferentes

¹⁴“Examinar atentamente esta conexión francobrasileña no significa que uno quiera explicar la radicalización del catolicismo brasileño de principios de los años sesenta por la "influencia" de la Iglesia francesa. Como subrayaba Lucien Goldmann, la influencia no explica nada; al contrario, ella a su vez debe ser explicada por ciertas condiciones sociales e históricas que determinan una elección. Los brasileños escogieron, por así decir, sus fuentes, seleccionaron sus referencias, interesándose sobre todo en las manifestaciones más radicales y con frecuencia "heterodoxas" del catolicismo francés. Todo movimiento social y cultural "inventa" en cierta forma sus fuentes, su origen, sus profetas e inspiradores, y los reinterpreta en función de sus necesidades” (LOWY, 1999 p. 179-180).

correntes teológicas. Ai, **o personalismo de Mounier**, por exemplo, está muito presente e... claro, a teologia... tinha uma biblioteca muito grande, muito vasta e também muito atualizada, tinha muitas revistas e nós ficamos conhecendo mais esses autores, todos eles, através das revistas, mais do que através dos livros. Havia sempre a revista que traziam artigos de autores, então um pegava uma revista, “pam”, ficava lendo, conhecendo e já falava pros outros... “Ó, tem na revista tal, tem isso, tem aquilo, tem aquilo...” E eu tive a felicidade de trabalhar na biblioteca e fazer a classificação dos livros e das revistas. Então eu estava sempre em contato e o que nos atualizou, digamos assim também... dentro das diferentes correntes daquela época foram mais as revistas do que os livros. (Entrevista 19 fev. 2022, grifo nosso)

Sobre as revistas e a dinâmica de leitura dos autores da *Nouvelle Théologie* francesa, que os alunos do curso de teologia de Garibaldi tiveram acesso, Dom Orlando descreve a presença da Revista Eclesiástica Brasileira (REB) e de uma diversidade de outras revistas escritas em francês, italiano e espanhol, e que eram, aproximadamente, umas 30 revistas de teologia. Além disso, pelo relato de Dom Orlando, sobre o contato com o movimento da nova teologia francesa, percebe-se que ele cria um novo olhar para “a corrente teológica anterior” da qual ele estava inserido no seminário e no curso de filosofia. Esse novo olhar configura-se como um indicio da “atualização teológica”, a qual, Dom Orlando, dá especial atenção na entrevista.

Dom: Eu recordo que nós como seminaristas escrevíamos uma vez uma carta, ao **frei Boaventura**, que também era seminarista em Roma, pra que nos falasse um pouquinho das correntes que haviam, principalmente das correntes da qual faziam parte os franciscanos, os capuchinhos. E eu me recordo muito bem que ele dizia que... nós tínhamos muito a filosofia de **Duns Scotus** e... ele dizia que haviam outros autores, hoje mais importantes que eram autores modernos e... citou lá uns quantos. Então é... digamos, **a atualização teológica**. Nós a fizemos através das revistas muito mais do que através dos livros. (Muito) Mais à frente é que começaram a aparecer os livros, porque, era muito difícil o livro trazer o livro da França, trazer o livro da Itália, da Espanha, que era o que nós víamos muito. Eram essas 3 línguas que nós dominávamos bastante. (Entrevista 19 fev. 2022, grifo nosso)

Como último ponto de sua trajetória formativa, até a ordenação sacerdotal, o entrevistado relata sua experiência do “ano de pastoral” (1956), realizado na Igreja de São Sebastião, de Petrópolis, em Porto Alegre. Segundo ele, foi um ano de trabalho bastante intenso onde “nós procuramos viver mais a prática do que o aprofundamento teológico”. Nesse sentido, Dom Orlando considera que aquilo que mais lhe valeu nesse ano foi a prática da pregação, mais especificamente, “essa prática a gente foi, digamos adquirindo por experiência pessoal porque não havia muita orientação pra isto. E então, eu me dediquei muito a pregação, e, principalmente, a partir da palavra de Deus, a partir diretamente do texto bíblico” (Entrevista 19 fev. 2022).

Em 8 de abril de 1956, Dom Orlando é ordenado presbítero e no final do ano conclui seus estudos teológicos. No capítulo dois desse trabalho, iniciaremos abordando

o curso no Cultural Americano que Dom Orlando inicia no período de férias de 1957 e com a designação que recebeu para trabalhar no Seminário Seráfico Nossa Senhora de Fátima, em Ipê. Mas antes disso, abordaremos, em dois últimos subcapítulos, um pouco desse processo de “atualização teológica” e do contexto-histórico vivido por Dom Orlando nessa etapa de sua trajetória.

IV Formação: “Atualização teológica”

Ao relatar as etapas do curso de filosofia e do curso de teologia, o entrevistado apresenta observações críticas sobre a própria trajetória que apontam para um processo histórico de transformação da concepção da doutrina, ou da corrente teológica, da Igreja Católica. Isso também aparece na etapa do curso seminarístico, quando Dom Orlando relata que se estudava mais na linha do clássico do que do científico (com clássico entende-se Dun Scottus e a escolástica; com científico, entende-se matemática e ciências biológicas). Nesse sentido, temos um indício que aponta para a configuração da “doutrina” ou “corrente” teológica que permeava o contexto de Dom Orlando e os outros seminaristas naquele momento. Nesse contexto, o entrevistado considera que antes desse processo “nossos estudos eram bastante clássicos”, “não eram estudos da modernidade, dos tempos que estávamos vivendo”, “a gente vivia quase sempre do passado - e tanto, digamos assim, do ponto de vista cultural, quanto do ponto de vista das nossas atitudes, era muito ligadas ao passado e poucas do momento presente na história que a gente estava vivendo” (Entrevista 19 fev. 2022). E considera que, esse “fechamento” da Igreja no passado, seria algo naturalizado, quando diz que “a gente não sentia muito, não sentia muito esse fechamento da igreja porque era quase que um hábito” (Entrevista 19 fev. 2022).

Alguns elementos que indicam a configuração da “doutrina teológica”, no curso de filosofia: o relato de estudarem tudo em latim; a consideração de que a filosofia estudada era voltada para a escolástica e que embora fossem feitas críticas e não fosse concordado com tudo da escolástica clássica; consideração de que o curso de filosofia lhe passou uma visão “estática” de uma filosofia estática e não uma visão dinâmica de uma filosofia dinâmica (Entrevista 19 fev. 2022); na teologia, os professores de dogmática seriam “clássicos”; também cita que os padres professores mais antigos “normalmente seguiam manuais e autores, que ainda não tinham incorporado o pensamento desses autores que estavam, digamos, na ativa” (Entrevista 21 maio 2022). Entretanto, também haviam indícios de “atualização teológica” nos professores vindos recém formados de Roma, como o frei Jaime (em filosofia, posicionando-se a favor do evolucionismo) e o

professor de bíblia (na teologia) que estudou com o Cardeal Bea, “a posição que ele tinha para aquela época, para o momento de hoje, teria sido posições normais, mas pra época era novidade”¹⁵ (Entrevista 21 maio 2022); no aprofundamento do estudo da ética da ação humana na filosofia e no estudo de bíblia na teologia (Entrevista 19 fev. 2022; Entrevista 21 maio 2022).

Através da revisão bibliográfica, compreende-se que esse processo vivido por Dom Orlando consiste num processo histórico de transformação de doutrina social romanizadora (dogmática, ou ultramontana) para uma doutrina social de abertura com a modernidade, na qual a *Nouvelle Théologie* francesa sobressai como um referencial.

A romanização consistia em centralizar o poder de mando da Igreja de maneira que ele fosse controlado a partir de Roma (HOORNAERT, 1996, p.177). Ela também consiste em uma ideia de fazer frente a um processo histórico de “modernização”, ou dessacralização, do mundo ocidental e ao processo dos Estados-nação romperem com a Igreja. Nesse sentido, o projeto de construção de uma sociedade capitalista, liberal e burguesa, ou de uma sociedade socialista construída a partir da luta de classes, desagradava a Igreja. Esta criticava esses projetos a partir de valores morais religiosos. Por um lado, a Igreja reprovava a acumulação desnecessária/burguesa de bens materiais. Por outro, ela também reprovava a luta de classes, compreendendo que todos os indivíduos são iguais perante Deus, ou seja, todos fariam parte de uma mesma classe e a luta de classes marxista seria uma luta de irmão contra irmão (ROPS, 2003, p. 446; BELATO et al, 2016, p. 161).

No século XVIII, a Igreja Católica foi impelida a se relacionar com essas ideias devido as transformações sociais e políticas. Segundo Rops, no século XVIII a Igreja lutava contra forças que a atacavam e que procuravam minar seus alicerces (2003, p. 450-451). Belato et al. sintetiza essas forças que a atacavam da seguinte forma:

A Igreja esperava que os leigos assumissem a dura tarefa de “restaurar” o poder que lhe teria sido usurpado ao longo dos últimos 500 anos, inicialmente pela Reforma Protestante e, depois, pelo largo movimento revolucionário da modernidade, que englobava a Filosofia e a Ciência moderna, as teorias e a prática política, a militância iluminista e o racionalismo que lhe é inerente, o capitalismo e sua ideologia liberal, o socialismo e o marxismo. E, finalmente, pela traumática perda dos Territórios Pontifícios em 1870, quando se completou a Unificação da Itália. É a esse bloco amplo e heterogêneo de fenômenos que a Igreja denominou “modernismo”, ou mundo moderno, que era preciso combater e, se possível, eliminar, para que a Igreja voltasse a

¹⁵ “A forma de interpretação da bíblia, digamos, era totalmente diferente né. Uns era muito mais a interpretação literária, outros era mais a interpretação do espírito né, porque a interpretação literária... não... não tem muito sentido né” (Entrevista 21 maio 2022).

“restaurar” seu antigo poder de “mãe, mestra” e árbitra da sociedade. (BELATO et al., 2016, p. 161)

A partir desse bloco amplo e heterogêneo de fenômenos, foi tomada a primeira (re)ação da Igreja em relação a essas mudanças sociais. Ela que foi fortemente conservadora e condenadora das ideias modernas¹⁶. Como exemplo, tem-se o bombástico catálogo *Syllabus* (1864), lançado pelo Papa Pio IX que sistematizou os pensamentos tradicionais de seus antecessores. De maneira geral, esse catálogo revisava todas as doutrinas que minavam a Igreja e a sociedade cristã. Assim, sistematicamente, ideias modernas são rejeitadas, tal como no último erro citado "O Pontífice romano pode e deve reconciliar-se e pôr-se de acordo com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna" (*Syllabus* APUD ROPS, 2003, p. 446). Belato et al., descreve isso como “ódio piononino ao mundo moderno” (2016, p. 194).

Interpreta-se que a romanização integral, a doutrina social cristã como parte de “uma sequência sempre aberta, nunca definitivamente acabada, de concepções relativas ao social, em toda a amplitude do termo” (DOTTI, Orlando IN: BIGO, Pierre. 1982, p. 7). Nota-se que a doutrina de romanização, conforme o desenrolar do século XX vai gradativamente transformando-se e também dando lugar para outras doutrinas sociais, teológicas, de costumes, práticas e posicionamentos desenvolvidos pelos cristãos.

Nesse sentido, Dom Orlando vivencia essa transformação em 1942 a 1956 (e nos anos seguintes), um processo de modificação, ou “atualização”, dessa doutrina - dogmática, ultramontana, e condenadora da modernidade - para uma doutrina que aceita aspectos da modernidade (exemplo disso é o posicionamento em favor do evolucionismo que o frei Jaime ensinou a Dom Orlando). Essa nova doutrina, também evidencia-se na trajetória de Dom Orlando, quando ele cita que no curso de teologia, “entrou em contato com os autores daquele tempo”, com as revistas de teologia (a maioria em francês) e a leitura de Emmanuel Mounier (Entrevista 21 maio 2022).

V Formação: Sobre integralismo nos anos 1940-1956

É importante observar que apesar da *Nouvelle Théologie* apontar como um grande movimento atualizador da teologia no Brasil, outras correntes teológicas e ideológicas permeavam o contexto histórico social de nosso sujeito-objeto. Dom Orlando assim descreve:

¹⁶ Rops destaca que houveram manifestações contrárias “a condenação da modernidade” e, numa análise mais profunda, no catálogo *Syllabus* “Pio IX não quisera rejeitar em si mesma toda a civilização moderna, a liberdade e o progresso (...) mas anatematizava a liberdade, o progresso e o mundo moderno tais como os descrentes os concebiam, ou seja, como máquinas de guerra contra a religião” (2003, p. 448).

Dom: (...) todos os colonos naquela época, todos eles eram a favor de Getúlio, de Mussolini, de Hitler não. Hitler... é engraçado, eram todos a favor de Mussolini e todos contra Hitler, pelo menos da colônia italiana né.

L: O próprio Dom Helder, ele acabou, em um momento, simpatizando com os integralistas né?

Dom: Sim sim sim, não, mas o integralismo foi um movimento que se apresentou muito digamos assim, favorável para igreja. Nós todos, todos nós lemos o livro de Plínio Salgado na filosofia, o livro “Jesus Cristo”, ele escreveu um livro sobre Jesus Cristo, muuuito interessante o livro, e num estilo muito bonito, ele... ele tinha um estilo muito bonito. E... não todos, mas a maioria naquela época eram simpatizantes, não que eram integralistas, mas eram simpatizantes das ideias, de algumas ideias do integralismo (Entrevista 19 fev. 2022).

Além disso, Dom Orlando relata que:

Dom: Eu não... não tenho muita... digamos assim, afinidade porque o forte do integralismo foi... pros anos 1938-1940. Depois disso... sumiu. Sumiu. Praticamente Getúlio acabou com o... integralismo. E... veio ressurgir depois quando se redemocratizou o país. Aí vieram... veio sub... aí se conheceu quem era Plínio Salgado, por exemplo. Que antes agente só conhecia Plínio Salgado pelos escritos... principalmente pelo livro dele “A vida de Jesus Cristo”, que era muito lindo e... que não tinha assim, uma preocupação de... integralista né; não tinha muito essa ideia. Ele escreveu uma vida assim... Não sabia o que fazer, eu acho. Tava lá... no Portugal... exilado... então, escreveu a vida de Jesus. Mas a gente não sabia disso. A gente nem sabia; que ele tinha sido integralista, que ele tinha feito porque, porque era... eu tinha 8 - 10 anos; não se sabia nada, nada de nada né. E quando ele voltou a... a ressurgir já tinha todas muitas outras todas ideias novas né. Porque a primeira coisa que... e quando, quando... quando retiraram Getúlio do governo, em 45, (...) ¹⁷ E daí é que também ressurgiram as ideias do... integralismo. Que nos anos 1940 ninguém falava, ninguém falava; eu nem conhecia. (Entrevista 21 maio 2022).

Lowy descreve que a crítica, romântica, ao liberalismo capitalista moderno burguês, e também ao ideário comunista, facilitou, nas décadas de 1930 e 1940, uma simpatia com o movimento integralista brasileiro daqueles que vieram a ser, na década de 1960, a “esquerda católica”.

Helder Câmara no fue el único católico que evolucionó del maurassismo de Jackson de Figueiredo hacia lo que se designa habitualmente como la "izquierda cristiana"; lo mismo ocurrió, entre otros, con el gran intelectual católico brasileño Alceu Amoroso Lima. Sería apresurado deducir que los dos extremos no son más que ramas del mismo tronco, el catolicismo intransigente. Pero es verdad que una cierta crítica "romántica" del liberalismo capitalista moderno pudo facilitar el paso de ciertos católicos de una posición corporatista y archiconservadora al cristianismo liberacionista. (LOWY, 1999, p. 196)

¹⁷ Dom Orlando relata sobre sua experiência no período em que Getúlio Vargas foi ditador e depois presidente, e como, quando retiraram Getúlio, sentiu uma sensação de liberdade: “E é interessante, que a gente não consegue definir. Várias vezes eu pensei nesse momento da história; da minha história! Porque nós passamos de um governo que era ditador, um ditador em todo caso, que sabia manejar as coisas, mas era ditadura, de Getúlio, né, para a democracia. E quando retiraram Getúlio e fizeram um governo... (...) um governo provisório, Fiusa, (...) e depois veio Dutra. Dutra foi uma continuidade de Getúlio. Foi uma continuidade; foi um partido que Getúlio fundou, e assim por diante, mas a gente... achou que era assim, havia uma sensação de liberdade, não sei porque.... não sei porque... a democracia. A palavra talvez já dizia tudo” (Entrevista 21 maio 2022).

Para além dessa posição em relação ao integralismo, verifica-se que em determinado momento de sua trajetória, Dom Orlando viveu, o que pode ser interpretado como “um evento de formação antifascista”:

Dom: Eu me recordo que nos anos 1956... 1956, teve... aquela, acho que primavera... (...) Teve, teve um... levante lá na... Hungria... é. E então o... o **padre Antônio Lebman**, era professor da universidade em Porto Alegre, universidade católica, ele fez um... um... fez um encontro de pensadores sobre... digamos assim, ... ele... ele... A ideia dele era contra, contra as ditaduras, essas coisas; ditaduras mais né. Porque... foi a ditadura comunista que se impôs né. Aí convidaram o **Érico Veríssimo** pra falar também, e... e nós estudantes fomos lá, fomos ouvir. E o Érico Veríssimo, a primeira coisa que ele condenou foi a ditadura franquista e a ditadura salazarista e depois os outros... que os outros tinham ido em primeiro lugar para condenar e só condenar o comunismo. Eu sei que o padre Lebman que foi o diretor ficava lá bem assim, e outro disse...: eu disse “sou contra qualquer tipo de ditadura e de direita ou de esquerda”. E deu-lhe em cima de Franco, deu-lhe em cima de Salazar (risos)... foi muito interessante. E o padre que tinha promovido o encontro ficou meio assim, sem jeito lá naquele cantinho. Isso Érico Veríssimo, que ele tinha um pensamento bastante ligado ao marxismo. Não era marxista de todo, mas ele tinha... ele era anti-imperialista. (Entrevista 21 maio 2022, grifo nosso)

Dessa forma, nas falas de Dom Orlando, percebemos o quanto a formação intelectual, os cursos e seus professores tiveram um grande impacto nas suas opiniões e formação moral/ética. Logo, percebe-se que o a noção individualista incorre ao erro, pois o indivíduo também é construído por uma coletividade que o cerca, assim como a conjuntura histórica que vive em determinado período. Por isso, o contexto e o coletivo são fatores que sempre devem ser considerados e estudados nas análises que partem do estudo da trajetória de alguém.

CAPÍTULO II – PADRE

Nesse capítulo, pretende-se abordar um trecho da trajetória de vida de Dom Orlando no qual atuou como sacerdote por 13 anos, de 1956 a 1969. Esse recorte abrange o período em que o entrevistado realiza o curso de inglês no Cultural Americano, em Porto Alegre, o momento de “intercambio” em Washington, nos Estados Unidos (1958-1959), sua atuação como professor no seminário de Ipê (1957-1962), sua atuação como diretor e professor do Curso Clássico em Marau (1962-1964) e sua atuação como professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (FAFI), em Ijuí (1964-1965) e em Santo Ângelo (1965-1969)¹⁸.

Além desses aspectos de sua trajetória, também pretende-se abordar a experiência de Dom Orlando em relação a eventos marcantes de seu contexto histórico. Em especial, as transformações da Igreja e do contexto político; a Revolução Cubana (1953-1959); a

¹⁸ Recordação de 50 anos de Bispo; Dom Orlando Dotti, Diocese de Vacaria.

Campanha da Legalidade de Leonel Brizola (1961); a visita do provincial de frei Celestino Dotti a FAFI em 1964; a condenação de Teilhard de Chardin (1962); o Concílio Vaticano II (1962-1965); o Golpe Cívico-Militar de 1964; o posicionamento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e a atuação de Dom Aloisio Lorscheider na década de 1960; e a II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano em Medellín – Colômbia (1968) (Entrevista 19 fev. 2022; Entrevista 21 maio 2022).

I Padre: Professor no Seminário Seráfico Nossa Senhora de Fátima, Ipê-RS (1957-1962)

No ano de 1956, Dom Orlando concluiu o curso de teologia e foi ordenado sacerdote. Ele conta que, no início do ano seguinte, sem sua surpresa, foi designado para trabalhar no Seminário Seráfico Nossa Senhora de Fátima, em Ipê (BELATO et al, 2016, p. 11). Mas, para além dessa designação, no período de férias de 1957 e de 1958, Dom Orlando frequentou duas etapas do curso de inglês no Cultural Americano¹⁹ (BELATO et al, 2016, p. 11). Segundo o entrevistado, esse curso de inglês lhe foi muito importante, porque conseguiu ter um bom desempenho e, com esse conhecimento, lhe foi possível ir para os Estados Unidos (Entrevista 19 fev. 2022).

Em fevereiro de 1958, Dom Orlando teve o primeiro contato com a “turma” ou o “curso” que escreveu o livro *“Legado Franciscano: Contribuição dos freis capuchinhos na educação de filhos de colonos italianos no Rio Grande do Sul 1950-1970”* (BELATO et al, 2016, p.11).

No segundo semestre de 1958, após trabalhar um ano e meio como professor de literatura portuguesa, história geral moderna, grego e inglês no seminário de Ipê²⁰, Dom Orlando, aos 28 anos de idade, vai para Washington - Estados Unidos – com a finalidade de melhorar seu inglês. Em Washington, permaneceu por um ano cursando aulas de inglês para estrangeiros e participando de cursos de extensão na Universidade Católica, “sempre com os olhos voltados para o Seminário de Ipê” (Entrevista 19 fev. 2022; BELATO et al, 2016, p.12).

¹⁹ “Em Porto Alegre, no Edifício União, no 13º andar. Eram as pessoas que trabalhavam no consulado que davam o curso. Então eram todas pessoas que, de fato, tinham dificuldade de falar português, quase não falavam... falavam só em inglês e... mas valeu muito pra mim, porque eu fui bem naqueles cursos e depois com esse conhecimento que eu pude ir para os Estados Unidos” (Entrevista 19 fev. 2022)

²⁰ Dom Orlando, em entrevista, relata que também dava aulas de língua portuguesa e italiano. (Entrevista 19 fev. 2022)

Dom Orlando conta que em Washington, morou em uma casa de teologia (Entrevista 19 fev. 2022), e a partir desse local, conseguiu realizar cursos²¹ de Educação Comparada e Raízes da Língua²² (BELATO et al, 2016, p.12). Nesse contexto de proximidade com o estudo de teologia em Washington, Dom Orlando considera que “a filosofia e a teologia que se ensinava nos Estados Unidos era igual a que nós tínhamos aprendido em Garibaldi, mesma coisa” (Entrevista 19 fev. 2022) e que “os estudantes que frequentavam a teologia (...) estudavam a teologia clássica” (Entrevista 19 fev. 2022). Desses dois trechos, observa-se um “padrão” nos estudos de teologia que aparenta refletir um contexto histórico onde a “doutrina romanizadora” ainda possuía algum papel organizador na Igreja. Além desses dois trechos, há um terceiro, onde Dom Orlando a considera que, de maneira mais profunda, ele próprio e os outros freis foram atualizar o pensamento teológico (de maneira mais profunda) quando se tornaram professores, porque, como estudantes, aprendiam um conteúdo comum em todas as escolas, um conteúdo clássico, que segundo relato, era o mesmo que esse estudava em Roma (Entrevista 19 fev. 2022).

Dom Orlando relata que, quando estudante, encontrou-se com um colega estudante de teologia da Sagrada Família, de Passo Fundo, e com o professor de filosofia dele, o padre Pantaleão. Este padre tinha voltado a pouco tempo de Roma. Por causa disso, Dom Orlando o questionou a cerca de como era o estudo de filosofia em Roma. O Padre Pantaleão haveria respondido: “-Boaie²³ aqui e Boaie em Roma”²⁴ (Entrevista 19 fev. 2022).

Além disso, em entrevista, Dom Orlando relata que foi o primeiro capuchinho do Rio Grande do Sul a estudar nos Estados Unidos e que essa viagem de estudos só foi

²¹ “(...) eu fiz vários cursos. (...) Mais na área da educação, na área da educação, e... mas... fiz educação comparada, por exemplo, da educação nos Estados Unidos com o Chile, fiz... fiz educação... Princípios da Educação. Uma série de coisas assim, que eram os cursos mais, digamos, fáceis pra gente fazer, entrar, e também mais barato, a gente não tinha muito dinheiro. E depois eu sempre fazia cursos que existiam para os estrangeiros, sobre língua. Então, *speak clinic*, assim por diante né, cursos de melhoramento da língua, raízes da língua (...)” (Entrevista 19 fev. 2022)

²² “Eu sei que quando fiz raízes da língua eu, de certa maneira, me projetei porque, houve um autor que falava das raízes que vinham do grego, e eu era o único que sabia grego naquele curso, muitas vezes eu ia lá e escrevia a palavra em grego e ele não escrevia em grego, ele escrevia em inglês né. Por exemplo, “drama”, ele escrevia da forma inglesa e ia lá e escrevia da forma grega, tanto que os alunos daquele curso lá me chamavam de “Grecman” ... (risos) o homem grego (risos) “The Grecman”” (Entrevista 19 fev. 2022).

²³ Na transcrição da entrevista houve problemas na compreensão de quem Dom Orlando estava se referindo, apenas entende-se que foi dito “Boaie”.

²⁴ Segundo Dom: “Mas esses autores, como Boaie, ele foi apenas um sistematizador e não um criador de filosofia, como todos os autores daquela época. Os que digamos, inovaram, foi através de livros, mas não de filosofia, mas de um pensamento próprio, eles faziam um pensamento próprio, que era filosófico, e então foram atualizando” (Entrevista 19 fev. 2022).

possível pela iniciativa de Fidelis Dalcin Barbosa²⁵ (Entrevista 19 fev. 2022). Segundo Dom, “era costume na época de todos estudar em Roma. Todos os nossos estudantes daquela época faziam cursos em Roma, era aconselhado fazer cursos em Roma, de filosofia ou de teologia, era só. Eu fiz de letras” (Entrevista 19 fev. 2022).

Dom: (Fidelis Dalcin Barbosa) dizia: “-Mas hoje em dia, pra aprender bem uma língua, a gente tem que ir no lugar onde se fala a língua, se não (diz) não vale.” E falou pro provincial “-Porque é que não manda lá, não custa (diz). Vai num convento, não tem despesa pra pagar, estuda.” Ai o prof... sabe, falo. “-Mas você gostaria de fazer um curso assim?” “Ah, seria ótimo! (Digo) seria ótimo!” Depois de ter feito o Cultural Americano né? Fazer um estudo no país de fora... ah, aceitei imediatamente né, mas fiquei só um ano. Devia ter ficado um pouco mais, devia ter ficado dois anos, eu acho que... ficaria melhor pra mim, mas eu dominava muito bem, porque fazia pregações, fazia tudo e... dominava muito bem a língua. E eu tinha estudado bastante aqui, a língua, só que me faltava um pouco, a fluência, a prática e que, adquiri lá (Entrevista 19 fev. 2022).

Observa-se que, em alguns trechos da narração do entrevistado, aparecem indícios que apontam aspectos do contexto histórico desse momento. Esses aspectos referem-se a permanências históricas, mas também a significativas transformações: “era costume na época de todos estudar em Roma. Todos os nossos estudantes daquela época faziam cursos em Roma, era aconselhado fazer cursos em Roma, de filosofia ou de teologia, era só. Eu fiz de letras” (Entrevista 19 fev. 2022); “a filosofia e a teologia que se ensinava nos Estados Unidos era igual a que nós tínhamos aprendido em Garibaldi, mesma coisa” (Entrevista 19 fev. 2022), e ainda:

(...) foi muito interessante aquilo (estudos em Washington), me valeu muito, mas os estudantes que frequentavam a teologia... todos eles eram estudantes que focavam, que estudavam a teologia clássica. Mas foi o ano, em que eu estava lá, foi o ano que foi eleito o Papa João XXIII (...); lá... começou, digamos assim, a novidade pra eles também, com o Papa João XXIII (Entrevista 19 fev. 2022).

Nota-se que com a ajuda de Fidelis Dalcin Barbosa, Dom Orlando rompe de maneira inédita com o costume de exclusividade romana de estudos no estrangeiro, que fossem de filosofia ou teologia, e vai estudar letras em Washington. Essa ação é um forte indício de que em 1958 a doutrina dos capuchinhos do Rio Grande do Sul estava passando por um processo de transformação, no qual Dom Orlando também é protagonista. Tal como ele próprio é “atualizado” ele também “atualiza” a doutrina dos capuchinhos em

²⁵ Fidélis Dalcin Barbosa, ou Fidêncio Giocondo Dalcin, (1915-1997). Foi um professor, escritor e jornalista do Rio Grande do Sul, autor de 56 livros, entre os quais: *Prisioneiros dos bugres*, de 1966, *História do Rio Grande do Sul*, *Luís Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães*, de 1977, *Os fanáticos de Jacobina: os Muckers*, de 1984 e *Antônio Prado e sua história*, de 1980. Foi correspondente e colaborador dos jornais *Correio do Povo* e *Correio Riograndense*. (Fidélis Dalcin Barbosa. Wikipédia).

Ipê; quando trabalha como professor, sacerdote e difunde seus conhecimentos do período de estudos em Washington nas aulas e no convívio social.

Em julho de 1959, Dom Orlando encerra seus estudos em Washington e retorna para Ipê. Nesse sentido, compreende-se que ele promove um novo impulso transformador do contexto social. Em entrevista, ele considera que “o segundo semestre desse ano (1959) foi um teste de validade dos estudos fora do Brasil e dediquei-me com muito empenho no ensino no seminário e na pastoral, em São Paulino²⁶” (BELATO et al, 2016, p.12). Além disso, os ex-seminaristas que escreveram em Belato et al relatam que “frei Orlando, ao retornar dos Estados Unidos, após a realização de um curso de língua inglesa, num gesto pioneiro (entre os capuchinhos no RS), de lá voltou vestindo um terno cinza com ‘clérgma’” (2016, p. 153).

No fim desse ano, em 6 de dezembro, a “turma” ou o “curso” que produziu o livro “Legado Franciscano (2016)”, forma-se no Curso Ginásial em Ipê. Eles escolhem o então frei Orlando Dotti como patrono da turma. Na ocasião, é feito um registro fotográfico dos formados com o seu professor patrono.

²⁶ Em 1958, em São Paulino, Dom Orlando se encontrou pela primeira vez com Leonel Brizola: “Dom: Eu me encontrei pela primeira vez com o Brizola em São Paulino. Ele passava pra campanha dele, de 1958. Ele passava ali e... então eu estava atendendo lá na igreja e ele chegou lá falar comigo. E então ele perguntou pra mim: “-O que que esse pessoal precisa? O que que ele quer?”. (Dom Orlando dizendo) “O pessoal quer 3 coisas: quer escola...” não tinha escola lá em São Paulino, tinha uma escolinha de nada... “quer escola, quer eletricidade e quer estrada.” Ai tá. Ai o Brizola terminou a conversa comigo, foi lá na frente... tinha o pessoal lá preparado para o discurso dele... e ele foi lá, disse: “-Acabei de falar com o vosso pároco.” Eu não era pároco, mas ele disse “vosso pároco” “-E ele me disse que precisa de 3 coisas...” e disse as 3 né “-Precisa de escola, estrada e eletricidade”. Disse: “-Eu não prometo, não é costume meu prometer, mas é programa meu. Então dentro do meu programa, se no terceiro ano do meu governo vocês não tiverem isso, vocês venham me procurar que terei ainda um ano para dar pra vocês aquilo que vocês pedem”. E depois falou, falou... Ai, então eu tinha tido uma boa impressão dele. Pessoalmente né, achei que ele foi muito correto... e também não foi falar antes de vir falar comigo e tá... foi muito correto. Então eu fiquei com uma boa impressão (...)” (Entrevista 19 fev. 2022).



Foto comemorativa da conclusão do Curso Ginásial da turma de Belato et al. Vila Ipê, 6.12.1959. O patrono da turma foi frei Orlando Dotti. (BELATO et al, 2016, p. 203)

Atenta-se que esse processo de transformação de doutrina não estaria restrito apenas aos capuchinhos gaúchos. Apesar de que, “a filosofia e a teologia que se ensinava nos Estados Unidos era igual a que nós tínhamos aprendido em Garibaldi, mesma coisa” (Entrevista 19 fev. 2022) e “os estudantes que frequentavam a teologia... (em Washington) todos eles eram estudantes que focavam, que estudavam a teologia clássica” (Entrevista 19 fev. 2022), em determinado trecho da entrevista Dom Orlando considera que: “Mas lá... (Estados Unidos) começou, digamos assim, a novidade pra eles também, com o Papa João XXIII” (Entrevista 19 fev. 2022). Nesse sentido, o relato do entrevistado atenta que essas mudanças não estavam acontecendo só em Ipê e na doutrina dos capuchinhos do Rio Grande do Sul, mas sim, eram um processo que afetava toda a Igreja e logo ganharia um enorme impulso com a eleição do Papa João XXIII e o Concílio Vaticano II (Entrevista 19 fev. 2022).

Dom Orlando trabalhou cinco anos como professor no seminário de Ipê. Nesse período, continuou estudando e relata que, ainda nos Estados Unidos, leu e achou muito interessante o livro “America”, ou “Reflections on America”, de Jacques Maritain (1882-1973) e acrescenta “nós usávamos muito Maritain para o estudo da lógica, ele escreveu um livro de lógica e eu usei muito esse livro dele. Mas é a lógica clássica, não é a lógica moderna” (Entrevista 19 fev. 2022). Ainda sobre esse período, considera que “a gente

modernizou o pensamento como professor. Como estudante nós aprendemos aquilo que era ensinado em todas as escolas (...)” (Entrevista 19 fev. 2022). Aquilo que era ensinado em todas as escolas, era o pensamento “clássico”.

Ainda em relação ao período em que esteve em Ipê, Dom Orlando relata seu trabalho como professor da disciplina de história moderna e sua predileção por lecionar sobre a Revolução Francesa. Dom Orlando considera que, em sua percepção, a Revolução Francesa foi uma revolução que, não mudou apenas o regime político, mas modificou a maneira de ser da sociedade, do ponto de vista de pensar e viver a política em um sentido de que “a sociedade se tornou responsável pelo próprio governo”; tornou-se “uma sociedade participante da política” (Entrevista 19 fev. 2022).

Dom: (...) A sociedade começou a pensar diferente em relação à política e começou a ser uma sociedade política, isto é, participante da política. No sistema absolutista, régio, o povo não tem nada a dizer e nada a pensar, e era o que acontecia naquele tempo. A partir da revolução, a sociedade se tornou responsável pelo próprio governo, e aí, a partir disso, houve então toda essa mudança que a gente percebe, a partir da revolução francesa e das outras revoluções (...). (Entrevista 19 fev. 2022)

O entrevistador aponta que, nesse período, em que Dom Orlando estava lecionando em Ipê, também estava ocorrendo a Revolução Cubana. Assim, o entrevistado relata que, junto com outros padres em Ipê, tinham sempre jornais e acompanhavam “os movimentos de Fidel Castro” ainda quando ele estava em Sierra Maesta (Entrevista 19 fev. 2022) e que foi, no período em que estava nos Estados Unidos, quando Fidel Castro encontrou-se com Ike²⁷ e disse que iria instaurar um sistema comunista em Cuba. Dom Orlando relata que, nos Estados Unidos, foi junto com um outro frei na embaixada cubana, para “ver o Fidel Castro, conhecer esse homem de que tanto se falava” (Entrevista 19 fev. 2022). Dom Orlando relata que Fidel Castro, ficou lá por 3 dias, fez saudações que tinham de ser feitas, e, muito claramente, de maneira muito incisiva, disse: “-Vamos implantar o sistema e vamos nacionalizar a indústria de açúcar de Cuba” (Entrevista 19 fev. 2022). Dom Orlando complementa que foi muito repercutida a fala de Fidel nos jornais e na população (Entrevista 19 fev. 2022).

Segundo o entrevistado, foi a partir desse momento que começou “a resistência por parte dos Estados Unidos” (Entrevista 19 fev. 2022), que na sequência, foi eleito o presidente Kennedy e este “tomou uma posição bem frontal à Cuba” (Entrevista 19 fev. 2022). Entretanto, no Brasil, em Ipê, os padres eram muito simpáticos a Revolução

²⁷ Dwight David "Ike" Eisenhower, presidente dos Estados Unidos de 1953 a 1960. Lyndon Baines Johnson, presidente dos Estados Unidos de 1963 a 1969 (Dwight D. Eisenhower, Wikipédia).

Cubana “porque a gente tinha bastante conhecimento dos desmandos da ditadura lá” (Entrevista 19 fev. 2022). Segundo Dom Orlando, os freis do seminário de Ipê, através de jornais de Porto Alegre, em especial, o jornal “A Tarde”, tinham conhecimento sobre a Revolução Cubana e a maioria deles (Dom Orlando se inclui ao dizer “a gente”) criou um pensamento muito positivo em relação a Fidel Castro (Entrevista 19 fev. 2022).

Em entrevista, Dom Orlando observa que o comunismo era condenado pela Igreja. Dessa maneira, “seria errado” que os freis fossem simpáticos a Revolução Cubana. Entretanto, Dom Orlando reflete que o sistema capitalista também era condenado pela Igreja. Nesse sentido, observa-se que, de certa forma, a Revolução Cubana apresentava um “horizonte de expectativa”²⁸ – “a revolução viria a dar a Cuba uma independência que não tinha até então” (Entrevista 19 fev. 2022) - mais positivo do que o “horizonte de expectativa” relacionado a realidade vivida no capitalismo. Dom Orlando considera que, pouco tempo depois, houve a revolução na Nicarágua, e da mesma maneira, quase todos os frades eram a favor da revolução (Entrevista 19 fev. 2022).

Dom: E embora a gente soubesse que, digamos, comunismo era um sistema que era condenado pela igreja, mas a gente tinha muitas referências de que também o capitalismo era de igual maneira condenado. Então a gente não fazia muito caso dessa condenação do comunismo, porque o capitalismo também era igual, e nós vivíamos no capitalismo. Então, havia uma consciência assim, muito clara de que a revolução viria a dar a Cuba uma independência que não tinha até então. É claro que depois vieram os bloqueios né, e aí... vieram todas as consequências disso. Mas, ainda hoje apoia o sistema, ainda hoje acredita que a... Cuba é um país que se vive, digamos, humanamente melhor do que em muitos outros países apesar de todas as restrições que tem em relação a economia... e assim por diante (Entrevista 19 fev. 2022).

A partir desses relatos, compara-se que, tal como no *Syllabus*, do fim do século XIX, a ideia de a Igreja condenar o capitalismo liberal burguês e ao comunismo/marxismo está presente no contexto da década de 1950 e início da década de 1960. Entretanto, no século XX, mesmo com essa dupla condenação, observa-se que os frades, ao menos os de Ipê, desenvolveram um pensamento “próprio” em relação a condenação de sistemas econômicos e posicionaram-se de maneira simpática a Revolução Cubana. Nesse sentido, é elementar o que Mainwaring escreve sobre a autonomia dos leigos (sacerdotes, freiras, etc.) dentro da Igreja. Ele leva em consideração que é preciso atentar para a autonomia da Igreja, dos leigos e da maneira própria com que ambos funcionam, influenciam e são influenciados pela realidade social (MAINWARING, 2004).

²⁸ Conceito que Reinhart Koselleck trabalha em “Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos”.

II Padre: Diretor e professor do Curso Clássico em Marau (1962-1964), Concílio Vaticano II e proibição de Teilhard de Chardin

Em janeiro de 1962, Dom Orlando é transferido para Marau-RS para assumir a direção da Rádio Alvorada e a reitoria/direção do Curso Clássico do Seminário, ou Convento, São Boaventura (BELATO et al., 2016; Diocese de Vacaria, Dom Orlando Dotti). Ele permanece na função de diretor por 3 anos, mas por menos tempo na Rádio Alvorada. Em Belato et al. (2016), Dom Orlando considera que, em Marau, encontrou alunos com “outro nível de amadurecimento e estrutura intelectual”. Isso o impressionou muito e então decidiu que precisava amadurecer também. Assim, solicitou ao supervisor provincial da época, Frei Basílio, que o dispensasse de uma das duas funções. Segundo Dom Orlando, as duas funções lhe agradavam, mas era incompatível trabalhar com as duas. Assim, frei Basílio determinou que Dom Orlando ficasse como diretor do seminário e deixasse o trabalho na rádio (BELATO et al., 2016, p.12).

Desse período que esteve em Marau, Dom Orlando considera que foi o período “dos grandes eventos da igreja” (Entrevista 19 fev. 2022) e relata como foi a experiência de recepção da notícia desses eventos – novidades.

Segundo Dom Orlando, pouco tempo antes, em 1959-1959, o Papa João XXIII, logo depois de ser nomeado, anunciou que faria um Concílio, uma reforma no Direito Canônico e um Sínodo para Roma (Entrevista 19 fev. 2022). Essas “novidades”, segundo Dom Orlando, foram recebidas de maneira muito impactante, “ninguém entendia quase dessas coisas. Que que era um Conselho? Tinha sido já a um século passado. Que que era um Código de Direito Canônico? A gente achava que aquilo lá não precisava mudar nunca. E o Sínodo para Roma... também, a gente nem sabia bem o que era Sínodo” (Entrevista 19 fev. 2022). Para Dom Orlando, essas foram três novidades que o Papa lançou e, a partir delas, “ninguém mais segurou” (Entrevista 19 fev. 2022).

Dom: No primeiro anúncio, no primeiro anúncio foi tomado quase como uma brincadeira. “-Será que esse velho vai fazer isso aí? Que que é? Como é que vai fazer um sín... um Conselho?” Eu recordo muito bem que uma vez o... um professor de teologia... lá quando eu fiz teologia falava dos Conselhos, e ele dizia “-Acho que não precisa mais de Conselho, porque a Igreja tem agora muita comunicação interna e pela comunicação interna pode ser decidido facilmente tudo. (Disse) Acho que não vai sair mais Conselho nenhum.” E pouco depois saiu (risos). (Entrevista 19 fev. 2022)

Em entrevista, Dom Orlando também comenta que “as mudanças (do Vaticano II) vieram a partir das reflexões do pensamento dos filósofos e dos teólogos que precederam o Conselho” (Entrevista 19 fev. 2022). Esses pensadores, apesar de não terem participado

diretamente do Concílio, teriam sido “os responsáveis pelas mudanças dentro da própria Igreja, do ponto de vista eclesiológico, do ponto de vista bíblico e assim por diante, principalmente esses dois aspectos” (Entrevista 19 fev. 2022). Segundo Dom Orlando, “muitos bispos que foram para o Conselho foram com o pensamento desses autores, e foram os autores, foram os pensadores que modificaram o Conselho não foram somente, as grandes figuras dentro do Conselho, mas foi o pensamento que vinha antes disso” (Entrevista 19 fev. 2022). A partir de Lowy (1999) compreende-se que esses autores que Dom Orlando refere-se são em grande parte da *Nouvelle Théologie* francesa. Segundo o autor, é nos anos 1950 “que ve aparecer las corrientes teológicas que llevarán al Concilio Vaticano II (Henri de Lubac, Yves Cengar, Christian Duquoc), así como otras tendencias de sensibilidad social como los Curas Obreros o Economía y Humanismo (LOWY, 1999 p. 178-179).

Além de comentar sobre “as raízes” do Vaticano II, e de como foi a recepção das notícias desse tempo de “grandes eventos da Igreja” (Entrevista 19 fev. 2022), Dom Orlando comenta que, no período da preparação do Concílio, “todas as ideias, digamos assim, que estavam assim quase, quase que submersas, começaram a aparecer” e apareceram através de duas encíclicas, a Encíclica *Mater et Magistra* (1961) e a *Encíclica Pacem in Terris* (1963) “duas grandes encíclicas do Papa João XXIII” (Entrevista 19 fev. 2022).

Dom.: E uma das coisas que eu fiz com os seminaristas lá, é estudar essas encíclicas. A gente nem tinha estudado as encíclicas anteriores, por exemplo, a *Rerum Novarum*, que é o início do pensamento novo da igreja, a gente nem tinha estudado essas encíclicas e nós estudamos essas duas. Porque eu achei fantásticas e ainda hoje sou apaixonado por essas encíclicas. Uma bem volumosa e outra bem pequeninha, a *Pacem in Terris* é bem pequena, mas muuuuito interessante, extremamente interessante; metódica! E ali estão os pensamentos justamente dos grandes autores que até agora tinham ficado um pouco a sombra e o Papa carregou esse pensamento para o pensamento social. Então foi uma abertura muuuuito grande. E ai... E ai que a gente, através dessas encíclicas, veio mais depois todo o pensamento renovado da Igreja né. Que depois então, foi novamente absorvido pelo próprio concílio, que se deu no ano seguinte. Então nesses dois anos, a gente... claro, fez os estudos normais, eu continuei, dei aula de inglês também num curso que havia dado inglês, dei... também num curso de comércio eu dei aula de inglês lá. Mas acima de tudo, eu achei que nós aproveitamos muito esses dois grandes documentos da igreja *Mater et Magistra*, como o primeiro, e logo em seguida... o Papa criou dois grupos né... um grupo para fazer a encíclica *Mater et Magistra*, outro grupo para fazer a *Pacem in Terris* e... as encíclicas saíram com poucos meses de diferença... anos, coisinha de anos, dois três anos de diferença E dai então começou o Conselho, mas eu já tinha saído de Marau quando começou o Conselho. Então para mim, eu diria que Marau, nesses dois anos, foram anos de abertura; porque também foram anos de abertura em tudo, ano de abertura na liturgia, na pastoral... em tudo em tudo. Pra

mim esses dois anos foram quase que... decisivos em sentido de uma abertura da mente, do espírito para filosofia, a teologia e a própria sociologia moderna (Entrevista 19 fev. 2022).

Mainwaring considera que “as encíclicas de João XXIII, tais como *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963) modificaram o pensamento católico oficial” (2004, p. 62). Ainda segundo esse autor, ambas as encíclicas “desenvolveram uma nova concepção de Igreja, mais em sintonia com o mundo secular moderno, comprometida em melhorar o destino dos seres humanos na Terra e promover a justiça social” (2004, p. 62).

Dom Orlando comenta que a recepção dessas mudanças pelos alunos em Marau “era uma coisa impressionante, impressionante”, “os seminaristas vibravam com isso, vibravam” (Entrevista 19 fev. 2022). Os ex-seminaristas que fizeram o Curso Clássico em Marau, em 1961 e 1962, descreveram em 2016 que “Marau surpreendeu-nos o clima de abertura, de convivência fraterna, de vida comum, fundadas numa significativa igualdade entre os padres, os irmãos leigos e os estudantes” (BELATO et al., 2016, p. 152).

Geraldo Moreto testemunha em suas memórias que: "Gozávamos de maior liberdade do que nos anos anteriores. Não havia uma vigilância severa sobre nossos comportamentos" (Moreto, 2013, p. 8). E Valdemar Sguissardi: "Marau ficou em minha memória por diversos fatos importantes. Primeiro, a seriedade dos estudos e sua pluralidade. Em seguida, os primeiros passos de 'abertura' dos frades em relação às questões sociais, via Rádio, a Alvorada, obra dos freis Orlando e Livino" (Sguissardi, 2012, p. 15); e frei Antoninho Pasqualon diz que: "Iniciou o tempo da Primavera na Igreja, através do Concílio Vaticano II. Era apenas o desabrochar de uma nova visão de Igreja na busca de reformas internas e externas da Igreja..." (2013, p. 6).

Estimulados por nosso diretor, frei Orlando Dotti, iniciamos um ciclo de estudos e debates sobre a vida de São Francisco e, pela primeira vez, tomamos conhecimento das biografias contemporâneas de nosso fundador, inclusive, uma delas, escrita por Johannes Joergensen (1958), que nos surpreendeu por seu rigor investigativo e pela simpatia que mostrava por São Francisco. Isto tudo nos oferecia da Regra e do Testamento uma nova visão, liberta das restritivas visões operadas pelas Constituições, Ordenações e Regulamentos (BELATO et al., 2016, p. 152).

Ainda sobre esse período em Marau, Dom Orlando lembra e relata que houve o episódio em que “veio de Roma um aviso dizendo que... os livros de Teilhard de Chardin tinha sido condenado, de que nós não podíamos lecionar no seminário” (Entrevista 19 fev. 2022). Dom Orlando lembra que nesse momento tinha pouco conhecimento sobre Teilhard e que, em função da condenação, desenvolveu interesse em estudar mais esse autor (Entrevista 19 fev. 2022). O entrevistado relembra que cerca de três ou quatro anos depois que leu a proibição, foi feito (e Dom Orlando ajudou a promover) um curso de extensão universitária sobre Teilhard em Santo Ângelo, e que a partir disso, acabou por simpatizar muito com o pensamento dele (Entrevista 19 fev. 2022). Também relata que

nesse período do Vaticano II “o pensamento de Chardin dominou muito aquela, aquele período da Igreja... da Igreja e do estudo de filosofia” (Entrevista 21 maio 2022) e assim considera que:

Dom: Então... as condenações eram tomadas assim, um pouco relativamente. ... “Pode ser que haja alguma coisa condenável, pode ser que não, pode ser, daquilo...” Mas não, não... Se fazia muita... não se dava muita importância. Porque tinha passado um pouquinho a ideia de que a filosofia era livre no estudo. Pra fazer um estudo filosófico a primeira coisa que precisa é liberdade de pensamento se não, não adianta (Entrevista 21 maio 2022).

A partir desses relatos, observa-se que a doutrina da Igreja nesse contexto histórico estava passando por uma profunda mudança. Por vezes trazia pensamento novo com as encíclicas, por outras condenava novos autores teólogos. Assim, compreende-se que esse era um momento em que o pensamento “clássico” e o pensamento “atualizador” conviveram paralelamente e, por vezes, em disputa, como observa-se no subcapítulo seguinte.

III Padre: Professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Ijuí (FAFI) (1964) e Santo Ângelo (1965-1969)

Em 2016, Dom Orlando considera que sua transferência de Marau para Ijuí (1964) foi a contragosto (BELATO et al., p.12) e em 2022 considera essa transferência da mesma forma. Quando perguntado sobre o porquê da transferência, ele responde que “houve uma mudança dentro da própria ordem, então pediram que eu fosse para Ijuí. Eu não gostei, mas fui pra lá” (Entrevista 19 fev. 2022). Dom Orlando permanece por aproximadamente um ano como professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (FAFI), em Ijuí-RS. Nesse período, conviveu por mais um tempo com o grupo que escreveu “*Legado Franciscano*” (Belato et al., 2016, p. 12). No primeiro ano trabalhou ministrando aulas na faculdade, aulas de inglês em um colégio fora da universidade e no domingo trabalhava numa capelania muito grande (Entrevista 19 fev. 2022). Entretanto, logo no ano seguinte foi morar em Santo Ângelo-RS (Entrevista 19 fev. 2022); foi encarregado de trabalhar em um dos outros dois setores, ou campus, da FAFI (Ijuí, Cruz Alta e Santo Ângelo).

Uma característica desse momento em que Dom Orlando trabalhou na FAFI, é que foi quando adentrou mais profundamente no estudo de autores que “modernizaram” o pensamento da Igreja (Entrevista 19 fev. 2022). Nesses 5 anos fez Bacharelado em Filosofia²⁹ e ficou conhecendo Sartre e “esses autores modernos que, de certa maneira, já

²⁹ Nota-se, que em relação a esse trecho “quando eu fui pra filosofia é que a gente ficou conhecendo esses autores modernos que de certa maneira já estavam no fim de sua produção” (Entrevista 19 fev. 2022), compreende-se que nesse período Dom Orlando realizou um outro curso de filosofia a partir do que relata

estavam no fim de sua produção (...), todos com certa idade” (Entrevista 19 fev. 2022). Além disso, nesse período, Dom Orlando leu bastante sobre Mounier, entrou em contato com Lebre³⁰ na JEC e, considera que foi nesse período que veio a saber das grandes transformações, onde, apesar de ter vivido na época delas, veio a saber um pouco depois que tinham acontecido (Entrevista 19 fev. 2022). Nesse sentido, Dom Orlando reforça que esse “atraso”, deve-se a, no Brasil, ser muito difícil ter contato com esses autores exceto se fosse através das revistas de teologia (Entrevista 19 fev. 2022).

No período em que esteve em Ijuí, logo que chegou, Dom Orlando foi trabalhar como assistente de Juventude Estudantil Católica (JEC). Em entrevista, ele relata que conheceu o pensamento do padre Lebre³⁰ através dos Movimentos de Juventude Católica e que aprendeu muito com a JEC - que na JEC, “eu não fui pra ensinar, fui pra aprender” (Entrevista 19 fev. 2022).

Segundo Dom Orlando, a JEC com que trabalhou em Ijuí era uma das mais fortes da região, contava com 7 pessoas, “e para aceitar um a mais era um estudo muito grande” (Entrevista 19 fev. 2022). O entrevistado pondera que:

Dom: a gente pensa esses movimentos na mentalidade de hoje. A mentalidade de hoje é movimentos da Igreja com muita gente. Naquele tempo não. A JEC... (...) era, digamos, grupos que chamava de “fermentação” ... da escola, da assim por diante... e era gente muito, muito ativa, muito capaz (Entrevista 19 fev. 2022).

Além da JEC, em Ijuí, também havia a JUC e a JOC, e Dom Orlando considera, que, a partir desses movimentos e da inspiração do pensamento de Lebre³⁰, deu-se “um engajamento social a toda a universidade de Ijuí”, inclusive, fazendo dela conhecida como “a Universidade do Movimento Comunitário” (Entrevista 19 fev. 2022)³¹.

O grupo de Belato et al, que cursou Bacharelado em Filosofia entre janeiro de 1963 a dezembro de 1965 em Ijuí, relata que, apesar de terem feito um curso marcado pelas concepções e métodos da filosofia escolástica, ainda assim, obtiveram um resultado “modernizador”. Eles, consideram que “nossos estudos filosóficos se centravam nos temas tradicionais da “Filosofia” (Ontologia, Teodiceia, Psicologia filosófica e

Belato et al.: que ente 1966 e 1967, concluíram o curso de Bacharelado em Filosofia na FAFI-Ijuí, os freis Octacílio Dotti, Maurílio Parisotto e Luís Alberto de Boni (2016, p. 178). Ou, que Dom Orlando referia-se ao período que cursou Teologia em Garibaldi e Porto Alegre.

³⁰ Louis-Joseph Lebre³⁰ (1897-1966).

³¹ Sobre um certo estranhamento que se pode ter em uma JEC com 7 pessoas, Dom Orlando pondera: “a JEC era um pequeno grupo. Interessante porque a gente pensa esses movimentos na mentalidade de hoje. A mentalidade de hoje é movimentos da Igreja com muita gente. Naquele tempo não. A JEC... (...) era, digamos, grupos que chamava de “fermentação” ... da escola, da assim por diante... e era gente muito, muito ativa, muito capaz” (Entrevista 19 fev. 2022).

Cosmologia) e da História da Filosofia” (2016, p. 175), mas apesar disso, tinham acesso aos autores que promoveram a “atualização teológica”:

Tínhamos acesso também aos livros de alguns filósofos contemporâneos formuladores de uma nova e inteligente visão da Filosofia Escolástica: Jacques Maritain, Etienne Gilson, Agostinho Gemelli, Antonin Sertilanges, Alceu Amoroso Lima e outros. E tínhamos igualmente à disposição textos de filósofos cristãos que, a partir das diversas tendências da Filosofia moderna e contemporânea, produziram contribuições sobre os problemas filosóficos e existenciais do mundo moderno. Entre esses filósofos dávamos especial preferência a Michele Federico Sciacca, Emmanuel Mounier, Maurice Blondel, Emmanuel Levinas (este, judeu e rabino), Karl Jaspers, Gabriel Marcel, Ortega y Gasset, Soren Kierkegaard, Bardiaef e Thomas Merton e, talvez quem mais profundamente nos impactou tenha sido Teilhard de Chardin, pelos temas abordados em suas obras, em especial na intitulada *O Fenômeno Humano*, pois entendíamos que ele fora capaz de conciliar as teorias de Darwin e seus seguidores com uma visão totalizante e escatológica de profundo sentido cristão (cf. CROCCOLI, 2013, p. 6). Considerávamos Teilhard de Chardin o exemplo mais contundente de um possível e frutuoso diálogo entre a religião católica e a ciência moderna.

Em nossa biblioteca, porém, não constavam os livros que no *Index Librorum Prohibitorum* eram classificados como ímpios. Não havia nenhuma obra de Marx, Engels e das demais teorias socialistas, dos existencialistas "ateus" como Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Heidegger, nem de Freud e Jung, nem de Darwin e seus seguidores, ou dos velhos inimigos da Igreja do movimento iluminista. Líamos com grande interesse os livros disponíveis dos teólogos cujas obras tornaram-se conhecidas por sua decisiva participação no Concílio Vaticano II, entre eles: Yves Congar, Karl Rahner, Hans Küng, Jean Danielou, Marie-Dominique Chenu, Henri de Lubac e também o jovem teólogo Joseph Ratzinger (MARUJO, 2013) (BELATO et al., 2016, p. 174-175).

Apesar de terem disponíveis para estudo muitos autores “atualizadores”, Belato et al. considera que “o que, porém, nos animava e dava sentido a uma decidida vontade e necessidade de estudar era, segundo nossa percepção, a intensa socialização que estávamos experimentados cotidianamente e a não menos significativa participação social no movimento da Juventude Católica” (2016, p. 176). Segundo esses autores, os estudantes de filosofia desse período na FAFI tinham, no âmbito da sociologia, o professor Frei Matias e “ele dava muita importância aos teóricos que fundamentavam a ação social católica”, dentre eles, o padre Lebret “o teórico que mais profundamente deu à ação social da Igreja um perfil moderno, militante e renovador” (2016, p.175). Além dos movimentos da Juventude Católica, Belato et al., aponta que os estudantes envolviam-se no Diretório Acadêmico, no Centro Popular de Cultura (CPC), movimento estudantil universitário do Rio Grande do Sul, na União Nacional dos Estudantes (UNE), em movimentos sociais ligados à Frente Agrária Gaúcha (FAG), na criação de sindicato

de trabalhadores rurais e de cooperativas; participação no movimento comunitário urbano, e em atividades pastorais nas duas paróquias e nas capelas de Ijuí (2016, 176).

Em virtude desse intenso e extenso engajamento social da FAFI, Belato et al., descreve que os frades professores e os estudantes da faculdade “começaram a ser vistos pelos segmentos conservadores como agentes subversivos e comunistas” e “(...) com o golpe Cívico-Militar de 1964, as atividades extensas e mais politizadas do Movimento Comunitário de Base tiveram de ser suspensas, entre elas as do Centro Popular de Cultura” (2016, 176). Sobre isso, Dom Orlando relembra em entrevista que os movimentos de juventude católica “desapareceram”; “foram todos sepultados” pelo Golpe de 1964 (Entrevista 19 fev. 2022).

Para além dos setores conservadores da sociedade civil, a ação dos estudantes de filosofia do Convento São Geraldo, de Ijuí, também chamou a atenção do setor conservador da Ordem dos Capuchinhos. Segundo Belato et al., “nós (os estudantes), desejávamos e pressionávamos para também participarmos de todas as decisões respeitantes ao governo do convento, das questões disciplinares e de uma extensa lista de normas contidas no Regulamento dos Estudantes, que nós criticávamos, rejeitávamos e desobedecíamos” (2016, 176). E então:

Começamos a ser vistos pelos frades conservadores dirigentes da Província, liderados pelo Provincial frei Celestino Dotti - eleito ministro provincial em dezembro de 1963 - como um grave problema de desobediência e rebelião e, sobretudo, envenenados pela leitura de filósofos e pensadores "inimigos da Igreja". "Dizia-se que Ijuí era a antecâmara do inferno..." (PARISOTTO, 2013, p. 7). (BELATO et al., 2016, p. 176).

Na visita provincial de abril 1965, frei Celestino veio decidido a resolver o problema de Ijuí, que ele considerava um mau exemplo, um foco de rebelião que poderia contaminar todos os seminaristas. Adotando a técnica antiga e eficiente do massacre exemplar, Valderi Ruviano, que tinha votos solenes, foi “exilado” num orfanato em Bagé. Dinarte Belato, que tinha somente votos temporários, recebeu uma carta de imediata exclusão e saiu do seminário de Ijuí em abril de 1965, um ano antes de concluir o Bacharelado em Filosofia. Os demais colegas, prudentemente, adotaram a tática da sobrevivência, concluíram o curso de Filosofia e seguiram, depois, a Porto Alegre, para iniciar o curso superior de Teologia. (BELATO, 2013, P. 36 IN BELATO et al., 2016, p. 177).

Segundo Belato, nessa década de 1960, aconteceu um conflito interno, de crise e restauração, na Província dos Capuchinhos. Esse conflito vinha se manifestado desde a convocação do Concílio Vaticano II e teve um grande impulso com a eleição do frei Celestino Dotti, para ministro provincial, em dezembro de 1963, (apoiado por um Definitório igualmente conservador) (2016, p. 180). Só em 1967 é que “deu-se o passo que levaria a Província dos Capuchinhos a uma solução fraterna da crise que a assolava”,

com um pacto de paz que só foi possível pela mediação do bispo Dom Aloísio Lorscheider (2016, p. 191). Segundo os autores, tratava-se de um conflito entre forças do “*aggiornamento*”³² e da “escolástica aristotélico-tomista” (2016, p. 190).

Observa-se que o ano de 1965 é o ano da visita provincial do frei Celestino Dotti onde este estava “decidido a resolver o problema de Ijuí”³³ e também é o ano em que Dom Orlando Dotti sai de Ijuí para ir morar em Santo Ângelo. Entretanto não foi encontrado nenhum indício, em entrevista na revisão bibliografia, que aponte que essa mudança de Dom Orlando se deva, ou não, a ação do frei Celestino Dotti. Outro elemento importante que se observa com essa mudança, é que, ao ir morar em Santo Ângelo, Dom Orlando passou a trabalhar em proximidade com o bispo Dom Aloísio Lorscheider, que, ainda enquanto trabalhava como o 1º bispo da Diocese de Santo Ângelo (1962-1973), tornou-se secretário-geral da CNBB (1968-1971) e depois presidente da CNBB (1971-1979) (Aloísio Lorscheider, Wikipédia).

Em sequência ao período de trabalho com a JEC em Ijuí, Dom Orlando relata sobre seu trabalho na Comunitária de Bairros em Santo Ângelo. Segundo entrevista, Dom Orlando trabalhava em três bairros, Itaquarichim, Sepé Tiaraju e São Carlos (Entrevista 19 fev. 2022). Dom Orlando relata que em agosto 1964³⁴, quando estava já a uns seis meses na cidade, houve uma grande nevasca em Santo Ângelo e o então prefeito da cidade lhe disse: “-Olhe Frei Orlando, nós temos condições de juntar muita coisa para os atingidos, mas não temos condições pra distribuir. Eu gostaria que o seu grupo fizesse a distribuição dos alimentos, das roupas que nós vamos recolher” (Entrevista 19 fev. 2022). Dom Orlando conta, que lhe respondeu, “-Isso vou ter que falar com o grupo, não vou decidir sozinho” (Entrevista 19 fev. 2022). E então, apesar de o grupo “não querer muito”, aceitaram a tarefa (Entrevista 19 fev. 2022). O entrevistado reflete que, a partir desse evento, “em 6 meses nos tínhamos um grupo organizado, capaz, digamos assim, de movimentar aquilo que a prefeitura não tinha condições de fazer” (Entrevista 19 fev. 2022) e descreve que esse grupo durou por muito tempo³⁵.

³² Processo inserido numa visão criativa da modernidade e, sobretudo, na revolução provocada pelo Concílio Vaticano II. (BELATO et al., 2016, p. 180)

³³ (BELATO, 2013, P. 36 IN BELATO et al., 2016, p. 177).

³⁴ Talvez tenha sido em 1965, pois entende-se que foi em 1965 que Dom mudou-se para Santo Ângelo.

³⁵ “E esse grupo durou muito tempo, de tal maneira que na última vez, quando eu fui pra Santo Ângelo, que foi pra posse do bispo, ainda encontrei pessoas que naquele tempo eram jovens, agora pessoas bem idosas, que eram daquele grupo e ainda estavam em grupos organizados trabalhando nos bairros” (Entrevista 19 fev. 2022)

Sobre a organização do movimento comunitário, Dom Orlando descreve que ela também estava ligada a uma prática da faculdade onde o grupo comunitário era apontado como um lugar de trabalho (Entrevista 19 fev. 2022). Nesse sentido, Dom Orlando descreve que o Movimento Comunitário era muito interessante e organizado. Ele estruturava-se em grupos de base, que formavam um núcleo e depois juntavam-se a um grande grupo; nesse grande grupo, havia um grupo especial, o grupo pensante (Entrevista 19 fev. 2022). Além disso, sobre os trabalhos que eram realizados, Dom Orlando descreve que eram feitos muitos levantamentos e pesquisas de campo e de revisão bibliográfica. Essas pesquisas relacionavam-se a temas ligados a faculdade; a educação, mas também, em Santo Ângelo, fizeram uma pesquisa de saneamento básico que depois foi oferecida para a prefeitura para que a administração municipal “visse como é que estava” (Entrevista 19 fev. 2022). Entretanto, nessa década de 1960, Dom Orlando atenta que “fizemos pesquisa um pouco de tudo, sempre digamos... um pouquinho escapando daquilo que podia ser pesquisado pelo governo ou então perseguido pelo governo. Embora muitas coisas depois aparecessem né, as coisas apareciam” (Entrevista 19 fev. 2022).

Destaca-se que na década de 1960, no regime de exceção que o Brasil vivia, a FAFI posicionou-se e realizou muitos debates políticos antes e depois do golpe (Entrevista 19 fev. 2022). A exemplo disso, teve-se o posicionamento favorável da faculdade a Campanha da Legalidade a ponto de ela se tornar um lugar de apoio ao pensamento de Leonel Brizola e esse posicionamento refletir-se nas aulas (Entrevista 19 fev. 2022). Mas, pelo relato de Dom Orlando, observa-se que eram apenas os professores e os seminaristas que eram pró-legalidade e contra o golpe militar (que inclusive chamavam de Golpe Cívico-Militar e até mesmo Religioso-Militar). Dom Orlando não inclui o posicionamento da província dos Capuchinhos como pró-legalidade. Além disso, ressalta que, em Santo Ângelo, o bispo da diocese, Dom Aloísio Lorscheider³⁶, “sempre teve uma posição muito clara contra a revolução³⁷” (Entrevista 19 fev. 2022) enquanto que lá, a maioria dos padres eram a favor³⁸ (Entrevista 19 fev. 2022).

³⁶ Dom: “É interessante que, o bispo deles, lá de Santo Ângelo era contra a revolução e os padres eram a favor. E o bispo é que tinha razão (risos)” (Entrevista 19 fev. 2022).

³⁷ Na entrevista, eventualmente Dom Orlando chama o Golpe de 1964 de revolução, mas tem, de maneira muito clara que não se trata de revolução e sim de um Golpe.

³⁸ “É interessante porque... isso depois depooois mais tarde e fui pra uma reunião em Santo Ângelo do clero, isso vamos dizer, quando já... eu estava aqui, em Vacaria, quando estava no fim do regime; quando ninguém mais acreditava no regime. Ai eu fui em uma reunião em Santo Ângelo e um padre me disse assim: “-Naquele tempo, nós os padres, éramos contra a Universidade de Ijuí, por causa que a Universidade de Ijuí era contra o golpe militar.” E disse: “-Agora nós tamo vendo que vocês tinham razão.” Me disse esse

Além desse episódio, em 1964, Dom Orlando relata sobre a prudência que os professores e estudantes da faculdade tiveram de ter naquele período. Que nas pesquisas e levantamentos que faziam, sempre abriam margem de interpretação das estatísticas, entrelinhas para perguntas abertas, e nessas entrelinhas, conta que percebiam que havia pessoas favoráveis ao regime de exceção, mas que também haviam muitas pessoas que eram contrárias a ele (Entrevista 19 fev. 2022). Essa prudência nas pesquisas e também nos artigos que Dom Orlando escrevia para jornais de Santo Ângelo não era infundada. Segundo ele em Santo Ângelo havia um capelão militar, Padre Hit, que circulava pelo quartel, ouvia o que falavam a respeito, e lhe disse várias vezes: “-Cuidado! O seu nome tá sendo muito ventilado dentro do quartel. O seu nome tá sendo muito ventilado. Cuidado com os artigos que o senhor escreve” (Entrevista 19 fev. 2022). Nesse sentido, Dom Orlando acrescenta que, apesar de terem uma posição muito definida contra o regime, precisavam ter muita prudência “porque senão, eles te matavam né, eles não iam atrás de história né... e... teve um frei de lá que foi preso. Foi preso, ficou preso muito tempo até que ele conseguiu escapar e foi pra Argentina” (Entrevista 19 fev. 2022). Além desse frei, relata que, também em Santo Ângelo, houve um seminarista, Agostinho Aut, que foi perseguido, preso provisoriamente, torturado, e depois solto. Segundo Dom Orlando, “sempre houve da parte do governo uma vigia, escondida de uma maneira ou outra. Lá tinha um... vários militares que frequentavam a faculdade em Ijuí” (Entrevista 19 fev. 2022).

Entre 1967 e 1969 Dom Orlando passou a trabalhar como reitor da FAFI e também como superior dos frades Capuchinhos. Nessa função de diretor dos frades, em determinado momento de 1969, foi chamado pelo bispo de Santa Maria – RS. A universidade em Santa Maria havia sido acusada pelo quartel e Dom Orlando, como superior dos frades, tinha a função de responder por ela (Entrevista 19 fev. 2022).

O entrevistado relata que, nessa ocasião, dialogou com “o quartel”. Observa-se que, de certa forma, ele conseguiu contornar a acusação:

Dom: Eu disse: “Ó, a Universidade tem um pensamento próprio, eu não vou... eu não vou influir na Universidade. A Universidade sabe o que faz e sempre será um laboratório de ideias, de projetos, assim por diante. A Universidade tem a sua função. E agora... eu não vou poder influir na Universidade...” e foi, foi, foi... Nessa primeira entrevista. Então... “-tá bom, tá bom...”. Disse ele. “-Tá certo.” Digo. Alguns frades eu... os frades não eram propriamente acusados, era mais a universidade. (Entrevista 19 fev. 2022)

padre, o Padre Bitembender, me recordo bem o nome dele porque ele trabalhava em Santo Ângelo” (Entrevista 19 fev. 2022). A grafia do nome “Bitembender” pode não estar correta, mas é desta maneira que se pronuncia.

Um último relato que Dom Orlando faz sobre o período na FAFI, especificamente em Santo Ângelo, é que Olívio Dutra (sujeito que mais tarde viria a ser governador do estado do Rio Grande do Sul) foi seu aluno. Dom Orlando recorda que ele era engajado no bairro São Luís com a Juventude de São Vicente de Paula ligado as Irmãs Vicentinas. Segundo Dom Orlando, “ele também trabalhava com muito cuidado e a gente nem sabia qual era o pensamento dele porque ele não manifestava muito ali na escola. Depois a gente veio saber, mas ele, ele foi aluno nosso e com trabalho social muito grande a partir da própria universidade, e trabalhava com as irmãs” (Entrevista 19 fev. 2022)³⁹.

IV Padre: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e Dom Aloísio Loscheider na década de 1960-1970

Em 1964, um significativo setor da Igreja Católica brasileira apoiou o Golpe Cívico Militar (Entrevista 19 fev. 2022). Um evento em que esse apoio ficou em destaque, foi a chamada Marcha da Família com Deus pela Liberdade, onde muitos católicos saíram as ruas em apoio ao movimento golpista. Nesse momento, a CNBB tomou uma posição a favor do golpe (Entrevista 19 fev. 2022). Entretanto, no início da década de 1970, a conferência transforma-se e passa a ter uma posição contra o regime militar. Segundo o entrevistado, Dom Aloísio Loscheider teve um papel essencial nessa transformação (Entrevista 19 fev. 2022).

Na década de 1960 a CNBB teve como presidente Dom Agnelo Rossi, arcebispo de São Paulo, e como vice-presidente, Dom Alfredo Scherer. Segundo Dom Orlando, esses presidentes da CNBB eram pró-golpe (Entrevista 19 fev. 2022) e uma presidência pró-golpe, de certa forma, explicaria o apoio da própria conferência ao movimento golpista. Também nesse sentido, uma mudança de presidentes da conferência no início da década de 1970, aparenta ter proporcionado a CNBB uma posição contra o regime militar. Entretanto, Dom Orlando também aponta que essa mudança de presidência e, conseqüentemente, de posicionamento, também teve influência do Papa Paulo VI⁴⁰ (Entrevista 19 fev. 2022).

³⁹ “Dom: (...) as irmãs Vicentinas são chamadas de irmãs da caridade e ele fazia parte desse grupo, ele era dos jovens da... da caridade, mas a caridade tem muitas dimensões né. Pode só servir para distribuir alimento como também para instruir, para formar, pra mentalizar e assim por diante” (Entrevista 19 fev. 2022).

⁴⁰ Nascido Giovanni Battista Enrico Antônio Maria Montini (1897-1978) foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana e Soberano da Cidade do Vaticano de 21 de junho de 1963 até a data de sua morte. Sucedeu ao Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor (Papa João XXIII, Wikipédia).

O presidente pró-golpe Dom Agnelo Rossi (presidente entre 1964 e 1971)⁴¹, em 1965 foi eleito cardeal para trabalhar em Roma, “na Congregação das Missões, da Evangelização e Missões” (Entrevista 19 fev. 2022). Entretanto, segundo Dom Orlando, “ele foi convidado para ir para Roma, (porque) o Papa percebeu que ele era... dificultava aqui (...) e esse a gente sabe com certeza que foi levado porque o Papa Paulo VI viu claramente qual era o espírito dele né, que não dava para conciliar com o problema do Brasil” (Entrevista 19 fev. 2022).

Com a ida de Dom Rossi para Roma, em 1965, e o fim do mandato de seu vice, Dom Alfredo Vicente Scherer, em 1971, houve uma eleição para a presidência da CNBB e Dom Aloísio Loscheider, que já trabalhava na conferência como secretário, foi eleito presidente. Dom Orlando considera que, a partir da eleição de Dom Aloísio, a CNBB tomou uma posição bem clara, bem nítida, contra o regime militar e a favor da democracia (Entrevista 19 fev. 2022); dentro da CNBB Dom Aloísio foi um divisor muito claro (Entrevista 19 fev. 2022); “daí pra frente toda a CNBB sempre foi contra o golpe militar” (Entrevista 19 fev. 2022).

Além dessa mudança na CNBB, Dom Orlando considera que, com a saída de Dom Rossi, Dom Evaristo Arns foi eleito cardeal em Roma e veio a ser bispo de São Paulo. Comparando Dom Rossi com o arcebispo Arns, Dom Orlando considera que eram “duas mentalidades totalmente opostas, totalmente diferentes” (Entrevista 19 fev. 2022). Dessa eleição em diante, Dom Orlando considera que a CNBB, mesmo tendo membros discordantes, foi sempre unanime; que, em comparação, ao período anterior, da administração de Dom Rossi e Dom Scherer, haviam bispos que discordavam, como Dom Vasconcelos Motta. Segundo Dom Orlando, essas discordâncias faziam da CNBB uma organização dividida - que não era unanime (Entrevista 19 fev. 2022):

Dom: O cardeal de São Paulo, o Cardeal Motta, ele era contra a revolução, desde o início, desde o início! E era de São Paulo. E aí, por isso por aquilo, foi transferido pra Aparecida, que não tem significado nenhum, e a galera do Rossi foi pra São Paulo, digamos, a cidade influente na época. Então São Paulo ficou nas mãos, digamos assim, dos que eram pró-revolução (Entrevista 19 fev. 2022).

(...)

Dom: A CNBB, digamos assim, até Dom Aloísio, nunca foi digamos assim, unanime. Sempre houve alguns contra a revolução. Por exemplo, o Cardeal Motta... Dom Vasconcelos Motta... sempre foi antirrevolucionário. Sempre! desde o início! Ele não apoiou a Marcha da Família, não apoiou! Tanto que alguns disseram: “-Aqui está o rebanho, onde está o seu pastor?”. Os que faziam a marcha né... (Entrevista 19 fev. 2022).

⁴¹ Agnelo Rossi. Wikipédia.

Com a CNBB organizada da maneira unanime, e com Dom Aloísio na presidência, os bispos do Brasil avançaram em posicionarem-se a favor da democracia (Entrevista 19 fev. 2022). Alguns bispos já vinham se manifestando nesse sentido, como os bispos do nordeste lançando o documento “Ouvi os clamores do meu povo” em 1967, mas a partir de 1971 esse posicionamento ganhou mais força e, segundo Dom Orlando, os bispos fizeram documentos de peso em favor da democracia, pensando uma nova ordem política e “justamente mostrando que a ordem que estava instituída não era uma ordem democrática” (Entrevista 19 fev. 2022). Um exemplo desses documentos é o “Igreja e Problemas da Terra” (1980), documento do qual Dom Orlando coordenou dentro da CNBB (este documento trata sobre a necessidade de uma reforma agrária) (Entrevista 19 fev. 2022).

Dom Orlando, considera que Dom Aloísio tem um papel essencial na transformação da CNBB. Primeiro, por ter sido secretário, e “o secretario tinha muita influência, porque tudo passava pela secretaria, e tudo era... as entrevistas eram feitas através do secretário” (Entrevista 19 fev. 2022) e segundo, por ter sido presidente.

L: Como o senhor Dom Orlando, explica essa mudança, a que se deve? a organização do Papa, a organização dos outros bispos fazendo eleições... como é que o senhor explica essa mudança?

Dom: Mas eu... eu tenho até certa dificuldade... Eu penso o seguinte, por exemplo... Dom Aloísio tem um papel essencial, porque ele era secretário e depois foi pra presidente, ele era secretário de um presidente que era contra o pensamento dele. Mas ele tinha estudado em Roma bem na época em que... se iniciava, digamos todo esse pensamento novo na igreja, e ele assimilou isso, e assimilou também o pensamento político de uma nova política... eu pensei muitas vezes nisso, que ele, digamos, sendo homem do seu tempo conseguiu passar por cima de todas as limitações, eu diria, intelectuais e políticas da época porquê... havia muita... digamos assim, aquilo que era o tradicional! e ele não ficava no tradicional, a pesar que ele tinha feito uma teologia tradicional. A teologia de Dom Aloisio não é uma teologia nova, é mais tradicional, mas depois ele entrou em cheio no Conselho. Ele, desde o princípio do Conselho, ele começou a trabalhar em comissões do Conselho, e... porque ele era um teólogo. E... claro, ele também absorveu toda essa mentalidade nova dentro do Conselho. E a mentalidade do Conselho é de certa maneira uma mentalidade de abertura, eternamente aberta né, ainda hoje. E eu acho que foi por causa disso. (...) E eu acho que o papel de Dom Aloisio é um papel de formação de mentalidade, de consciência, de espírito que... de certa maneira perpassou por todo o Brasil. (Entrevista 19 fev. 2022)

V Padre: II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano em Medellin – Colômbia (1968)

Um outro evento marcante na trajetória de Dom Orlando, e da Igreja Católica, foi a II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano em Medellín, no ano de 1968. O entrevistado relata que simpatizou muito com o pensamento de Medellín “também porque

lá havia estado o Papa Paulo VI e ele, com a presença dele, assim, deu uma força muito grande a todas as conclusões a que (se) chegou, e depois ele aprovou né” (Entrevista 21 maio 2022).

Tal como fez com as encíclicas do Concílio Vaticano II, Dom Orlando logo passou a trabalhar com seminaristas e estudantes os documentos e as reflexões dessa Conferência. Segundo Dom Orlando, aproximadamente no mês de outubro de 1968 (quase um mês depois da conferência) foi convidado para pregar um retiro para seminaristas em Curitiba – Paraná, onde, naquela época, seminaristas da Diocese de Santo Ângelo e de todo o estado de Santa Catarina faziam um estudo de teologia (Entrevista 21 maio 2022). Sobre esse retiro, ele relata que buscou se aprofundar nos temas e documentos de Medellín e que fez “o retiro inteiro em cima desses documentos que poderiam parecer documentos um pouco alheios ao retiro” (Entrevista 21 maio 2022). Eram 16 grades temas e o tema da juventude sobressaía-se nas análises de todos os outros temas (Entrevista 21 maio 2022).

Nesse retiro, “a gente tinha; ia concluído né: pra vida de um padre o que significa trabalhar com jovens; o que significa trabalhar com pessoas pobres e assim por diante; e qual era a opção que se fazia naquele momento como padre” (Entrevista 21 maio 2022). O entrevistado aponta que, como resultado, acabou por ficar um pouco surpreso pelos estudantes não terem muito conhecimento dos temas que pregou, mas conclui, que afinal, recém tinha acontecido a Conferência e esses temas eram novidade (Entrevista 21 maio 2022). Além disso, no fim do retiro, “o pessoal não sei o que, disseram que era um retiro diferente, era um retiro que se meditava a realidade presente e não coisas, digamos assim, da teologia... do formalismo da própria teologia muitas vezes” (Entrevista 21 maio 2022).

Observa-se que nessa fase de sua trajetória, como sacerdote, Dom Orlando continua sendo influenciado pelo contexto histórico, em um sentido de aderir progressivamente as “atualizações”, e também retribui essa influência em suas aulas, pregações e trabalhos comunitários.

CAPITULO III – BISPO

Neste último capítulo, aborda-se o trabalho de Dom Orlando como bispo. A partir das fontes, nota-se que grande parte de sua ação nesse período, de sua trajetória, direciona-se para a promoção da educação no meio cívico e também no meio religioso. Entretanto, ele também direciona suas ações na defesa dos subalternizados e, principalmente, pela reforma agrária no Brasil.

I - Bispo: Ordenação

Em 25 de maio de 1969, o então frei Orlando Dotti é empossado Dom Orlando Dotti e direcionado para ser o primeiro bispo da recém criada Diocese de Caçador – Santa Catarina. O entrevistado relata que, na ocasião, havia sido chamado pelo bispo de Santa Maria, e acreditou que fosse em virtude de novas acusações do quartel à universidade. Assim, Dom Orlando considera que, o assunto do chamado, foi-lhe uma surpresa:

Dom: Alguns meses depois ele (bispo de Santa Maria) mandou me chamar de novo, ai ele disse: “-Olha (disse) eu tô chamado você sabe pra que?” Digo: “-Já posso imaginar.” Eu disse pra ele. “-Eu acho que o senhor não tá imaginando não.” “-Bom... eu não sei. Não sei do que se trata.” “-Olha, você foi escolhido pra ser bispo de Caçador e o santo padre pede que você aceite.” “-Não, (digo) eu nunca pensei nisso, eu não vou... não vou poder... dizer que sim, porque não pensei nisso, nunca... nunca... não tá no projeto da minha vida.” “-É (disse), mas eu também não tinha esse projeto e tô aqui.” E tá e tá... Aí eu disse: “- Não, então o senhor me dá licença, eu vou pra casa e aí eu vou mandar a resposta (disse).” “-Não (disse)... é diferente. O senhor vai lá pra capela, vai rezar e daqui a meia hora venha me falar. E o senhor sabe que, se o senhor não aceita, o Papa como superior dos religiosos, ele pode nomear você sem a sua aceitação.” Má eu digo: “-Será que o Papa vai fazer isso?” Ai, fui lá e... aí eu disse, quando voltei eu disse pra ele: “- Bom, não sei o que fazer. O que é que o senhor acha?” “-Não (disse), você tem que aceitar, e é pro bem da Igreja, não é pro seu bem, vai dar muito trabalho, mas a Igreja precisa de você.” Ai... “-Bom, se o senhor acha, então eu fico com o seu pensamento.” “-Tá certo.” Aí eu aceitei daquela maneira. Mas eu não queria aceitar, realmente não queria. E... pra minha vida, acho que... foi um atraso. (Riso) Porque eu tinha muitos projetos de vida de capuchinho, eu tinha projeto de voltar aos Estados Unidos estudar, fazer mestrado, doutorado em filosofia em... mas não. Se foi tudo né. Aí eu aceitei. Aceitei... e fui, fiz a consagração ali em Ijuí mesmo e depois fui pra Caçador. (Entrevista 19 fev. 2022)

Observa-se, que o lema escolhido para fazer parte de seu brasão episcopal foi “*Cor Ad Cor Loquitur*”, “o Coração fala ao coração”, o mesmo lema da FAFI de Ijuí (Diocese de Vacaria, Dom Orlando Dotti).

II - Bispo: Diocese de Caçador – Santa Catarina (1969-1976)

Dom Orlando tomou posse na Diocese de Caçador em 29 de junho de 1969 (Entrevista 21 maio 2022) e permaneceu nesse trabalho por quase sete anos, até de abril de 1976⁴². Nota-se que, para a Diocese de Caçador, Dom Orlando foi o primeiro bispo e, de uma maneira inédita para a região, proporcionou um atendimento de demandas; um trabalho de articulação dos interesses e objetivos da população, dos fiéis e da Igreja, que até então não havia ocorrido. Na fala do bispo de Santa Maria, “vai dar muito trabalho, mas a Igreja precisa de você” (Entrevista 19 fev. 2022) interpreta-se que a região estaria demandando uma atenção maior da Igreja, a solução encontrada foi a criação da uma diocese, e o bispo escolhido para atender essas demandas foi Dom Orlando. Nesse

⁴² Em 7 de abril de 1976 Dom Orlando é transferido para ser bispo da Diocese de Barra – BA.

sentido, quando chegou em Caçador, Dom Orlando logo se envolveu, e bastante, com a educação, pois, segundo ele, “havia uma demanda muito grande para que se criasse faculdades para professores, que já estavam trabalhando e não tinham titulação, porque não haviam faculdades que dessem titulação para eles” (Entrevista 21 maio 2022).

A partir da entrevista e da pesquisa bibliográfica, entende-se que existem três grandes temas que marcam a trajetória de Dom Orlando em Caçador, seu trabalho na promoção de educação na região; a experiência de viver em um “regime ditatorial”, “um regime de exceção”, “onde ninguém está seguro” (Entrevista 21 maio 2022); e o trabalho na promoção de Escolas de Formação de Agentes de Pastoral.

Assim, logo que chegou em Caçador, Dom Orlando dialogou com o prefeito da cidade e, apesar de alguma resistência (Entrevista 19 fev. 2022), passou a trabalhar para a criação de um “curso científico” (2º grau) em que “se preparasse para a Universidade” (Entrevista 19 fev. 2022). O trabalho foi adiante e, em 1970, foi criado o Colégio Estadual Dom Orlando Dotti para o funcionamento do ensino médio⁴³.

Dom: Quando cheguei em Caçador, pouco... uma semana depois, o prefeito foi lá e disse: “-Olha, precisamos da sua ajuda.” “-Tá bom, de que se trata.” “-Nós queremos criar uma escola dum curso científico aqui em Caçador, mas do governo. Porque tem as escolas aqui, e que não tem... e nós queremos um curso científico que prepare pra universidade.” Eu disse pra ele: “-Mas aí tem os irmãos maristas, tem as irmãs... (digo)”. “-Não, mas eles não querem, eles sedem salas mas não querem criar um curso. E nós queremos que o curso seja do estado (disse).” “-Mas eu não tenho tempo... eu nem vim aqui pra isso... eu vim pra outra coisa”. Aí era um que se... tá tá tá... enfim que aceitei! E de fato criamos um curso, curso científico lá. Que é chamado de Curso Dom Orlando Dotti (Entrevista 19 fev. 2022).

Entretanto, os trabalhos de Dom Orlando, em relação a “sociedade civil” de Caçador não se limitaram apenas a promoção de um colégio de 2º Grau, eles também se direcionaram a criação de universidades na linha comunitária: “Eram fundações públicas no sentido que a prefeitura fundava. Mas não visavam lucro (...) eram fundações mistas (...) mantidas pela prefeitura e pela comunidade” (Entrevista 21 maio 2022). Sobre a primeira dessas universidades que Dom Orlando articulou, a Fundação Educacional do

⁴³ “A atual E. E. B. Dom Orlando Dotti resulta da aglutinação de duas escolas: a Escola Básica Salgado Filho (criado por Decreto Lei nº 294 de 18/06/73 para o funcionamento do 1º grau e Portaria 232 de 18/06/85 para o pré-escolar) e o Colégio Estadual Dom Orlando Dotti (Portaria 330/8/SED/SC de 31/03/70 para o funcionamento do ensino médio). Essa aglutinação ocorreu através da Portaria 679 de 31/10/97 com a transferência do Colégio Dom Orlando Dotti, que funcionava nas dependências da escola particular Colégio Marista Aurora, para onde já funcionava a Escola Básica Salgado Filho. Nessa aglutinação a denominação Escola Básica Salgado Filho foi extinta. E assim, a “nova escola” passou a ser denominada de Escola de Educação Básica Dom Orlando Dotti, preservando o nome do 1º bispo de Caçador, idealizador e executor da implantação de primeiras instituições de ensino de 2º grau e superior em nosso município” (E.E.B. Dom Orlando Dotti, 2022, p. 6).

Alto Vale do Rio do Peixe (FEARPE), em 1971, e a atual Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), ele considera que:

A Uniarp é uma instituição a serviço do povo e não voltada a elites nem a grupos. É daquele povo que trabalha, que se esforça, que sofre e precisa da Universidade para a sua promoção humana. Isso sim! Essa é a identidade para a qual se criou a Uniarp (CECCATTO et al., 2021, p. 108).

Segundo Dom Orlando, quando fundou a FEARPE, “conseguimos, elaboramos um projeto, conseguimos a aprovação. Mas foi um trabalho muito grande (...) um trabalho grande, custou...” (Entrevista 19 fev. 2022). Inicialmente, foram ofertados os cursos de letras, filosofia e ciências, e após esse trabalho, Dom Orlando relata que “aí me envolvi muito na educação, tanto que depois eu também fui nomeado Membro do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina” (Entrevista 21 maio 2022). Nesta função:

Dom: (...) o próprio governador daquele tempo, Colombo Machado Sales⁴⁴, quando alguém queria fundar alguma faculdade naquela região, sempre mandava que falassem comigo para que eu orientasse o trabalho deles. Tanto que foram criadas várias faculdades, mesmo separadas dessa que eu tinha fundado em Caçador, com outros cursos para... Mas todas elas, digamos assim, na linha comunitária (Entrevista 21 maio 2022).

Segundo Dom, por estes trabalhos, “eles sempre me consideram como fundador do ensino superior da região” (Entrevista 21 maio 2022) e isso de fato aparece em materiais de resgate histórico que a instituição Uniarp produz.

⁴⁴ Colombo Machado Salles (Laguna, 1926-) é um engenheiro e político brasileiro. Foi governador biônico de Santa Catarina, de 15 de março de 1971 a 15 de março de 1975. (Colombo Machado Salles, Wikipédia).



⁴⁵ Foto de material de resgate histórico fornecido por Dom Orlando em ocasião da entrevista de 21 de maio de 2022.



Registro de Bispo Dom Orlando Dotti. Fonte: Imprensa Uniarp (CECCATTO et al., 2021, p. 15)



Dom Orlando Dotti acompanhando as obras da FEARPE (SANTOS, 2014, p. 7).



Inauguração da Biblioteca Universitária. Caçador, junho de 1972 (SANTOS, 2014, p. 7).

Um tema que se evidencia nas entrevistas e nos resgates históricos da Uniarp, é o contexto histórico da década de 1970 vivido sobre o mando de um regime ditatorial.

Em meados de 1975, em plena Ditadura no país, era obrigatória a disciplina de Estudos de Problemas Brasileiros (EPB)⁴⁶. E em meio aos 150 alunos da Faculdade de Caçador, havia um que chamava a atenção dos professores por ficar lendo jornal na sala e nunca comparecer nos dias de provas. “Um dia na reunião com os professores. Dom Orlando falou desse aluno e nos alertou que se tratava de um agente do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) que vinha escutar o que os professores falavam nas aulas. Então cuidem o que vocês falam do Governo, ele disse. Foi algo que marcou”⁴⁷ (Texto de foto de material de resgate histórico da Uniarp, 2022, obtido em Entrevista 21 maio 2022).

Dom Orlando então considera que esse relato é um exemplo de que “naquele tempo era tudo muito vigiado” (Entrevista 19 fev. 2022). Além disso, sobre o contexto de ditadura:

Dom: Eu, eu diria que... eu tinha consciência de que nós estávamos num regime de exceção. E que... digamos assim, é... a gente tinha que ter certa prudência em tratar certos assuntos. E a gente conversava isso mais em grupos do que propriamente em público, porque em público nunca se sabia como é que os outros iam interpretar, a gente sempre afirmava: “estamos em um regime de exceção, portanto numa ditadura, e diante da ditadura ninguém está seguro”. Isso... isso a gente afirmava. Mas a gente, digamos assim, a discussão da ditadura como tal, nós a fazíamos muito mais em pequenos grupos, pequenos grupos. Então não tinha nada... tinha sim que ver com a faculdade, com o ensino, mas era um grupo já, digamos assim, que tinha uma visão diferente do comum. Porque a maioria aceitava a ditadura como um fato normal, até muitos

⁴⁶ Dom Orlando era o encarregado de lecionar essa disciplina (Texto de foto de material de resgate histórico da Uniarp, 2022, obtido em Entrevista 21 maio 2022).

⁴⁷ O material usa como fonte o relato de Mario Bandiera, vice-diretor de Ensino da FEARPE, quando Dom Orlando era diretor.

apoiavam, achavam que era preciso, mas ... é claro, nós nunca... nunca aceitamos isso e acima de tudo também para os alunos. A gente deixava assim bem claro! Essa consciência de que estávamos em regime de ditadura e... a ditadura como tal priva as pessoas da liberdade, a liberdade de falar, a liberdade de ir e de vir e assim por diante. Então, isso sim a gente afirmava porque era um processo educativo, em que as pessoas tinham que saber a situação que a gente vivia. (Entrevista 21 maio 2022, grifo nosso)

Ainda que sob um regime de exceção, o trabalho na educação em Caçador se desenvolveu e teve muito sucesso (Entrevista 19 fev. 2022) (CECCATTO et al., 2021, p. 108). Entretanto, para Dom Orlando, “nesse trabalho (criação da UNIARP), digamos assim, eu não tinha muito... muito... eu não queria muito fazer isso porque eu achava que tinha que trabalhar na pastoral, parte da Igreja” (Entrevista 19 fev. 2022) e relata que “então, eu fui implementando gente, pondo gente, “nana”... até que depois quando eu sai de lá ele (Universidade e FEARPE) se governou e foi pra frente muito bem né” (Entrevista 19 fev. 2022). Nesse sentido, evidencia-se a trajetória de Mario Bandiera, que foi para FEARPE em 1972 e em meados de 1975 já era vice-diretor da universidade, sendo o vice de Dom Orlando.

O professor mestre, ex-diretor do ensino da FEARPE e ex-reitor da UnC-Caçador, Mário Bandeira nem imaginava que sua vida pessoal e profissional seria atrelada ao desenvolvimento do ensino superior de Caçador, quando recebeu uma visita enquanto seminarista no ano de 1971 em Campinas-SP. “Dom Orlando visitou o seminário. Ele soube que eu iria sair do seminário e disse: você vai sair e está convidado a vir para Caçador porque vou montar uma faculdade lá” (Texto de foto de material de resgate histórico da Uniarp, 2022, obtido em Entrevista 21 maio 2022).

Segundo Dom Orlando, “em Caçador, eu acho que a coisa mais importante que eu tenho feito lá, é, foi, criar a Escola de Agentes de Pastoral” (Entrevista 19 fev. 2022); afora o trabalho na sociedade civil, o entrevistado considera que “dentro da Igreja” trabalhou muito com a parte da formação, fazendo isso através da Escola de Formação de Agentes de Pastoral (EFAP) (Entrevista 19 fev. 2022), desenvolvida por ele em 1971.

Dom: (...) a EFAP, no fim da escola, tinha... o dia inteiro para a pessoa escolher uma atividade da qual ia se comprometer pro resto da vida. Então muitos escolhiam o... sindicato, outros da política, outras... outras prestações de serviço. Enfim, cada um tinha que escolher um, mas sempre na linha da atividade social (Entrevista 19 fev. 2022).

Sobre esse trabalho, Dom Orlando desenvolve compreensão da relação entre Igreja e educação e a relação entre educação e evangelização, considerando que, por acreditar que essa é a linha de ação mais importante da Igreja, seu maior legado, além do “ensino cívico”, foi o “ensino dentro da Igreja”.

Dom: Eu acho que, a linha da formação das pessoas é a mais importante da Igreja. A Igreja educa formando. A Igreja evangeliza educando. E educando, evangeliza. Há uma mútua complementação educar, no sentido mais completo da palavra é formar para evangelizar. É

evangelizar. É evangelizar. Evangelizar é, digamos assim, educar a pessoa para o mundo, não apenas para trabalhar dentro da Igreja, mas para trabalhar no mundo. (...) Então... então eu acho que o legado maior, realmente que eu posso ter deixado é, em primeiro lugar, em relação ao ensino cívico digamos assim, da universidade, e em segundo lugar, o ensino dentro da própria Igreja. E sempre cuidei bastante dessa linha da formação da Igreja e de todo o trabalho de formação, tanto na linha da pastoral, quanto na linha da formação técnico científica e educativa né... (Entrevista 19 fev. 2022)

Dom Orlando trabalhou com a EFAP, em Caçador-SC, até 1976, quando deixou a diocese para ir trabalhar como bispo de Barra - BA. Entretanto, anos depois, ele retoma o trabalho com EFAP, entre 1985 e 1996, em Vacaria-RS (ROSSI, 2014, p. 3). Sobre esse segundo período de trabalho com a escola, Dom Orlando cita a dissertação de mestrado de Cláudia Rossi, defendida em 2013, para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo - RS, “*POLÍTICA DE FORMAÇÃO CONTINUADA: UM ESTUDO DA ESCOLA DE AGENTES LEIGOS DE VACARIA/RS (1986-1995)*” (ROSSI, 2013).

III Bispo: Diocese de Barra – Bahia (1976-1983)

No dia 1 de abril de 1976, Dom Orlando foi transferido para a Diocese de Barra - BA. Nesta diocese trabalhou por sete anos, até 1983 (Entrevista 19 fev. 2022; Vacaria (RS), 2020). Nesse período e nessa diocese, ele direcionou suas ações na explícita defesa dos sujeitos históricos subalternizados.

Em abril de 1976 (Dom Orlando) foi transferido para a Diocese de Barra na Bahia, destacando-se como defensor dos desalojados da Represa de Sobradinho, onde mais de 700 famílias ribeirinhas perderam suas terras e trabalho de pescadores. Lutou contra os grileiros que queimavam as casas dos posseiros e os expulsavam impiedosamente. Percorreu várias vezes toda a diocese em visita pastoral e organizando o povo para as defesas de suas propriedades.

Repartiu a Fazenda de 48.000 hectares pertencente à Diocese de Barra – BA com os posseiros e outros sem terras do lugar. Manteve professores por conta da Diocese para a alfabetização de crianças no interior do município. Manteve dois advogados para a defesa dos pequenos agricultores. Depois na grande enchente que ocorreu, organizou mais de 450 famílias para a reconstituição de suas casas colaborando com a doação do material necessário. (...)

Como Bispo da Barra, Dom Orlando elaborou o processo de criação das Dioceses de Barreiras - BA e Irecê - BA, hoje em franco desenvolvimento (Vacaria (RS), 2020).

Em entrevista, Dom Orlando considera que a sua transferência para Barra foi uma opção bastante pessoal. Ele relata que havia comunicado ao núncio que desejava ir para alguma outra diocese no Brasil e em determinado momento houve a oportunidade dessa transferência (Entrevista 21 maio 2022).

Dom: Eu tinha sido proposto para ser arcebispo de Manaus, mas eu não aceitei porque era muito novo, não tinha muitos conhecimentos e tá, não aceitei. E, mas disse que estaria sempre disposto para aceitar uma diocese missionaria em qualquer lugar no Brasil, disse isso pra a

autoridade, o núncio. E quando chegou lá pelas tantas o núncio disse: “Olhado sua correspondência vemos aqui que o senhor estaria disposto a trabalhar numa diocese missionária.” Aí eu disse “sim!” E aí ele me apresentou a diocese da Barra. Aí eu fui; aceitei. Aceitei porque eu pensei, “Eu sou novo, ficar aqui vinte, trinta, quarenta anos numa mesma diocese é... um pouco difícil.” E... eu gostaria também de fazer uma experiência diferente em um outro lugar. Então eu aceitei com prazer, com prazer mesmo. E foi uma oferta, não foi, não foi uma imposição e fui pra lá. E lá sim, o mundo era um mundo totalmente diferente né (Entrevista 21 maio 2022).

Em entrevista, Dom Orlando relata que logo de início percebeu na diocese um grande problema relacionado a organização fundiária. Segundo ele, as terras a margem do Rio Grande e do Rio São Francisco “estavam praticamente todas vendidas para grandes empresas para a produção de cana de açúcar pra movimentar a economia do lugar” (Entrevista 21 maio 2022). Essas grandes empresas, que eram de fora da Bahia - eram de Belo Horizonte, de Recife, do Rio de Janeiro - recebiam incentivos fiscais para comprar a terra e plantar cana, “(...) pra quem plantava cana, por exemplo, recebia subsídio. Então, pra plantar cana precisa bastante terra. Então, desapropriavam esses pobres coitados. Inclusive, com trator iam lá e derrubavam as casas” (Entrevista 19 jun. 2021); “pessoal que tava a beira do rio tinha que sair, porque eles tinham comprado a tal da terra e, portanto, a gente que tava lá desde o tempo dos avós, bisavós, sempre moraram lá - não tinham título porque não interessava naquele tempo - então eles eram praticamente expulsos” (Entrevista 21 maio 2022).

Segundo o entrevistado, os moradores das terras, além de serem expulsos através do uso de tratores, também eram expulsos da seguinte forma: Os pequenos agricultores que tinham a posse da terra - sendo a posse uma forma constitucionalmente legítima de domínio da terra que considera que alguém que tem posse de determinado terreno a tantos anos tem direito de ser dono dela. Entretanto, os sujeitos que haviam “comprado” a terra com subsídios do governo, “vinham armados” e diante disso os pequenos agricultores tinham de escapar (Entrevista 19 jun. 2021).

Diante da expulsão dos pequenos agricultores, chamados regionalmente de lavradores⁴⁸ (Entrevista 19 jun. 2021; Entrevista 21 maio 2022), Dom Orlando relata que “a gente teve um papel muito importante na defesa desse pessoal e na defesa da terra

⁴⁸ “Dom: Quando é pequeno, é lavrador. E quando é grande, é agricultor, pra eles. O lavrador: “-Que que eu sou? Lavrador, lavrador, lavrador.” E eu perguntava: “-Você tem o título da terra?” (A resposta) “-Tenho a posse.” A posse não... é um título fraco, porque a posse, você prova aquilo que você trabalha, e não pode ter mais do que aquilo; aquilo que você ocupa. A posse é quando ocupa de fato. E se você não ocupa de fato, você não é dono. Não tem posse. A posse significa, realmente, trabalhar em cima da terra”. (Entrevista 19 jun. 2021); “Dom: (...) eles sempre faziam a distinção. Eles eram lavradores, e os grandes proprietários eram agricultores. Eles... o pequeno lá é lavrador, o grande é agricultor, na linguagem deles.” (Entrevista 21 maio 2022)

daquela região (...), a gente se pôs muito na defesa desse pessoal, muito, muito, muito (...), a gente defendeu muito os pobres agricultores (lavradores) (...) foi uma luta né” (Entrevista 19 jun. 2021). Diante dessa situação, Dom Orlando ia nas casas dos lavradores e passava a noite com eles, como uma forma de protegê-los com sua presença: “E o pessoal sabia que tava o bispo então eles se cuidavam né, porque sabia que depois ia repercutir mal né” (Entrevista 19 jun. 2021). Nesse contexto, apesar de terem promovido essa violência para com os lavradores, foram poucas as grandes empresas que plantaram e levaram os projetos adiante: “(...) houve uma época lá, poque o governo favorecia os grandes projetos e eles queiram terras para fazer o projeto deles que depois não levavam à frente, mas recebiam o subsídio do governo. Pra quem plantava cana, por exemplo, recebia subsídio” (Entrevista 19 jun. 2021).

Dom: O pessoal aproveitou dos incentivos e não fez as plantações, ou se fez, também pararam, não há nenhuma hoje, nunca houve! Houve uma ou duas pequenas plantações de cana de açúcar... os que mais fizeram foi criação de gado. Então... e isso, claro, essas grandes empresas eram todas de fora, todas de Belo Horizonte, de Recife, do Rio de Janeiro, todas empresas que queriam sim plantar lá para receber os incentivos, mas de fato nunca se implantaram (Entrevista 21 maio 2022).

Nesse contexto de violência contra lavradores e luta pela sua defesa, Dom Orlando, juntamente com outros padres e a Diocese de Barra, promoveu “uma reforma agrária particular” (Entrevista 21 maio 2022) com uma grande área de terra que a Diocese possuía. Logo que chegou em Barra, impressionou-se que a diocese possuía uma imensa área de “10 quilômetros de frente por 36 de fundo” (Entrevista 21 maio 2022), onde na frente da terra passava o Rio Grande⁴⁹, e havia “muita gente morando ali em cima” (Entrevista 21 maio 2022). Dom Orlando levou um ou dois dias para conhecer e percorrer toda a extensão da terra, com a ajuda de um capataz que cuidava do lugar (Entrevista 19 jun. 2021; Entrevista 21 maio 2022).

Dom: Coisa que nem dá pra imaginar. A Diocese tinha, frente ao Rio Grande, e o Rio Grande é navegável de barcos assim, transporte de produtos, muito, muito navegável, e tinha 11 quilômetros de frente por 36 de fundo. Sabe o que que é isso? 11 quilômetros de frente por 36 de fundo. Eu fui visitar aquela terra, conhecer a terra. Conheci uma parte pequena, porque... Fui a cavalo. Demoramos um dia para fazer 36 quilômetros a cavalo no meio do capoeirão (...) tinha essa terra. E não se sabia o que fazer (...) era uma terra que um mandou, entregou pra diocese, outro por isso outro por aquilo, outro comprou, “tá”, o bispo comprou. E tinha lá uma fazenda que produzia alguma coisa. Mas não, era muito, muito, precária, digamos assim, a produção. E muita gente morando na terra, como posseiros (Entrevista 19 jun. 2021).

⁴⁹ “Dom: Dez e tanto de frente, na frente tinha o rio, o Rio Grande, que passa lá e desemboca e forma a cidade da Barra, Barra do Rio Grande. É, então... e é um rio navegável esse Rio Grande” (Entrevista 21 maio 2022).

Dom Orlando relata da seguinte forma esse trabalho:

Dom: Então o que eu fiz foi, em primeiro lugar, por e dia todos os posseiros. Todos eles receberam o título de terra. Mas daí, a gente juntou eles. Era um grupo lá, outro aqui, outro aqui. E... e ao mesmo tempo nós fizemos, demos uma escola pra cada um deles, pra cada grupo. Porque não tinha escola. Pra prefeitura não interessava escola lá no interior. Então nós, nós criamos o nucelo, botamos uma escola, uma capelinha e cada um com seu pedaço de terra. Tudo certinho. Então sobrou bastante terras. E com a terra que a gente vendia - vendeu em varias parcelas - uma terra que a gente vendia também mantia os professores. Porque tinha que pagar né, os professores. Cada um... cada uma das escolas tinha dois professores, então era seis professores que eram pagos. E a gente pagava o salário mínimo, porque a prefeitura de lá pagava um terço de salário pros professores. Um terço. (...) E depois claro, foi foi... Mais a frente depois venderam mais outra parte da terra e... sempre investiram em favor dos pequenos. (Entrevista 19 jun. 2021)

Dom: Eu dividi onde estavam os grupos, dividi e... dei pra eles. Para alguns eu não dividi, dei para o grupo todo. Para dois grupos que moravam mais nos fundos, nos brejos... os brejos é são sempre os mais apreciados né... então, eu lá dei essa terra para o grupo e eles depois que dividissem conforme eles achassem interessante. (...) E ai... então dei para aquele pessoal, depois um pessoal, que morava meio disperso, eu ajuntei. E juntei eles num espaço bastante grande e dei pra cada um a sua terra; pra cada família a sua terra. E ai, também, então... fizemos escola. Fizemos a escola para esses grupos, porque eles precisavam... eles não tinham, era 70 quilômetros longe da cidade. Então, com isso, a gente tinha que providenciar. E eu pagava as professoras; a diocese pagava as professoras. O caso é que eu pagava aquilo que achava que era pelo menos mais ou menos justo que era um salário mínimo. As professoras do município recebiam um terço de salário... então todas queriam ser professoras do bispo (risos) Porque? Porque recebiam bem... (risos). Mas então foi devagarzinho. Eu sai de lá ainda não tinha conseguido fazer toda a divisão, porque depois uma parte daquela terra foi vendida. Não fui eu que vendi, os outros venderam porque eu, depois eu sai, vim pra cá e lá foi vendido. Mas foi encaminhado, foi corretamente encaminhado, levado a frente e... um projeto que digamos, que não era, que não era somente meu, mas era da diocese. Os padres todos, todos conheciam, sabiam o que nós queríamos e como é que íamos fazer e “tá,tá,tá” e assim por diante. E sempre com o objetivo principal de dar terra àqueles que lá moravam. Dar um pedaço de terra àqueles que lá moravam. Se sobrasse, então vendia para alguém que quisesse comprar, como de fato sobrou, porque era muita terra. Trinta e seis quilômetros por dez e pouco, quase onze quilômetros frente ao rio. É muita terra (Entrevista 21 maio 2022).

Para além desse projeto com as terras da diocese, Dom Orlando também relata outro episódio de sua trajetória nesse período. Em aconteceu uma grande enchente e as águas do Rio Grande e do Rio São Francisco atingiram a cidade de Barra.



Foto: Enchente de 1979 (WARTCHOW & CYBIS, 2015, p. 289)

Dom Orlando relata que diante dessa catástrofe, apenas os lugares mais altos da cidade não foram tomados pela enchente e um deles foi a casa do bispo, “era o palácio” (Entrevista 19 jun. 2021). Nela então, foi feito “um tipo de um abrigo praqueles que perderam a casa e perderam tudo” (Entrevista 19 jun. 2021).

Além disso, Dom Orlando relata que “nós, nós graças a Deus nós recebemos bastante dinheiro de fora. A diocese recebeu dinheiro de fora para a reconstrução das casas” (Entrevista 21 maio 2022). Nesse sentido, ele relata que, juntamente com outras duas pessoas, trabalhou na assistência dos atingidos e na reconstrução das casas (Entrevista 21 maio 2022). Segundo ele, a diocese forneceu madeira, barro, outros materiais que eram necessários e a cobertura para construir mais de 400 casas⁵⁰ (Entrevista 21 maio 2022).

Dom: Porque, eles queriam construir as casas à maneira deles né. Que fazem um tipo de uma grade, depois põem o barro e fica a casa muito, muito... digamos assim... muito saudável e até digamos uma casa que ela não... não fica tão quente, porque é feita de barro e tal... e eles sabem fazer (Entrevista 21 maio 2022).

⁵⁰ No pátio do lugar onde mora, foi feito um grande depósito da madeira que serviria para reconstruir as casas. E também era preciso de barro, “uma terra mais lingueta”, para construir as casas, “porque a terra comum de lá não serve para isso, é muito arenosa” (Entrevista 21 maio 2022).

Dom Orlando também relata que alguns dos atingidos não quiseram retornar e construir a casa no local que havia sido atingido pelas águas e que então foram pedir a ele e a diocese se poderiam fazer um pequeno loteamento (Entrevista 21 maio 2022). Diante desse pedido, Dom Orlando comprou um pedaço de terra, que estava desocupado perto de sua moradia, e fez a divisão junto com os que pediram a ajuda e com as duas pessoas que trabalhavam diretamente com ele para esses assuntos (Entrevista 21 maio 2022).

Entretanto, depois de dividirem os lotes e darem os materiais para a construção, “quando tava tudo pronto” (Entrevista 21 maio 2022), o governo federal⁵¹ fez um projeto para construção de um dique para proteger a cidade de enchentes do Rio São Francisco (Entrevista 21 maio 2022). Segundo fonte, “após tal enchente (1979) designou-se necessária a elevação da murada de proteção (fechamento dos balaústres) do dique que protege a cidade” (WARTCHOW & CYBIS, 2015, p. 289). Nesse projeto, “pelo natural” (Entrevista 21 maio 2022) o dique deveria passar no meio da propriedade (da plantação ou de uma chácara) de um sujeito poderoso financeiramente (Entrevista 19 jun. 2021; Entrevista 21 maio 2022). Esse sujeito, não deixou que o projeto seguisse passando por sua terra, e então, articulou para que passasse no loteamento que Dom Orlando e a diocese haviam feito para os atingidos pela enchente; e para outros “que vieram de fora” que precisavam de casas (Entrevista 19 jun. 2021; Entrevista 21 maio 2022). Assim, gerou-se um conflito. A resolução dele, segundo Dom Orlando, foi feita pelos próprios sujeitos que receberam os lotes e as casas, valendo-se de sua “fama” na região.

Dom: E ali foram medir para (o dique) passar ali (loteamento feito pela diocese). E disseram: “-Olha aqui vocês vão ter que sair porquê... porque aqui vai passar o dique. Vai passar o dique aqui. Dique de proteção da cidade, vocês vão ter que sair.” E eles, os que moravam lá: “-Mas isso aqui não é nosso.” “-De quem é?” “-É do bispo.” Ai então, foram falar lá. Diz: “-Olha, disseram que aquela terra é do bispo.” Ai o prefeito disse: “-Então não quero nada com esse bispo, não quero nada com esse homem.” (Risos) E os jovens ficaram felizes da vida. (Risos) Não, eu brigava. E de fato, de fato o dique passou, passou no meio da chácara daquele rico lá e... Foi. O dique foi bom, mas tinha que passar onde tinha sido planejado e não mandar embora os outros. (Risos) E pra se defender disseram, “-Não, não é nosso, é do bispo.” E era deles, tinha sido dado pra eles. Mas eles... a defesa deles (foi essa) (Entrevista 19 jun. 2021).

Dom: Pelo natural devia passar lá (na propriedade do sujeito poderoso financeiramente). Ai... ele não deixou. Ele disse que não deixava. Ai então vieram falar, falar comigo porque queriam que então que... não, não... foram falar com o pessoal, com o pessoal, para passar, onde estava ele devia passar o dique. Então eles disseram: “-Mas essa terra não é nossa”, eles disseram - na verdade era deles. Eles disseram: “-É

⁵¹ Há uma variação de dados respeito de que órgão veio esse projeto. Na entrevista 19 jun. 2021, Dom Orlando considera que foi a prefeitura e o estado, na entrevista 21 maio 2022, Dom Orlando considera que foi o Governo Federal.

do bispo.” “-Ah... Ah, então... então vamo falar com o prefeito.” Foram falar com o prefeito e tal; disse: “-Se é do bispo não quero conversa com o bispo” disse. (Risos) “Não quero conversa com esse homem.” (Risos). Porque sabia que eu não ia ceder, e de fato ficaram lá, tão lá, tão muito bem localizados e... hoje já é cidade lá. Então tudo é cidade, fechada... (Entrevista 21 maio 2022).

Em entrevista, percebe-se que esse trabalho promovendo assistência aos lavradores, aos atingidos pelos enchente e dos subalternizados em geral, na região de Barra, foi muito importante para projetar e desenvolver a pessoa e a figura de Dom Orlando, como um sujeito combativo, de maneira especial, projetando-o nacionalmente como “o bispo da reforma agrária” (Entrevista 21 maio 2022).

Dom: (...) (Quando em Barra) daí é que eu comecei a entender o problema da ocupação da terra no Brasil, da ocupação do solo no Brasil. Comecei a estudar, aprofundar mesmo, e toda a legislação da terra, legislação agrária, fundiária e... diferentes estágios e aprofundando isso também cheguei **a necessidade assim de trabalhar no sentido da reforma agrária**. Tanto que depois quando eu estava lá na Bahia, foi feita a... assembleia dos bispos em que se estudou **Igreja e problemas da terra**, e eu fui o bispo que coordenou esse documento, Igreja e problemas da terra (Entrevista 19 jun. 2021, grifo nosso)

Dom Orlando considera que nas décadas de 1970 e 1980, “era a época em que mais se falava da reforma agrária” (Entrevista 21 maio 2022). Mas, nesse contexto, “havia os que eram contra a reforma agrária, inclusive entre os bispos, e havia a grande maioria, absoluta maioria, que era a favor da reforma agrária” (Entrevista 21 maio 2022). Ele ressalta, que essa reforma agrária que a Igreja “propugnou”, era “uma reforma agrária em que o governo tivesse, digamos assim, a responsabilidade de fazer essa reforma, e o governo nunca assumiu” (Entrevista 21 maio 2022).

Dom: (...) pela lei - lei daquele tempo (década de 1970-80) e de hoje - também, o presidente da república né, a União, tem o poder de desapropriar terras para fins de reforma agrária. É essa, digamos assim, a formulação. Que o poder que o presidente da república tem de desapropriar terras para fins de reforma agrária. Mas, não é uma reforma agrária global, como se fizeram em muitos outros países em que, digamos assim, havia determinadas normas, quem tivesse mais do que tanto já não tinha mais aquela terra, teria só uma parte “tátátá”. Nada disso, isso nunca aconteceu no Brasil. No Brasil nunca houve a reforma agrária, houve desapropriações “muuuito” pequenas, para fins de reforma agrária. Só, só (Entrevista 21 maio 2022).

Para além dessa defesa, Dom Orlando reflete sobre o regime de domínio da terra por posse, o regime de domínio da terra por escritura e o trabalho que desempenhou em Barra:

Dom: É... nós temos aqui, digamos assim, muito... muito forte o... digamos, nós precisamos de um documento de escritura e depois de então de... além da escritura nós sempre precisamos também do documento de... da terra, como é que é... (...) Do registro enfim né. É... lá (Barra nos anos 1970-80) não tem nada disso, quase ninguém tinha escritura de terra. Então não se importavam muito com essa história. Então, também eles são muito nômades... Hoje estão aqui, aqui dá um

problema... “Ah, não é problema”. Larga e vai embora, vai pra outro lugar e pega um outro pedaço de terra que não tá ocupado. Porque ninguém, quase ninguém tem escritura de terra e muito menos do registro da escritura. E nós aqui⁵², a primeira coisa que fazemos é a escritura. E depois, o registro da escritura. Então já... a terra tá segura. Lá no... naquela época - hoje deve ser diferente. Naquela época não tinha muito essa ideia de... de... de estabilidade. “Morava aqui... bom, não deu certo aqui, larga ali. Pronto”. Deixa tudo, deixa tudo. E vai para um outro lugar onde não tem ninguém. E... lá também, ninguém tem dono; porque ninguém tem a escritura daquela terra. Eu sei que na época que eu fui pra Bahia muuuito pouca gente tinha escritura de terra. Porque, porque é... não era como nós que temos... digamos assim, estabilidade no lugar. E isso... nós fixamos... nos fixamos no lugar... Não, eles não... Não deu certo vai embora, larga... e não perde nada, não ganha nada. Encontra um outro lugar, se dá certo lá, vai em frente. É... e é uma mentalidade diferente. Tanto que, **a gente pensava: “Mas será que vale a pena falar de escrituras e de registro da escritura como coisa mais certa? A coisa mais certa não seria a pessoa ter o seu pedaço de terra, aquele pedaço que ele ocupa. É dele, pronto.”** É... então eles falam muito de posse da terra, posse. E a posse é o pedaço de terra que você ocupa para trabalhar, para viver. Quando você... se alguém tem uma posse... ele tem um pedaço de terra que se considera dele... ele, que ele trabalha, ele pode vender essa posse. Isso sim, ele podia vender essa posse. Mas também não era muito importante ter a posse para vender, era ter a posse para poder trabalhar. Então, o regime de posse era muito mais forte que o regime da escritura. E nesse sentido, a gente tinha um pouco de medo até de mexer na cabeça deles... porque... quem é que diz que o regime da escritura é o melhor do mundo? ... É, porque se você faz a escritura de meio mundo é todo seu então, e os outros? ... Tem que ser questionado também esse modelo (Entrevista 21 maio 2022, grifo nosso).

Observa-se, que em uma visão ampla sobre o conjunto das entrevistas realizadas com Dom Orlando nesse trabalho, é no período em que foi bispo de Barra em que ele, de certa forma, dá uma atenção diferenciada ao narrar sua trajetória. Ele atenta isso, em um sentido de que sua ação em Barra seria exemplar de sua trajetória de vida como demonstrativa de seu comprometimento com os subalternizados.

Dom Orlando, e a Igreja, ao posicionarem-se, ao menos em certa medida, ou em certa parcela de membros, em favor e na defesa dos subalternizados, legítima e da força a suas lutas, da força aos pobres que diz ter feito a escolha preferencial. Assim, ela é potência de revolução, que Lowy descreve como “romantismo revolucionário”.

Alguns autores brasileiros se referem à natureza Romântica da “Igreja dos Pobres” e à sua utopia comunitária como evidência de sua natureza retrógrada. No entanto, existe também um **Romantismo revolucionário** e/ou utópico, cujo objetivo não é uma volta ao passado, uma impossível restauração de comunidades pré-modernas, e sim um desvio que, saindo do passado, vai direto ao futuro, a projeção de valores passados em uma nova utopia. A essa tradição que funde nostalgias góticas (ou pré-modernas) com o Iluminismo, que se estende de Rousseau a William Morris e de Ernst Bloch a José Carlos

⁵² Interpreta-se que Dom Orlando refere-se com “nós” aos imigrantes e descendentes de italianos, e europeus em geral, que se estabeleceram no Vale do Rio Taquari-Antas (+-1870 em diante) mas, por extensão, pode ser que se refira aos europeus em geral que migraram para o sul do Brasil depois de 1850.

Mariátegui, também pertence a Teologia da Libertação (Lowy, 2000, p. 111, grifo nosso).

IV Bispo: Puebla (1979)

Seguindo a trajetória de Dom Orlando, no terceiro ano que esteve em Barra, já possuindo uma projeção como “o bispo da reforma agrária” por seu trabalho como defensor dos posseiros e dos lavradores (Entrevista 21 maio 2022). Assim, em 1979, houve uma eleição onde seriam eleitos 36 bispos do Brasil para tratar assuntos na III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, na cidade de *Puebla de los Angeles*, no México. Dom Orlando foi um dos primeiros a ser eleito para participar dela (Entrevista 21 maio 2022).

Em Puebla, ele foi orientado por Dom Aloísio Lorscheider a participar do capítulo da opção preferencial pelos pobres. Segundo Dom Orlando, Dom Aloísio “sabia já, ele era um dos vices presidentes e um dos coordenadores da assembleia então ele sabia que vinha esses capítulos, eu não sabia... sabia assim por alto, tinha recebido o esquema, mas não se tinha ainda claro, porque tudo ia ser votado né, tudo ia ser votado” (Entrevista 21 maio 2022). Assim, sobre o trabalho no capítulo:

Dom: (...) eu entrei nesse capítulo e trabalhei, então muito daquilo que está nesse capítulo da opção preferencial pelos pobres... é da nossa autoria, principalmente digamos assim, mostrando para a todos que o estilo de vida do cristão é um estilo de vida sóbrio, simples e austero. Esses três adjetivos até lutamos para que eles entrassem todos eles. Então, a vida de um cristão verdadeiro não é daquele que vive na riqueza, naquele que vive na opulência, naquele que vive no esbanjamento e assim por diante (Entrevista 21 maio 2022).

Além de trabalhar nesse capítulo, Dom Orlando também realizou uma intervenção sobre armamentismo. Havia sessões, e nelas comissões onde se apresentava aquilo que havia sido trabalhado nessas comissões, havia também um espaço para fazer intervenções onde cada um poderia falar por pelo menos uma vez (Entrevista 21 maio 2022). Assim, Dom Orlando candidatou-se para fazer uma fala, que também depois seria escrita, e a fez sobre o armamentismo (Entrevista 21 maio 2022). Ele relata que foi o único a falar sobre o armamentismo, que sua intervenção foi muito bem recebida e foi contemplada, nos documentos de Puebla, em duas oportunidades (Entrevista 21 maio 2022). Segundo Dom Orlando:

Dom: Então eu falei, a minha intervenção foi sobre o armamentismo. É... mostrando, mostrando como o armamentismo é uma ideologia em primeiro lugar. Em segundo lugar, ela realmente empobrece a humanidade, porque grande parte da riqueza vai na produção de armas e de armamentos cada vez mais sofisticados e que, portanto, tira, digamos assim, muito do orçamento das nações em favor das armas e não em favor das pessoas que necessitam. Falei um pouquinho nessa linha, sobre o armamentismo... e dizendo que as armas só produzem mortes, as armas são feitas para produzir mortes e não para produzir

vida. E que nós estávamos lá justamente para olhar para a vida das pessoas e o melhoramento da vida delas. É... foi a intervenção que eu fiz. (...) Foi bem recebida. E fui o único que falou do armamentismo e, apesar de ter sido só uma intervenção minha, ele foi contemplado nos documentos de Puebla em duas oportunidades contra o armamentismo. Que não sei, se a gente não tivesse falado nem teria entrado. (...) Por isso ainda hoje eu sou contra as armas em todos os sentidos (Entrevista 21 maio 2022).

Além da sua intervenção, Dom Orlando também destaca a presença e as intervenções de Dom Oscar Romero na conferência. Nesse sentido, ele relata que Dom Romero não foi eleito pelo episcopado salvadorenho para participar da conferência, mas sim, foi convidado; indicado; escolhido e/ou nomeado pelo Papa João Paulo II para estar presente (Entrevista 19 fev. 2022; Entrevista 21 maio 2022). Em Puebla, Dom Romero fez três intervenções, “que era(m) sempre muito muito tranquilas, muito serenas e muito muito profundas” (Entrevista 19 fev. 2022).

Dom: Que... então, cada um falava uma ou duas vezes, alguns falavam até mais né, por exemplo... porque era até convidado a falar né. O Dom Romero tava lá. E ele falou. Falou uma vez, depois então pediram para ele que se explicasse melhor a situação de El Salvador. Ai ele falou, explicou, “tatata” e... então ele falou... falou acho que umas três vezes. Foi um dos poucos que falaram três vezes. O que tinha falado uma vez não podia mais porque eram 8 dias para 300 pessoas (Entrevista 21 maio 2022).

Além disso, “ele mostrou que o país estava praticamente dominado pelos Estados Unidos. Ele mostrou isso. E praticamente... era um governo estranho que estava governado o país e que... mostrou... a gente até tinha um bastante informação, mas ele mostrou mais claramente tudo isso” (Entrevista 21 maio 2022). Afora essas considerações, sobre Dom Romero na conferência, o entrevistado também relata como compreende o trabalho de Romero em El Salvador:

L: E sobre, digamos, a... uma ação da Igreja no... que o Dom Romero dizia pra fazer em El Salvador, digamos assim; como Igreja o que ele entendia de fazer por lá?

Dom: O que... eu diria assim, que o Dom Romero fez foi conscientizar a população da situação que encontrava El Salvador. Ele até não tem muitas atividades externas, ele tem muita pregação. Ele, ele foi digamos assim um homem que conscientizou o país, e não que mobilizou o país. Ele não teve mobilização de, digamos assim, das classes trabalhadoras, dos camponeses, assim por diante; ele foi o que conscientizou e... e nesse sentido ele foi admirável, porque as pregações dele eram sempre transmitidas por rádio, era uma vez por semana e... e era escutado como a grande voz de El Salvador. Então, eu diria, aí também se mostrou a força do pensamento e as pregações dele eram sempre pregações muito... muito simples, que achegavam ao povo a maneira de falar dele era uma maneira muito simples, não... não procurava assim uma elocubração, não... não, diria as coisas muito claramente a partir do evangelho e dava sempre o seu recado. E cada vez mais ele foi... teve digamos assim, uma força, a força do pensamento, da ideia que mobilizou o país. Mas ele não; não esteve à frente das mobilizações. (Entrevista 21 maio 2022, grifo nosso)

Uma relação comum nesse contexto histórico, era a aproximação do marxismo com o pensamento católico (Entrevista 21 maio 2022). Nesse sentido, o entrevistado relata sobre o encontro com uma religiosa leiga de Cuba:

Dom: Mas é... é interessante porque também lá, éramos muitos... éramos mais de 300 em Puebla, porque havia bispos, havia padres, havia religiosas, havia leigos, leigas. No nosso grupo tínhamos uma religiosa leiga de Cuba, por exemplo, que participava do nosso grupo. E ela sempre dizia assim: “se algum dia o comunismo entrar nos países de vocês, não combatam o comunismo. Não combatam. Mas... vejam bem o que eles têm a propor e depois então levem para dentro das comunidades o que há de bom da parte do comunismo, da parte do marxismo.” Sempre dizia assim essa irmã. (...) Ela afirmou isso várias vezes. Então ela dizia também como ela tinha uma certa liberdade de trabalhar por causa que ela tinha aderido à revolução né... havia os antirrevolucionários da época né, como existem ainda hoje (Entrevista 21 maio 2022).

Entretanto, sobre a aproximação do marxismo com o cristianismo, Dom Orlando considera que:

Dom: É... a gente poderia dizer que... o... todo o nosso pensamento foi um pensamento tirado digamos assim, da palavra de Deus, do evangelho né. Mas, acontece que muitas das coincidências que existem entre aqui o... digamos o... o marxismo e o cristianismo nascem do marxismo que se aproxima do cristianismo e não do cristianismo que se aproximou do marxismo, porque o cristianismo vem muito antes e tem uma prática muito maior, né. Então... houve muitas coincidências e muitas digamos assim, até... semelhanças né, na maneira de refletir, na maneira de pensar e na maneira de tratar principalmente a questão dos pobres (Entrevista 21 maio 2022).

Enfim, compreende-se que dentro da conferência haviam bispos “que puxavam pra trás” (Entrevista 21 maio 2022) e uma minoria que eram “totalmente contrários à reforma agrária” (Entrevista 21 maio 2022). Em virtude desses contrários, o entrevistado relata que as conclusões e os documentos produzidos em Puebla foram todos documentos de consenso, “em que, portanto, se cedeu muita coisa e muita coisa se ganhou” (Entrevista 21 maio 2022).

V Bispo: Viagem para a América Central (1980)

Em 1980, Dom Orlando fazia parte da CNBB⁵³, era Coordenador da Linha 6 (Ação Social). Nesse ano, a pedido, e por escolha, de Dom Ivo⁵⁴, ele realizou uma viagem para a América Central. Essa viagem, torna-se um trecho marcante de sua trajetória e revela um pouco do contexto histórico e do envolvimento de Igreja com a política na Nicarágua, em El Salvador e na Guatemala. Dom Orlando fez essa viagem com outros

⁵³ Entre 1978 a 1982 Dom Orlando foi Coordenador do Setor de Educação e do Setor de Ação Social da CNBB.

⁵⁴ Dom José Ivo Lorscheider, então presidente da CNBB.

dois bispos brasileiros, Dom Cláudio Hummes e Dom Koaik⁵⁵ (Entrevista 19 fev. 2022). Dom Ivo havia pedido uma ajuda financeira “ao Canadá” e este pagou a viagem para que três bispos brasileiros, por um período de uns 15 dias, fossem para América Central, e “fossem para ver a situação”, pois “havia uma interrogação” sobre Nicarágua, El Salvador e Guatemala (Entrevista 19 fev. 2022).

O primeiro país que eles visitaram foi a Nicarágua.

Dom: (...) visitamos os bispos, cardeais, estivemos com o governo... tivemos contato com o governo, tivemos contato com as instituições do governo, assim por diante. E... e havia uma divisão entre os bispos. O cardeal naquela época, ele era contra. Era... era dos chamados “contra”, “os contra”. E os outros bispos a maioria deles era a favor da revolução, mas e... no primeiro ano da revolução, no primeiro, segundo ano, eles trabalharam mais o... digamos assim, o projeto político e o projeto educacional. E depois iam entrar no chamado projeto da saúde, e foi quando então começou a resistência. Começou a resistência principalmente a partir dos Estados Unidos. E aí claro... houve uma... eu pessoalmente achei que a... a grande luta era interna. Havia muitos que já se tinham, não sei força de que... se tinha organizado contra o próprio governo da Nicarágua. Havia os contra que eram muito, muito organizados. De onde vinha esse grupo, era muito difícil de ver, mas era todos grupos, eram células que tinha a presença americana, que tinha... apesar de que havia um bispo americano que era a favor da revolução. Havia um bispo americano trabalhando em Bluesfield... aí na área perto do Oceano Atlântico, no lado do Oceano Atlântico, lá é tudo um banhadal muito grande... e ele era a favor da revolução, achava que precisava... que o governo estava no caminho certo mas estava muuuito difícil principalmente para ter subsídios para implementar os projetos que o governo tinha. E então, o governo não conseguia realizar o que tinha prometido e alguns se puseram contra e começaram... e começaram assim as organizações nas montanhas contra a própria revolução. Dois anos depois... eu digo dois anos depois porque justamente, nós, na celebração do segundo ano, nós estávamos lá na Nicarágua. Estávamos na Nicarágua (Entrevista 19 fev. 2022).

O segundo país que eles visitaram foi El Salvador:

Dom: Dai, de lá (Nicarágua) nós fomos para El Salvador. (...) Fomos pra El Salvador. Em El Salvador recém tinha sido morto o **Dom Romero**⁵⁶, que eu tinha conhecido em Puebla. Quando nós estivemos em Puebla, ele foi também, ele foi até indicado pelo Papa. Não foi votado pelos bispos... foi, o Papa o convidou. Então ele foi como convidado do Papa para Puebla. E lá eu conheci o Dom Romero, lá eu vi muitas vezes também as intervenções dele, que era sempre muito muito tranquilas, muito serenas e muito muito profundas. Mas, justamente naquele ano, quando nós estivemos lá, então nós fomos no seminário, no seminário de El Salvador. E o pátio do seminário tava lotado de pessoas que tinham fugido das montanhas, tinham deixado lá os homens, e as mulheres e as crianças estavam ali no pátio. Pátio lotado de gente! Quase como que um refúgio. Até me recordei muito bem que... uma vez o Dom Koaik perguntou para um a criança: “Onde está teu pai?” “¿Donde está su padre?” Ele disse... pensou um pouquinho: “Não sei, não sei”. E eu disse pro Koaik, “Viu (digo), viu esse aí é inteligente, ele nunca vai trair o próprio pai”. O pai tava na guerrilha né e ele tava..

⁵⁵ Dom: Dom Koaik, que era... trabalhava mais na linha... digamos da caridade, no sentido da Cáritas, que era muito forte naquele tempo no Brasil, a Cáritas (Entrevista 19 fev. 2022)

⁵⁶ Dom Romero é assassinado em 24 de março 1980, ao celebrar uma missa.

ele com a mãe tava ali. (...) A consciência... a consciência política dessa criança né. E então nós conversamos bastante a respeito de Dom Romero, estivemos lá onde ele foi morto... as irmãs disseram, “ele foi morto assim”, porque ele foi morto celebrando uma missa de 15 anos de uma moçoquinha que lhe era amiga dele, da família, tava lá celebrando a missa, quando terminou o sermão... mostraram a coisa... de onde saíram as balas que era... era uma igreja quase sempre em forma de cabana. Assim. E aqui sobrava um espaço, então a arma entrou por aqui, dava bem em frente a dele. E foi morto. Foi morto lá, eu estive lá naquele altar, e depois então, as irmãs disseram que as vísceras dele, tinha sido tirada né, e estava enterrada lá naquele lugar lá, num saco plástico e... e aí nós fomos lá na igreja onde ele estava enterrado e havia muuuuuta gente pra visitar. Havia fila, tanto que para ir chegar até o túmulo dele tinha que ir por fila. E aí eu perguntei para uma mulher que vinha atrás de nós, digo: “O que é que você pensa de Dom Romero?” E ela disse: “El fue un santo e además, um mártir.” Ela disse... bem assim. E ela vinha atrás. E ela... passava lá e depois ficava lá um pouco e tinha que sair logo porque a fila era longa, era longa. E então aí... naqueles dias que nós estávamos lá, chegaram 60 carros blindados dos Estados Unidos pra... a guarda de El Salvador. 60 carros blindados, passaram assim na rua, nós vimos os carros... o desfile dos carros que passavam na rua e... Então nós fazíamos reuniões com grupos para saber um pouquinho como que era, como não era, fazíamos reuniões. E o padre que atendia lá no seminário, me recordo o nome dele, Padre, Frei... Padre Rafael, disse: “-Olha (Ele disse) não voltem de noite, porque de noite ninguém tá seguro. Vocês têm que voltar de dia, fazer a reunião e voltar de dia”. Então nós íamos fazer a reunião, nos hospedávamos lá no seminário, que era onde morava o Dom Romero. Dom Romero não morava no palácio, (ele) morava no seminário. E... tanto que nós ocupamos o quarto dele. E... então aí... o que eu vi lá realmente foi um... um, digamos assim, uma multidão de gente amedrontada, amedrontada porque estavam com muito medo. Tinham matado o bispo né, e não se sabia como é que ia ser, tinha chegado todos aqueles carros blindados e... era simplesmente, digamos, um clima de pavor. O seminário que tinha um grande pátio, um grande campo de futebol atrás, tava totalmente lotado de gente, cada um com a sua barraquinha morava lá, ficava lá, porque não sabia aonde ir. E naqueles dias mesmo que eu estava lá houve guerrilhas e mortes nas montanhas né, porque eles se... a guerrilha trabalhava mais era nas montanhas. Foi uma experiência assim muito muito dolorosa eu diria, principalmente vendo todo esse sangue né que tinha sido derramado por lá. Todas as famílias que estavam lá no pátio, todas elas tinham gente que tinha morrido, ou o pai ou esse ou aquele, tinha gente morta né... Então... falava com um falava com outro... E outra coisa, eles queriam dinheiro. Dinheiro. E nós não tínhamos muito dinheiro porque nós tínhamos a viagem paga e... eu sei que eu digo “Ah vou dar...” Deixei lá alguma coisa... eu tinha alguns dólares né, e depois digo, “vou ver se lá em casa a gente tem alguma coisa a mais...” No dia seguinte, já tava lá pedindo dinheiro. Porque eles queriam dinheiro justamente para sustentar também a guerrilha, né. E pediam que do Brasil mandássemos dinheiro. Davam endereço, davam endereço de banco, davam... pediam dinheiro para sustentar a guerrilha.

L: E tinha quem mandasse, depois? De Brasil que enviou dinheiro pra lá?

Dom: Não isso aí eu não sei, não sei como é que foi, mas nós, nós como bispo nós não tínhamos dinheiro, como CNBB também... nós contamos tudo isso na volta né. Mas, o importante de... de El Salvador pra Nicarágua, nós fomos de avião, quando estávamos no porto de El Salvador, apareceu lá um... turco, um turco, que era vendedor de tapetes. Então, ele disse uma coisa que me deixou muito impressionado.

Disse que no Brasil as coisas iam muito bem, e nós sabíamos que ia muito mal, porque era ditadura, né. E que, “-Com certeza, o **Maluf** vai ser presidente do Brasil, por isso tenho investimento lá.” Maluf... eu ouvi isso lá! Imagine só! (Entrevista 19 fev. 2022, grifo nosso).

Assim, Dom Orlando e os outros dois bispos partem de El Salvador e vão para a Guatemala.

Dom: Bom, quando chegamos a Guatemala, o padre que nos foi nos pegar, ele disse: “Olha, muito cuidado com aquilo que vocês dizem e para onde vocês vão, porque a partir desse momento vocês estão sendo seguidos por alguém que vocês não sabem.” Pois é...

L: O senhor desconfia que esse turco pode ter sido um...

Dom: Lá o... presidente... o presidente da Guatemala, naquela época, era **Rios Montt**⁵⁷. E Rios Montt tinha passado para os crentes e tinha um irmão bispo da Igreja Católica... Rios Montt, o irmão dele era bispo, e ele era presidente da Guatemala, passou para a religião crente... e era um grande perseguidor. Morreram bispos, Bispo de Squintela, né, foi morto. E..., outros bispos foram perseguidos e... e nós tivemos lá muitas reuniões com a Cáritas, porque então... o Koaik era da Cáritas, conhecia um pouquinho, se conhecia pelas relações internacionais... tivemos muitas reuniões com a Cáritas. Mas ficamos... eu achei interessante... eu achei o clima da Guatemala pior do que todos que nós tínhamos passado. Muito mais, digamos assim, vigiado; muito mais perseguição, mortes e padres, né, que tinham sido matados a poucos dias... era uma coisa bem terrível e... e tudo lá, em nome também né... da religião... O Rios Montt, foi o presidente naquela época.

Então... dai nós fomos, fizemos reuniões com vários grupos, muitos grupos e depois viemos de volta e trouxemos o relatório, um relatório para a CNBB! (Entrevista 19 fev. 2022, grifo nosso).

Ao retornarem para o Brasil:

Dom: É... e a primeira coisa que a gente fez foi relatar isso para a diretoria da CNBB, houve uma reunião no mês seguinte né, cada mês tinha uma reunião, e eu participava sempre de todas. Porque os que eram presidentes das linhas, das chamadas 6 Linhas, eles se reuniam 1 vez por mês em Brasília. Então nós todos estávamos nessa linha e... fomos conversamos bastante. E... o que houve é que... a partir disso, a CNBB abriu canais de comunicação com todas essas... conferencias com as instituições, principalmente da Igreja daquela época. E, digamos assim, um dos grandes elaboradores desse projeto, foi o Dom... faleceu um irmão dele ontem... Mendes. **Dom Luciano Mendes de Almeida**, foi secretário da CNBB e... e naquele tempo ele era secretário, depois ele foi presidente da CNBB. Durante 3 anos, durante 6 anos, foi secretário, depois mais 6 foi presidente. Ele é irmão do **Candido Mendes de Almeida**, que faleceu anteontem, ou ontem⁵⁸... é... era membro da Academia de Letras e era um grande pensador... Mas... acho que a nossa ida pra lá ajudou a criar esses organismos de intercomunicação com as conferências e com as instituições que lá existiam. Nós trazíamos de volta tudo que existia lá de instituição de ajuda isso, ajuda aquilo, tatata... da educação, da saúde, assim por diante. E houve então uma grande, uma grande intercomunicação das conferencias principalmente dessas 3 aqui no Brasil com os bispos de lá e as instituições de lá (Entrevista 19 fev. 2022, grifo nosso).

⁵⁷ Foi presidente da Guatemala de 23 de março de 1982 a 8 de agosto de 1983 (Efraín Ríos Montt, Wikipédia).

⁵⁸ Morte: 17 de fevereiro de 2022 (93 anos) (Morreu anteontem, em relação ao dia da entrevista).

Dom Orlando considera que a Guatemala era onde estava a pior situação naquele período da viagem, pois lá, os padres estavam sendo assassinados.

Dom: Na época era Guatemala (a situação mais complicada) porque tava matando né. Ao passo que em El Salvador tava recém... fazia pouco que tinham matado o arcebispo, mas já fazia algum... ano ou mais, e... então, tava mais, tava mais abafado. Mas a gente sabia que tinha ido muuuuitas mortes porque, todos os grupos que nós encontrávamos, porque nós encontrávamos com pequenos grupos, que sabiam porque estavam organizados. E um indicava outro, outro indicava outro. Em todos os lugares foi assim, através dos pequenos grupos organizados, que nós, digamos, tivemos um pouquinho a ideia daquilo que estava se passando em cada país. Também estivemos com os bispos, estivemos com o governo, na Guatemala. Nos outros lugares não estivemos com o governo nada... Só na Nicarágua estivemos com o governo, com o presidente, o secretário, com os dois irmãos... **Ernesto e Fernando Cardenal**, que eram secretários do governo... estivemos com eles, conversamos bastante. Mas a Nicarágua ainda alimentava assim um... digamos assim, um projeto de... digamos... otimista, de esperança, mas tavam lutando contra “os contra” que estavam organizados.

L: E desses governantes, ali, qual que foi a impressão que o senhor teve deles?... E questionavam alguma coisa da igreja, se aliavam...

Dom: Não... eles de certa forma contavam com a igreja porque tinha os dois Cardenal que estavam com eles, e muitos padres, a maioria dos padres, a maioria dos bispos. Mas tinha o cardeal que era contra, não era cardeal naquela época, era o arcebispo, mas depois virou cardeal. Bem naquela época virou cardeal. E lá eles, nós tinha dificuldades de conversar com o cardeal, ele não aceitava muito diálogo. E era contra, era contra porque achava que era comunismo e tatata. Mas a gente... não, digamos assim, na Nicarágua a gente teve muito uma ideia de esperança, nos outros lugares foi muito digamos, temor; muito perigo; muito pouca esperança realmente (Entrevista 19 fev. 2022, grifo nosso).

VI Bispo: Membro do departamento da Ação Social do CELAM e coordenador da Linha 6 (Educação e Ação Social) da CNBB

Entre 1979 e 1982, Dom Orlando foi coordenador da Linha 6 da CNBB. Nesse período, desenvolveu o documento “Igrejas e Problemas da Terra” que, segundo fonte, foi “certamente o marco decisivo para o engajamento da Igreja na luta pela Reforma Agrária” (Vacaria (RS), 2020). Nesse mesmo período, de 1979 a 1983, Dom Orlando fez parte do Departamento de Ação Social do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam). Dom Orlando descreve que, depois da Conferência de Puebla, a primeira coisa que fizeram como departamento da Celam⁵⁹, foi elaborar o livro “Fé cristã e compromisso social”,

⁵⁹ “Dom: O CELAM é um organismo da América Latina, e tem sede em Bogotá. Porém o nosso departamento, eu era do Departamento de Ação Social. O nosso departamento tinha sede em Lima. Porque o bispo responsável era um peruano; o bispo presidente dessa comissão. E então... logo depois de Puebla, logo depois de Puebla, nós então começamos a estudar o documento de Puebla. E... pra... porque éramos da Ação Social né. E a primeira coisa que fizemos foi elaborar um documento: “Fé e compromisso social” (Entrevista 21 maio 2022).

que “nos deu muito trabalho” (Entrevista 21 maio 2022). Esse livro foi publicado no Brasil em 1982 e Dom Orlando escreveu a apresentação do livro nessa versão.

É interessante observar, que nessa apresentação do livro, Dom Orlando descreve sobre a doutrina social da Igreja e sobre como ela é uma sequência, sempre em mudança de formas de pensamento.

O texto que estamos publicando tem a preocupação de definir a doutrina social cristã, ao afirmar que esta "é uma seqüência sempre aberta, nunca definitivamente acabada, de concepções relativas ao social, em toda a amplitude do termo". "Uma doutrina social autêntica não é um museu de múmias maquiladas. É a memória viva da experiência social da Igreja. Como tal, longe de impedir, ela orienta e estimula o discernimento das comunidades cristãs habitadas pelo Espírito que esquadrinha, à luz do Evangelho, os grandes sinais. Ela não inibe a originalidade do pensamento social cristão, porém evita a repetição de experiências amargas e o protege da ingênua pretensão de querer começar tudo de novo" (cf. p. 156).

É nessa perspectiva que se deve ler a Doutrina Social da Igreja, e não como um elenco de fórmulas estereotipadas, mecanicamente aplicáveis à realidade social. (DOTTI, Orlando. In: BIGO & ÁVILA, 1982, p. 7).

Além deste trecho, também é interessante observar a afirmação que os autores fazem sobre a Fé Cristã: “a fé cristã implica num compromisso social, sob pena de não ser fé ou de não ser cristã (...) Fé cristã tem um compromisso social, porque tem um compromisso com o homem do qual possui uma visão integral, imanente a cuja natureza ela descobre uma dimensão transcendente” (BIGO & ÁVILA, 1982).

Sobre a escrita do livro, Dom Orlando relata que o livro deu muito muito trabalho para ser feito “Fizemos muitas reuniões. Praticamente em todos os países que nós tínhamos membros, nós... tínhamos membros de República Dominicana, do Peru, da Colômbia, do Paraguai, do Uruguai, do Brasil...” (Entrevista 21 maio 2022). Além disso, “quando em vez, mas muito pouco, tivemos assembleias gerais do CELAM. Mas desses, desses que faziam parte do CELAM, mas acho que no período todo foram só duas vezes, só duas vezes. Uma quase no início, uma quase no fim” (Entrevista 21 maio 2022). E conclui, “nós (como departamento de Ação Social) produzimos isso aí. E... mas nós não tivemos muita ação, digamos assim, porque um livro desses demora pra se fazer”, foram aproximadamente dois anos para escrever o livro (Entrevista 21 maio 2022).

Apesar de ter sido um projeto trabalhoso e relativamente demorado, Dom Orlando conclui que ele estabelece certas diretrizes para a ação e que:

Dom: E também, isso aí e mais um outro depois... outros trabalhos que foram feitos, deu num... mais à frente, deu no resultado do ensino social da Igreja, digamos assim, como... o manual, que se... se estabelece princípios, se estabelece, digamos assim, temas próprios do ensino social da Igreja e várias outras coisas assim. Acho que contribuiu para isso, contribuiu muito para isso (Entrevista 21 maio 2022).

Esse livro foi entregue pelos bispos que o produziram, na versão em espanhol, para o Papa João Paulo II⁶⁰. Dom Orlando não esteve presente nesse momento, mas relata que soube que o papa “ele ficou muito feliz, o Papa, com o trabalho que a gente fez”; “ele ficou contente, muito contente que a gente tinha trabalhado todo esse (livro)” (Entrevista 21 maio 2022).

Além da produção deste livro, outro elemento marcante na trajetória de Dom Orlando como coordenador da linha 6 (Educação e da Ação Social) da CNBB, foi que, entre 28 de janeiro a 8 de fevereiro de 1983, ele representou o episcopado brasileiro no VI Encontro do Instituto Social dos Bispos da Ásia, organizado pelo *Bishop's Institute of Social Action* (BISA) (Vacaria (RS), 2020; Entrevista 21 maio 2022). Esse encontro foi em Columbus, em Sri Lanka, e tinha como tema: “*The challenge to Human Development in the 1980's: Response of the Church in Asia*” (Vacaria (RS), 2020). Segundo fonte, “em 9 páginas Dom Orlando apresentou a Pastoral Social realizada no Brasil pela CNBB. Para um episcopado diminuto com no máximo de 2% de católicos em seus territórios a ação da igreja do Brasil soou como um fato notável embora tido como difícil imitar” (Vacaria (RS), 2020).

Em entrevista, Dom Orlando descreve e reflete sobre essa viagem e esse evento.

Dom: (...) então, eles estudavam a questão social das grandes cidades e... e fizemos então uma reunião, de dois dias na cidade de Columbus, Colombo, em Sri Lanka; que é uma cidade imensa, imensa. E depois então nós fizemos, assim, fomos ver as periferias dessa cidade. Uma coisa terrível, terrível, terrível de pobreza. Uma coisa... E... depois estudo. “Qual seria a saída?” E é interessante que naquele tempo havia um pensamento bem oposto entre o episcopado brasileiro e aquilo que eles propunham. Eles achavam que a proposta para sair dessa pobreza era a industrialização e, portanto, o favorecimento de todas as indústrias que viessem de fora para promover a cidade. E aqui havia uma restrição muito grande ao capital estrangeiro, naquela época, né. Porque o capital estrangeiro ele vinha sempre com a suas intenções né... não vinha pra... Vinha para lucrar, em outros termos. E então, aqui nós tínhamos um pensamento e lá eles tinham outro. É interessante, eu fui pra lá e vi logo essa diferença. E lá... eu disse pra eles, discuti. “-Mas o capital, ele não investe onde não tem lucro! Se ele investe e porque vai ter lucro. Qual vai ser o benefício da população? Vai ser mínimo.” Então... acho que não era o caminho. Afinal, se discuti bastante e... mas eles, eles todos achavam que a industrialização iria ser o caminho da... de promoção social daquela época e... Mas então o problema é de que... Eles perguntaram... “-Mas e se... E se não é a industrialização, o que que é?”

L: No caso, o episcopado brasileiro... que defendia... essa da industrialização?

Dom: Não não não. Nós, como episcopado brasileiro, tínhamos assim uma alergia ao capital estrangeiro; porque vinha pra dominar e não pra... pra ajudar. E ainda hoje persiste essa... Bem, agora o maior rico

⁶⁰ (1920-2005) nascido Karol Józef Wojtyła e, desde 2014, São João Paulo II, foi o papa e chefe da Igreja Católica de 16 de outubro de 1978 até a data de sua morte. Foi sucedido pelo cardeal Ratzinger, que se tornou Bento XVI (Papa João Paulo II. Wikipédia).

do mundo se ofereceu que vem pro Brasil pra... botar escolas no interior onde não tem... O homem mais rico do mundo né... Se ofereceu pra vir para o Brasil e... tá aí em contato com o presidente da república né... Vir pra que!? Será que ele vem pra... pra trazer escola? Não, ele vem outras coisas, vem porque tem interesses nas riquezas da Amazônia! Tem interesse nos minérios da Amazônia! E ele entende disso!⁶¹ Então... o capital ele sempre é... sempre é uma faca de dois gumes. Ele é bem-vindo quando se torna um capital social. E quando, se ele se torna um capital particular, privado, ele não é bem-vindo nunca (Entrevista 21 maio 2022).

Nota-se que o posicionamento de Dom Orlando, e do episcopado brasileiro, em relação ao capital, é vinculado a concepção de cristianismo da libertação que Michel Lowy analisa (2000, p. 105).

VII Bispo: Anos 1980-1990: “Contenção da Teologia da Libertação”

Nas décadas de 1980 e 1990, as ideias do que vinham sendo afirmadas e gestadas a partir do Concílio Vaticano II, da Conferência de Puebla e da Conferência de Medellín, sofreram uma certa retração dentro da macro organização da Igreja Católica. Um exemplo disso, em relação a um teólogo alinhado ao pensamento “atualizador”, Leonardo Boff, é que ele “fue condenado por Roma, tras la publicación de su libro⁶², a un año de “obsequioso silencio”” (Lowy, 1999, p. 72). Em entrevista, Dom Orlando relata que houve um período bastante longo “de mais de dez anos, mais de uns... mais de uns vinte anos, acho quase, de... de muita resistência àquilo que se tinha alcançado, avançado anteriormente” (Entrevista 21 maio 2022); em que “se procurou frear todos os avanços até que se tinha conseguido em Puebla” (Entrevista 21 maio 2022). Também relata que, a conferência de Santo Domingo teve como tema central a cultura para, justamente, amortecer aquilo que tinha sido avançado em Medellín e Puebla: “Santo Domingo não avançou em nada. Não avançou em nada, só... falou, definiu... conceituou tudo que era da cultura, mas não... não deu passos significativos” (Entrevista 21 maio 2022).

Ao relatar sobre esse longo período de “retração da própria Igreja em relação a questão social” (Entrevista 21 maio 2022), Dom Orlando compreende que ele faz parte das contradições da Igreja. E explica que num período em que “houve muita precipitação por parte das condenações” (Entrevista 21 maio 2022), onde Ernesto e Ferdinando

⁶¹ Dom Orlando refere-se a 20/05/2022, quando “o encontro entre o bilionário americano Elon Musk e o presidente Jair Bolsonaro (PL) em um evento no Brasil nesta sexta-feira (20/05) agitou apoiadores do líder brasileiro, que foram às redes sociais comemorar o encontro e elogiar a atuação de ambos. A reunião, articulada pelo ministro das Comunicações, Fábio Faria, aconteceu no interior de São Paulo durante o evento de lançamento de um projeto envolvendo a rede de satélites da SpaceX — empresa de tecnologia aeroespacial do bilionário. Musk disse que o projeto vai trazer internet de alta velocidade e conectar escolas na zona rural e também “monitorar a Amazônia.” (Elon Musk no Brasil: por que visita do homem mais rico do mundo foi tão celebrada por seguidores de Bolsonaro. BBC News Brasil)

⁶² Church, Charisma and Power (1981).

Cardenal foram “abandonados” pela Igreja e pela revolução; em que Leonardo Boff e outros teólogos foram condenados ao “silêncio obsequioso”, também foi o período que o Papa João Paulo II escreveu a encíclica *Laborem exercens*, que segundo Dom Orlando é muito interessante e muito bonita:

Dom: Os dois (Ernesto e Fernando Cardenal), praticamente foram eliminados né... E... os dois; engraçado, os dois foram eliminados por parte da Igreja, e também por parte da revolução. Eles não tiveram mais espaço, muito espaço, dentro da revolução sandinista. E houve... acho que houve muita... muita precipitação aí por parte das... de condenações e de... muita muita muita. Não houve um diálogo franco, ver o que que as pessoas queriam... Deduziam através de alguns escritos né, e... que muitas vezes tomados assim apenas... isoladamente significa uma coisa, dentro do contexto é outra coisa. Houve... houve essa época aí, uma época, digamos, de... eu diria, de retração da própria Igreja em relação a questão social. Apesar de que, eu por exemplo... o Papa João Paulo II escreveu naquele ano, naquela época, o livro... a encíclica *Laborem exercens*. A *Laborem exercens* é justamente sobre o trabalho humano. Muito interessante, muito interessante, muito bonita, é. E... e é, digamos, fruto dessa época. Que olha, digamos, o trabalho humano não como uma mercadoria, mas como um bem humano. Não é uma mercadoria... Trabalho, para a Igreja de modo muito especial, a partir dessa encíclica nunca fo... não é mercadoria. Ao passo que para o capitalismo é mercadoria. Você vende a sua força de trabalho, vende a sua força de trabalho como se fosse mercadoria e eu compro. E uma vez que eu comprei eu tenho todos os direitos, você perdeu todos os direitos. A Igreja diz não: “o trabalho humano não é mercadoria, é algo subjetivo, faz parte da identidade da pessoa e... de uma pessoa livre” e assim por diante.

L: Nessa encíclica do João Paulo II?

Dom: É. E... sempre todo trabalho humano é um trabalho espiritual, porque nasce de uma pessoa que é matéria e espírito e ela é marcada, marcada por aquilo que há, digamos, de espiritualidade na pessoa; a criatividade... assim por diante. Então, realmente, essa encíclica é fantástica, eu gostei muito dessa encíclica. E... nasce nessa época. Então tem... tem essas contradições dentro da própria Igreja, dentro da própria... evolução dentro do pensamento social da Igreja.

L: Muito bom...

Dom: São as contradições né. Teve... pra contentar algum; para não satis... “ié dé”... E a gente por que certo... certos organismos dentro da Igreja, eles se tornam poderosos como sempre foi, por exemplo a... a Congregação da Doutrina da Fé; sempre foi muito poderosa dentro da Igreja. E... e no caso de Boff, no caso dos irmãos Cardenal e assim por diante; todos esses casos, digamos assim, a doutrina da fé foi que dominou o pensamento (Entrevista 21 maio 2022).

VIII Bispo: Diocese de Vacaria. Coadjutor (1983 - 1986); Diocesano (1986 - 2003); Emérito (2003-)

Em 30 de maio de 1983, aos 52 anos de idade, Dom Orlando foi nomeado para ser bispo coadjutor da Diocese de Vacaria (Entrevista 21 maio 2022; Vacaria (RS), 2020).

Dom: (...) eu vim para Vacaria a pedido de Dom Henrique⁶³, que era o bispo daqui (Vacaria). E Dom Henrique tinha sido nosso pároco né, em

⁶³ Dom Henrique Gelain (1910-1993). Nascido em Flores da Cunha-RS; falecido em Vacaria-RS; -Bispo de Cajazeiras, Paraíba (1944-1948) -Bispo de Cafelândia/Lins, São Paulo (1948-1964)

Antônio Prado e nós nos conhecíamos muito bem. Ele conhecia bem a nossa família, a gente conhecia bem ele, assim por diante. E ele fazia muita questão que eu fosse o coadjutor dele para depois ser o sucessor dele, fazia muita questão... ele era muito tímido, ele tinha muito medo e... essa... e... e ele me pediu várias vezes se eu aceitava. Eu disse que não tinha problema. E eu... também pensava de trabalhar na Bahia um certo tempo, depois, é claro, não é bem o meu chão né. “Eu depois quando fico mais velho não tenho condições de viver na Bahia”. Eu disse, claro... Pensava em vir pra... para o sul, para o sul em geral. Aí o... eu manifestei isso, claro, pra... para o núncio. E o núncio tem... não... ele disse que ia... ia atender o meu pedido, ia... falei... atender o pedido e... iria para o sul, não... não dizia aonde. Até uma certa oportunidade ele me falou se interessava trabalhar no Paraná... Eu dig...: “Ah, pra mim qualquer lugar serve.” Digo: “Acho que não é... pra mim é dif... É difícil viver longo tempo na Bahia porque é um... um clima muito difícil né”. Um calor que... para nós do sul é muito difícil né. Ai... aí ele foi... Dom Henrique insistiu até que eu aceitei então vir para cá. E vim pra cá (Entrevista 21 maio 2022).

A partir de um balanço de fontes, tem-se que, em Vacaria, Dom Orlando criou uma Escola de Formação de Agentes de Pastoral (EFAP) (Entrevista 19 fev. 2022; Entrevista 21 maio 2022; Vacaria (RS), 2020; ROSSI, 2013; 2014), foi presidente nacional da Comissão Pastoral da Terra (CPT) (1993-1997): em 1996 pregou uma quaresma na França, com o tema “Construindo cidades mais justas” (Vacaria (RS), 2020); Foi membro do *Pax Christi Internationalis* no período de 1997 a 2000 onde participou de reuniões em Bruxelas, na Bélgica (Vacaria (RS), 2020); fez parte do tribunal que julgou simbolicamente o Massacre de Eldorado Carajás (Vacaria (RS), 2020); e, dentre outras atuações, em 2001 e 2002 fez parte do Conselho Estadual de Justiça do RS (Vacaria (RS), 2020).

A partir desse balanço, e das entrevistas, compreende-se que as grandes áreas de atuação de Dom Orlando, a partir de 1983, relacionado a Diocese de Vacaria, foram a área de formação da Igreja, principalmente por meio da EFAP, e a área da luta pela reforma agrária, principalmente por meio da CPT e no Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Entretanto, Dom Orlando também atuou na área da educação cívica, fora da Igreja, no movimento que promoveu a criação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

Em relação a reforma agrária, Dom Orlando encontrou a Diocese de Vacaria um ambiente onde os latifundiários estavam muito receosos de sua presença.

Dom: E vim pra cá, justamente na época em que mais se falava da reforma agrária. E aqui a turma tinha... tinha medo da reforma agrária. Por causa que Vacaria era... era um prato cheio para a reforma agrária né; grandes extensões de terra... terras um pouco tra... pouco trabalhadas né... Terras que eram quase... quase tem... assim, um gadinho aí e assim por diante; aí então... vim pra cá. E vim... e quando

o pessoal soube que eu vinha muitos ficaram com medo, por causa... vinha alguém que tinha feito... falava muito de reforma agrária; inclusive porque eu tinha dado um curso, não há muito tempo, em Garibaldi, sobre reforma agrária, e esse curso tinha saído no Correio Riograndense. Então... digamos assim, se divulgou muito a ideia de... do Dom Orlando, da reforma agrária “tátátá”. Então eu vim, mas, digamos assim, com muitas recessões (receios) principalmente por parte daqueles que eram latifundiários na época aqui na região. Muita... muita resistência. Tanto que o... o Padre Lauro, o **Frei Lauro**, que era pároco aqui, ele... ele sabia disso então ele quis fazer uma reunião. Uma pesqui... uma reunião dos latifundiários comigo; discutir o assunto. Tá... ele perguntou se eu aceitava... “Não, aceito; claro!” (Eu) Fazia questão viu! Ai... fizemos... fizemos uma... uma noite, foi até meia noite; começamos com uma janta ali no centro e discutimos sobre reforma agrária. Então o Pedro Moreira, me recordo muito bem, ele... ele era um latifundiário bastante grande e... no fim de tudo ele disse: “Nós viemos aqui para... chicotear o bispo; ele tomou o chicote e bateu em todos nós” disse. (Risos) Disse bem assim. Na verdade, eles não conheciam nada da lei da reforma agrária, e eu estava bem por dentro. Então eu falava como quem sabia e eles falavam por palpite, poucos deles tinham conhecimento da lei agrária no Brasil, da própria lei agrária viu! E de todo o processo dessa lei agrária a... que tinha chegado. Então eu... realmente né, fiz um... aí ficou. Mas... mas sempre houve uma certa resistência a... o meu pensamento, digamos assim, em favor da reforma agrária. Porque a maioria deles é contra a reforma agrária, simplesmente né. É contra! Não é que não... Não, é contra a reforma agrária, então... E eu sempre fui a favor da reforma agrária, coisa que nunca aconteceu, mas em todo caso mantenho esse pensamento (Entrevista 21 maio 2022).

Para além da reforma agrária, Dom Orlando destaca que nesse contexto de sua chegada em Vacaria, estavam sendo construídas barragens no Rio Ligeiro, Rio Forquilha e principalmente no Rio Uruguai (Entrevista 21 maio 2022).

Dom: Então, nós aqui nos encaixamos, eu... eu fiz questão e logo entramos; de nos engajar com o movimento dos contra as barragens, é. O **Movimento dos Atingidos por Barragem**, que não era assim inicialmente, tinha outro nome. Me escapa o nome agora, mas era outro nome. (...) Eu pessoalmente comecei participando dessas reuniões dos atingidos; daqueles que iriam ser atingidos e alguns tinham sido já praticamente atingidos. Então teve reuniões aqui, teve reuniões em... em Erechim, teve reuniões no Machad... em Maximiliano, assim por diante. E... nós participamos muito disso, e nos engajamos muito com... respeitando a autonomia deles, é claro, mas como uma força da Igreja em favor dos atingidos. E, conseguimos muita coisa, muita coisa. Porque, claro, a Igreja sempre teve força; sempre teve uma força, digamos política, muito grande né. E... uma entidade que tem credibilidade, que tem todo... todo um trabalho né. Então... o nosso apoio era decisivo e eles buscavam muito o nosso apoio, os atingidos. E tanto que depois quando se criaram... foram pra... foram pra Brasília né; e... aí sempre a gente esteve presente, sempre marcamos presença lá. E nós sempre, quando fazíamos as assembleias, sempre convidávamos os atingidos para atingir... para participar das assembleias diocesanas de pastoral. Porque... queríamos unir a eles e assim por diante e engajar-nos com esse trabalho. Então é... eu, eu acho que o maior engajamento aqui foi em favor, digamos, da luta pela reforma agrária, como sempre, e principalmente em favor dos atingidos pelas barragens e... o que a gente sempre defendeu, né. Se a barragem fosse absolutamente necessária; então terra por terra. Eles perderiam a terra mas ganhariam a terra e nas condições que eles deixaram a terra,

nas condições de trabalho para a terra. Então... e de.. a tal ponto que... uma das... uma das... um dos assentamentos, um dos assentamentos de reforma... de... dos atingidos e um dos assentamentos também de reforma agrária, aqui em Esmeralda, tem o meu nome né (Entrevista 21 maio 2022).

Através de Lowy, observa-se que esse posicionamento de Dom Orlando, contra a construção das barragens, é finalmente alinhado com o cristianismo da libertação:

(...) é verdade que o cristianismo da libertação não tem uma doutrina explícita sobre tecnologia. É sobretudo no contexto social e político que o uso das tecnologias modernas é rejeitado ou criticado. As técnicas modernas não são avaliadas pelos resultados econômicos que produzem – em termos de lucro, rentabilidade, produtividade, renda de exportações ou em moedas fortes – e sim em termos de suas consequências para os pobres. Se as consequências forem positivas – em termos de emprego ou condições de vida – são aceitas; se não o forem, podem ser recusadas. O que vemos aqui é um certo pragmatismo, combinado com uma atitude moral cuja inspiração é religiosa – a opção preferencial pelos pobres é o critério pelo qual avaliamos a tecnologia” (LOWY, 2000, p. 105).

Segundo o entrevistado, sobre o Assentamento Dom Orlando Dotti, em Esmeralda – RS e sobre a posição da Igreja junto aos movimentos sociais:

Dom: Um deles tem o meu nome, e dado pelo INCRA. Quem deu o nome não fui eu; não foram... nem foram os padres, foi o INCRA. Por causa que... acho que um reconhecimento ao trabalho que a gente tinha feito dentro da... desse... digamos, desse estilo da... dos atingidos né. E eu diria que os atingidos sempre foi um grupo privilegiado para nós dentro da Igreja, os atingidos de barragem; e os sem terra. Esses foram grupos para os quais nós olhamos muito atentamente, demos um suporte... financeiro nem tanto, mas um suporte acima de tudo, de presença né. Tanto... naquele assentamento que tem também lá que era da... dos três pinheiros... tem um assentamento grande lá... (...) Mas esses dois grupos foram os grupos que nós demos mais atenção.

L: E, digamos assim, de... de aliados que o... Dom Orlando tinha assim pra trabalhar junto aqui por Vacaria nas questões com os atingidos por barragem, com os sem terra... que... que alianças... que apoios que o Dom Orlando tinha por aqui? E também em contexto nacional...

Dom: Sim... É... eu... eu diria que... a Igreja... não contou com muitas forças externas e também o... os que pleiteavam a reforma agrária, os que pleiteavam por uma questão da regularização das terras indígenas, assim por diante eles... eles foram os primeiros protagonistas e a Igreja deu apoio para essas iniciativas. A Igreja não... não foi a liderança maior, a Igreja foi um apoio e a gente sempre se considerou assim. Nós não podemos tirar a liderança e o protagonismo dos agricultores nas suas lutas, eles são os protagonistas das suas lutas. Nós vamos apoiar! Nós vamos incentivar! Nós vamos dar o nosso... a nossa contribuição, que é o nosso pensamento; de que a terra é para todos, não é só para alguns, de que a terra é um bem e... um bem que não deve ser comercializado e assim por... uma série de ideias que a gente mantinha naquela época e mantém ainda hoje né. Então... a Igreja nunca se considerou protagonista da reforma agrária, mas, aquela que apoia aqueles que precisam da reforma agrária, aqueles que lutam pela reforma agrária porque também não adiantaria dar terra pra quem não quer a terra né. Então... a nossa posição foi uma posição de apoio, de incentivo, de motivação, inclusive de motivação ideológica e... **principalmente uma motivação e fé,** né. Porque a fé também tem muito a ver com esses assuntos. A fé cristã, por exemplo, né, quando fala da eucaristia que é o pão... o pão da vida, muito bem, essa eucaristia

é distribuída na mesa da comunhão, mas deve ser distribuída na mesa do pobre.... quer dizer que: tudo aquilo que se refere a fé; refere a vida da pessoa e não simplesmente a parte espiritual. Então, dizer por exemplo que... “a eucaristia é o pão da vida”; muito bem, tá certo, que se distribui na... na missa, mas e agora e o pão de cada dia, como é que é distribuído? ... É um compromisso da eucaristia com o pão de cada dia; com a vida do agricultor, com a vida do pobre, e assim por diante. Então, é... essas ideias eram muito veiculadas... e são muito veiculadas dentro da própria Igreja né. Então, a nossa fé tem uma dimensão social. A nossa fé é... não apenas, não é apenas uma dimensão social, ela tem mais do que uma dimensão, é uma exigência da fé; atingir a vida social das pessoas. Isso... esse pensamento é muito forte, por exemplo, em **Dom Helder**, muito forte. E faz, digamos assim... não se pode celebrar... fazer uma grande e bonita celebração e depois descompromissar-se com a realidade social; a fé deve necessariamente comprometer-se com a realidade social. Então... e isso é claro, é próprio da Igreja, que a Igreja oferece, mas não para roubar o lugar daqueles que lutam pela reforma agrária, daqueles que lutam por melhor salário e assim por diante; não, essa luta é daqueles que são envolvidos... assim era com a reforma agrária e de modo muito especial com os atingidos (Entrevista 21 maio 2022).

Nessa atuação na reforma agrária, como presidente da CPT, Dom Orlando foi responsável por quatro edições do caderno Conflitos no Campo com destaque para um deles lançado conjuntamente com Dom Paulo Evaristo Arns (Vacaria (RS), 2020). Além disso, criou o Fórum Permanente da Reforma Agrária e estabeleceu contatos com a Organização pelo Direito Humano à Alimentação e à Nutrição Adequadas (FIAN) e a Via Campesina, no México (Vacaria (RS), 2020). Em entrevista, Dom Orlando destaca que a CPT é uma organização ecumênica onde a Igreja Luterana e a Igreja Assembleia de Deus são bastante presentes e ativas (Entrevista 21 maio 2022).

Em 1995, Fernando Henrique Cardoso (FHC), pouco tempo depois de ser eleito presidente do Brasil, “quis ouvir um pouquinho a sociedade civil (...) e ele quis ouvir também os bispos” (Entrevista 21 maio 2022). Nessa ocasião, o presidente e o vice-presidente da CNBB foram falar com FHC, e Dom Orlando, como presidente da CPT naquele período, também foi convidado.

Dom: (...) o presidente (FHC) disse: “Eu sei que os bispos do Brasil estão a favor da reforma agrária e eu gostaria de saber o que é que se poderia fazer nesse sentido.” Então eu... então... o presidente disse alguma coisa, o vice-presidente disse outra. Daí falei eu. Aí perguntaram, disseram que eu falasse. Aí eu disse que precisaria uma lei da reforma agrária, uma lei e aí o... o presidente da república o Fernando Henrique perguntou: “-Porque uma lei?” **“-Porque não temos uma lei geral da reforma agrária”** eu disse pra ele. “-Nós temos apenas esse dispositivo em que o presidente da república pode desapropriar para fins da reforma agrária, mas não é a reforma agrária.” Aí ele perguntou “-E daí eu... como é que se faz isso? Como é que é possível fazer isso?” Eu disse: “-O senhor mandar um... uma proposta para... a câmara, para os senadores e, depois então, discutir isso e aprovar.” E ele, e ele disse: “-Isso é impossível por causa da correlação de forças dentro do congresso.” Ele disse bem assim: “-Isso é impossível por causa da correlação de forças dentro do congresso.”

Sabia que o congresso nunca iria aprovar essa... uma proposta de reforma agrária. Ah conversamos... Aí então... “-E daí?” “-Bom, e daí... Ah... ver onde existem os conflitos maiores e tentar resolver esses conflitos desapropriando terras, assim por diante.” Conversamos, mas não mais conversamos sobre reforma agrária como uma lei geral que abrangesse todas as terras do Brasil. Não, não falamos mais. Falamos só o que era possível sem a reforma agrária. Mas foi, foram umas duas horas de conversa. Mas o centro da conversa foi esse né. O que era possível fazer... Eu digo: “-Fazer uma lei da reforma agrária. Lei da reforma agrária ampla, geral” ... como se dizia naquele tempo. ... Ele diz não: “-Isso é impossível por causa da correlação de forças dentro do congresso.” Ele não tinha a maioria para aprovar isso. Também acho que ele não queira, eu suponho (...). Mas em todo caso ele não disse que não queira. Não se pode por na boca dele o que não disse né (...). (Entrevista 21 maio 2022).

Dom: Ele (FHC) já sabia que... o congresso era representado em grande parte pelo latifúndio já naquele tempo. Os latifundiários sempre tiveram a sua grande representação, que depois ele foi, foi evoluindo e que hoje é o agronegócio. E depois diz que tudo no fim é agronegócio, também o pequeno agricultor. Aquele que planta amora, aquele que planta isso aquilo também é agronegócio. No fim... é claro, uma maneira de... de **captar a benevolência dos outros**. Mas eu, eu acho que foi muito importante aquela visita que eu fiz para o presidente da república porque depois... depois então a gente começou a pensar né **“Não se pensa em reforma agrária a partir do governo, porque ele não vai fazer.”** Agora, vamos ver. E aí então a gente começou a dar apoio a todos os movimentos sociais de reforma agrária, principalmente o MST. MST e outros, muitos outros né que... pleiteavam pela reforma agrária naquele tempo. Mas a ideia da reforma agrária foi uma ideia muito veiculada dentro da própria Igreja. E principalmente a partir de todos os bispos que apoiavam a CPT, apoiavam o SIMBI⁶⁴, apoiavam todas essas organizações populares. ... Foi... foi certamente uma ideia de Igreja. Aquele documento **“Igreja e Problemas da Terra”**, que a CNBB produziu e da qual eu fui o coordenador do documento. Fui eu o coordenador do documento. E... ele pleiteia uma reforma agrária bem claramente. A partir... a partir das exigências da população envolvida no trabalho com a terra e não uma reforma agrária a partir da cabeça, nem da Igreja e nem do governo, mas a partir das necessidades do povo que trabalha a terra. E a gente sempre insistiu bastante: a terra é de quem trabalha nela. A terra é de quem trabalha nela. Foi uma ideia que se... digamos, se veiculou muito naquela época. Mas a... eu diria assim, que naquela época, eu como tal me... eu era reconhecido como o bispo da reforma agrária ...tanto que também, uma das primeiras... uma das primeiras... não me recordo mais como que era da... da Rede Vida, que tinha um programa longo de entrevista. E eu fiz uma entrevista sobre reforma agrária na Rede Vida. Durante... uma noite... né, e... mas eu já tava aqui, já tava aqui (Vacaria) (Entrevista 21 maio 2022).

Além do trabalho com a reforma agrária, em Vacaria, Dom Orlando fundou uma Escola de Formação de Agentes de Pastoral “que deu muitos frutos” (Entrevista 19 fev. 2022). Sobre a prática e a forma de trabalhar da EFAP de Vacaria, Cláudia Rossi escreveu uma dissertação onde ela é o objeto principal de estudo. Segundo Dom Orlando, sobre esse trabalho com a EFAP:

⁶⁴ Esse nome não foi compreendido de maneira clara na entrevista.

Dom: Mas depois quando eu vim pra cá (Vacaria), eu digo... aqui ví que não tinha, aqui nós criamos também uma escola (EFAP). Mas claro, com um conteúdo totalmente novo, totalmente atualizado (...).

Eu acho que, a linha da formação das pessoas é a mais importante da Igreja. A Igreja educa formando. A Igreja evangeliza educando. E educando, evangeliza. Há uma mútua complementação educar, no sentido mais completo da palavra é formar para evangelizar. É evangelizar. É evangelizar. Evangelizar é, digamos assim, educar a pessoa para o mundo, não apenas para trabalhar dentro da Igreja, mas para trabalhar no mundo. E a nossa Escola de Formação de Agentes de Pastoral, a EFAP que chamávamos nós, ela, no fim da escola, tinha... o dia inteiro para a pessoa escolher uma atividade da qual ia se comprometer pro resto da vida... é, uma atividade. Então muitos escolhiam o... sindicato, outros da política, outras... outras prestações de serviço. Enfim, cada um tinha que escolher um, mas sempre na linha da atividade social (Entrevista 19 fev. 2022).

IX Bispo: Anos 2000 e participação no movimento que criou a Universidade Federal da Fronteira Sul

Em relação aos anos 2000, um elemento marcante da trajetória de Dom Orlando é seu trabalho junto ao Movimento Pro-Universidade Federal do Norte do Rio Grande do Sul, sendo um dos onze membros da Coordenação do Grupo de Trabalho (Vacaria (RS), 2020). Seu nome consta na lista da comissão do projeto “Comissão de Projeto – Portaria no 948, de 22/11/2007” (REINERT & LAFFIN, 2008, p. 2) e em entrevista, ele afirma que “eu trabalhei para fundar aquela (Universidade)” (Entrevista 21 maio 2022) e que “eu que entreguei o projeto para o Lula. Quando fomos para Palmeira das Missões, foi entregue o projeto da Universidade e... quem foi encarregado de entregar fui eu. Fui eu pessoalmente que entreguei pro Lula, dizendo que se tratava “tátátá”” (Entrevista 21 maio 2022).

Participou ativamente em muitas reuniões, audiências públicas, encontros em Brasília, com o Ministro da Educação, Presidente da República. Todo o trabalho resultou na Criação da Universidade Federal Fronteira Sul. Hoje com sede em Chapecó - SC. Campus em Laranjeiras e Realiza do PR, Erechim e Cerro Largo no RS (Vacaria (RS), 2020).

Nadaletti (2019), descreve que em 2005:

No Rio Grande do Sul, a região Alto Uruguai havia uma articulação ainda sem nome definido, e contava principalmente com a participação da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (FETRAF-Sul) e da Via Campesina. Na região Macromissioneira denominava-se Movimento Pró-universidade e possuía comitês em mais de duzentos municípios (Rorato, 2016). Nessa região o processo era conduzido principalmente por deputados e vereadores do PT e sua estreita relação com o então Ministro da Educação Tarso Genro e o Secretário do MEC Jairo Jorge, ambos rio-grandenses. Na região Nordeste os principais colaboradores foram o Bispo da Diocese de Vacaria, **Dom Orlando Dotti** e o Padre Eliseu Vicensi, com estreita relação como os movimentos sociais da região, especialmente com a Via Campesina. (NADALETTI, 2019, p. 123. Grifo nosso.).

X Bispo: Eleição do Papa Francisco (2013) e ascensão do neopentecostalismo no Brasil

A partir da entrevista, aborda-se dois últimos elementos. Primeiro, a eleição do Papa Francisco em 2013, e segundo, o desenvolvimento das Igrejas Pentecostais e Neopentecostais no Brasil.

Sobre o Papa Francisco, Dom Orlando concorda que ele vem de uma corrente e “se declara seguidor” da teologia da libertação e que dá uma nova força para ela (Entrevista 21 maio 2022). Também considera que ele pede uma conversão, mas uma conversão, que apesar de não ser projeto que se configura como novidade, possui um novo enfoque, e nesse sentido, é um ato revolucionário.

Dom: E eu tenho a impressão de que... ainda nós não conseguimos captar todo o pensamento do Papa Francisco. E... e eu também não sei pessoalmente se tenho condições para captar toda essa... digamos, essa novidade do Papa Francisco. Porque ele não vem aí para dizer algumas coisas diferentes não, ele vem dizer que há necessidade de uma conversão, ele insiste muito nisso; **conversão**. “A Igreja como está tem que ser convertida. A Igreja deve se converter, e deve se converter ao pobre, deve se converter aquele que tem fome, aquele que não tem trabalho, aquele que não tem casa pra morar, aquele que não tem... terra pra trabalhar, ou desempregado...” acho que nós ainda não conseguimos absorver toda a força desse pensamento do Papa; o Papa que quer uma conversão, não quer assim, uma adaptação, uma melhoria. Não basta, ele quer uma verdadeira conversão, tem que se deixar muito daquilo que estamos fazendo e para fazer coisas que atinjam diretamente as pessoas envolvidas e as pessoas envolvidas; ele olha muito para as que não tem trabalho por exemplo, para aqueles que não tem casa para morar, para aqueles que não tem terra para trabalhar... isso ele insiste bastante. E... todos os outros problemas que nascem da saúde, problema da pandemia, problema da guerra, problema das armas é... é todo... é um papa com todo, digamos assim, um pensamento novo dentro da Igreja, que não são propriamente ideias novas, digamos assim, como novidade, não. Mas elas têm um enfoque novo. “Isso é um mal para a humanidade. A maneira como a humanidade está vivendo hoje é uma maneira ruim; não comporta com a humanidade, ela tem que se converter, a Igreja tem que se converter. A igreja tem que deixar de pensar em grandes celebrações, em grandes congressos para olhar para os pobres, para olhar para os necessitados e assim por diante.” Então, o pensamento do Papa Francisco é revolucionário, sem dúvida nenhuma; que não é sempre aceito por todos, e há até uma grande oposição a ele e começa com tudo, digamos assim, o que há de modernidade (!). Esse mundo novo ele tem que ser interpretado a partir do pensamento do Papa Francisco. Por isso ele nunca condena, jamais condena, mas pede aproximação com essas pessoas. E então nós estamos diante, digamos assim, diante de uma guinada muito muito grande na história da Igreja, que é o Papa Francisco. O próprio nome que ele se deu né, de Francisco, já mostra que ele queria ser alguém diferente e está sendo diferente. E ele tem sempre muito medo, da parte do clero, da parte dos bispos, da parte da Igreja, que se torne uma Igreja fechada; a Igreja não pode ser barreira, não pode ser... muralha, tem que ser ponte, ponte para os outros passarem, servir para os outros e não servir para si mesmo. Então... eu creio que vai muito longe na história da Igreja antes que nós consigamos absorver toda a novidade do pensamento do Papa Francisco; porque ele não pede uma... uma reforma, ele pede uma conversão, e conversão por parte de todos, é uma conversão de ideias, é uma conversão de pensamento e uma conversão de vida (Entrevista 21 maio 2022).

Dom: Por isso (ser um papa da Teologia da Libertação) que também recuperou muitas das forças da Teologia da Libertação e muitos dos indivíduos da Teologia da Libertação. Sem dúvida nenhuma... é um papa da Teologia da Libertação em primeiro lugar. Em segundo lugar é um papa que pede uma conversão. Ele mesmo acha que tem que se converter. Então é... e, digamos em relação a tudo, em relação a própria moral da Igreja, né; que muitas vezes não olha a pessoa em situação, olha a pessoa como... digamos assim, como um ente... mental, né. Não, as pessoas, cada uma tem a sua situação de vida, situação de trabalho e assim por diante... situação até pessoal interna; precisa olhar para isso, porque cada um é um. Então é... a própria conceituação, digamos assim, da doutrina... moral da Igreja, ela tá sendo pressionada muito forte, muito forte hoje. E é... claro, um pensamento que... ele tem muitos adeptos, muitos seguidores, mas também tem muitos que se opõem; o próprio sistema econômico, ele não tem nenhuma dúvida de condenar o sistema econômico neoliberal e... no entanto, nos Estados Unidos, se condena o papa mas não se condena o sistema; até os próprios bispos, os próprios cardeais! Condenam o papa mas não condenam o sistema. Então... eu tenho assim, tenho a impressão de que... o pensamento do Papa Francisco vai ser entendido só daqui um tempo, totalmente; porque todo mundo diz, "Tá certo! Tá certo!", mas como é que você faz a sua conversão? Como é que na sua diocese está... tão mudando as coisas? O que é que você deixou de fazer para fazer o que, em razão disso? Como é que é aplicado o dinheiro? Como é que dentro de uma paróquia é aplicado o dinheiro? ... Para fazer coisas suntuosas? ... É... O papa mandou... e mandou com toda a razão, mandou fazer um inquérito sobre a questão do padre Robson, por exemplo. Mas ele comprar um sino de 6 mil quilos... da Polônia, custando mais de 6 milhões. Um sino! Tem sentido no mundo de hoje? É aceitável? Então, tem muitas coisas assim né; que nos questiona... questionam fortemente. Mas a... as vezes a questão fica na periferia e não se tem coragem de mudar.

L: Nesse sentido ele... até tempos atrás fez um telefonema pro padre lá de São Paulo, que trabalha no bairro da Moca... (...) Júlio Lancellotti né.

Dom: Sim.

L: Ele que (também) ... leva... leva firme, a cabo essas... convicções.

Dom: Não, ele sabe, conhece todas, digamos assim, essas experiências novas né, e apoia. Então é... eu acho que nós realmente estamos em uma época de profundas mudanças, mas, como vão ser aceitas, não sei. Agora a gente viu, por exemplo, os bispos foram para... os bispos aqui do Rio Grande do Sul, foram para Roma né, ficaram com o papa lá, e... voltaram assim, muito entusiasmados, mas sem saber o que fazer concretamente. "-Concretamente, o que que nós vamos fazer aqui na diocese?" né... O papa pede uma conversão, mas isso é uma palavra muito... eu diria assim, muito ampla, que tem um sentido muito amplo. Poque uma coisa é ajeitar as coisas e outra é a conversão. Uma conversão significa uma mudança total de pensamento, converter se quer dizer mudar de ideia, mudar de pensamento! Isso não... não é fácil (Entrevista 21 maio 2022).

Sobre a expansão do pentecostalismo e do neo-pentecostalismo no Brasil, Dom Orlando faz algumas considerações direcionadas ao fundamentalismo.

Dom: Em primeiro lugar, o fenômeno, digamos assim... das ceitas no Brasil, não é um fenômeno que nasce na base, é um fenômeno de lideranças. Veja bem, um bispo cria uma igreja, então pega uma rádio ou pega uma televisão e começa a fazer a sua propaganda e faz adeptos. Então... é digamos assim, uma cooptação daquele que tá lá de baixo para aderir à própria... a uma determinada igreja. A qual, depois...

depois que ele aderiu, depois que ele fez a lavagem cerebral, ele vai contribuir, ele vai manter, vai... e assim por diante. E... depois então, se cria toda uma ideologia ao redor disso né... De... praticamente ser uma igreja, digamos, fechada a todos os problemas sociais. Em nenhuma dessas igrejas evangélicas é aberta a isso. Pode até ajudar um ou outro pobre isoladamente, mas não é aberta a questão social. Então o... digamos, as ceitas, o progresso, o desenvolvimento das ceitas, nasce muito mais das lideranças que estão a frente, que criam igreja de todo tipo, de todo nome e... forma, digamos assim, a sua clientela e daí vive; vive aquele que criou a igreja, vive outros ao redor dele e... até alguns deles enriquecem, alguns deles enriquecem. Então... o que... e é sempre a partir de um princípio; a palavra de Deus. Sempre a partir disso, a palavra de Deus em primeiro lugar. E a palavra de Deus interpretada conforme... digamos, a ideologia de cada um. Se eles têm uma ideologia interpretam de um jeito, se tem de um outro interpretam de outro; a mesma palavra de Deus tem significados muito diferentes em várias delas e dentro delas mesmo, dentro das mesmas ceitas, né; tem interpretação diferente. E sempre com a ... a chamada, interpretação fundamentalista da palavra; aquilo que os termos dizem. Por exemplo, o termo... O que é que se criou antes no mundo? Qual foi a primeira coisa que deus criou? Deus criou a luz; no primeiro dia. No quarto dia criou o sol. Como é que é isso? ... Mas a luz, vem de onde? ... A luz vem de onde? ... A luz vem de um foco... ou do sol ou das estrelas ou da lua. E... e Deus esqueceu... criou primeiro a luz, depois criou a causa da luz, no quarto dia. Pra dizer o que? Pra dizer que não se pode interpretar a palavra, digamos assim, como ela tá escrita. Por que é que Deus... por que é que na Bíblia Deus criou a luz no primeiro dia? Porque para eles a luz era a coisa mais interessante, mais bonita que existia. Então Deus criou as coisas todas desde a mais bonita, que é a luz. Mas não que essa seja a ordem. Agora, um fundamentalista vai sempre dizer que Deus criou o sol no quarto dia. Então, então é... querer interpretar a palavra de Deus de uma maneira fundamental é... é impossível, é simplesmente inconcebível, é inconcebível. E a palavra de Deus então é... pra eles é fundamento de tudo. E não há quem ajude a interpretar essa palavra, cada um interpreta a seu gosto, a seus interesses. Então o... o fenômeno das ceitas é um fenômeno que realmente causa apreensão e... Mas acima de tudo, acho que nós como Igreja deveríamos nos preocupar com a formação dos nossos cristãos. Não... não olhar tanto para os outros. Os outros façam o que querem, o que bem entendem; mas nós, como católicos, devemos dar formação, formação. Por isso, por exemplo, lá na comunidade onde eu trabalho, cada mês tem uma tarde de formação. E o pessoal vai. O pessoal vai. Muitos dizem, muitos dizem... Muitos que já foram católicos e passaram pra outra estão voltando devagarzinho. Não interessa se volta ou não, não interessa. Nós não buscamos isso. Nós buscamos dar razões da fé àqueles que seguem a nossa denominação cristã; católicos, dar razões da sua fé, dar os motivos da sua fé. E dar, digamos assim, a compreensão da sua fé; e não simplesmente dar... uma coisinha por cima. Então... então, eu pessoalmente acho e trabalho muito com isso, na linha de formação. Formar. Dar as razões da própria fé. As razões da própria esperança. Dar! E essas razões, claro, estão na palavra de Deus, nos ensinamentos da Igreja e assim por diante (Entrevista 21 maio 2022, grifo nosso).

XI Bispo: Medalha Zilda Arns (2020)

Em 6 de julho de 2020, a Câmara Municipal de Vereadores de Vacaria-RS homenageou Dom Orlando com a Medalha Zilda Arns. Em pronunciamento, Dom Orlando destaca que:

Vocês podem perceber a necessidade que o padre tem de uma comunidade e a necessidade que a comunidade tem de um padre. Para nós é impossível viver sem comunidade. Com a comunidade nós partilhamos nossas alegrias, nossos sofrimentos. Com a comunidade nós caminhamos na fé. Sem comunidade nós não somos nada. O padre não existe para si, ele existe para a comunidade. O pastor não existe para si, ele existe para a comunidade. A comunidade me faz crescer na fé (ZANANDRÉA, 2020).



Foto: ZANANDRÉA, 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira a realizar algumas considerações finais sobre esse trabalho de pesquisa e escrita de uma narrativa histórica sobre a trajetória de Dom Orlando Dotti, e do cristianismo no século XX, faz-se algumas observações. Em primeiro lugar, com o estudo da caminhada de Dom Orlando e do seu contexto histórico social em cada parte da trajetória, observa-se que aquela Igreja que em fins do século XIX era condenadora, hierarquizadora, centralizadora de poder em Roma, doutrinária e que possuía relações estreitas com os projetos de colonização, privilegiando os imigrantes brancos, avessa ao catolicismo culturalista (ou originário), modificou-se ao longo do século XX. Através do estudo da trajetória de Dom Orlando, observa-se um modelo, uma doutrina, de catolicismo que se interessa justamente por aqueles que foram subalternizados, que foram e são atingidos e violentados pela exploração que a conjuntura hegemônica exerce.

Essa mudança parece ser sintetizada em uma das reflexões que foram escritas no “Fé cristã e compromisso social”: ““(…) a doutrina social cristã (...) ‘é uma sequência sempre aberta, nunca acabada, de concepções relativas ao social, e toda a amplitude do termo’. ‘Uma doutrina social autêntica não é um museu de múmias maquiladas. É a

memória viva da experiência social da Igreja” (DOTTI, Orlando IN: BIGO, Pierre. 1982, p. 7). Dessa maneira, percebe-se e reafirma-se que o pensamento, a doutrina social da Igreja, é inevitavelmente influenciada e influenciadora do contexto social de maneira a estar sempre em transformação. Mainwaring aponta: “como qualquer outra instituição, a igreja é influenciada pelas mudanças na sociedade em geral” (MAINWARING, 2004, p. 25). E a partir dos relatos dos ex-seminaristas, reforça-se essa concepção, “não mais existe a Igreja Católica tal como nela entramos como crianças” (BELATO et all, 2016, p. 18).

Enfim, conclui-se que o estudo da trajetória de Dom Orlando, através da perspectiva da história vista de baixo, proporciona uma análise do contexto político em que ele viveu. Nota-se que o contexto histórico social, em que Dom Orlando estava inserido, faz dele expressão de seu tempo, entretanto, também se nota que, ao longo de sua trajetória, aparentemente a partir de sua formação e da experiência nos movimentos sociais em Ijuí e Santo Ângelo, Dom Orlando desenvolve, ao longo de sua vida, um compromisso com os subalternizados, com os pobres, tal como o modelo de Igreja do(s) cristianismo(s) da libertação.

Assim, estudar a trajetória de Dom Orlando revela-se um estudo dos subalternizados e da exploração da conjuntura hegemônica. Nesse sentido, reforça-se que pesquisar e escrever essa história de exploração é trabalhar para evitar o perigo de deixar-se transformar em instrumento da classe dominante.

REFERÊNCIAS

- Agnelo Rossi. **Wikipédia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Agnelo_Rossi>. Acesso em: 4 out. 2022;
- ALENCASTRO, Luís Felipe de; RENAUX, Maria Luiza. **Caras e modos dos migrantes e imigrantes**. In: História da Vida Privada no Brasil. Vol: 2 Império: a corte e a modernidade nacional. Companhia das Letras, São Paulo, 2008;
- Aloísio Lorscheider. **Wikipedia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Alo%C3%ADsio_Lorscheider>. Acesso em: 4 out. 2022;
- BELATO, Dinarte et all. **Legado Franciscano**: contribuição dos freis capuchinhos na educação de filhos de colonos italianos do Rio Grande do Sul 1950-1970. Porto Alegre. Evangraf, 2016, 352 p;
- BIGO, Pierre & ÁVILA, Fernando Bastos de. **Fé cristã e compromisso social**. São Paulo: Paulinas, 1982;
- CECCATTO et al., **Uniarp 50 Anos: História e Memórias**. Caçador. Editora EdUniarp. 2021;
- Colombo Machado Salles. **Wikipédia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Colombo_Machado_Salles>. Acesso em: 4 out. 2022;
- COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA. **La santa sede**. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html>. Acesso em: 4 out. 2022;
- CYBIS, Luiz Fernando. & WARTCHOW, Dieter. **Elaboração do plano municipal de saneamento de Barra - BA**: P2 – Diagnóstico da Situação do Saneamento Básico. Água e Solo: Estudos e Projetos, Barra-BA, 2015. Disponível em: <<https://2017.cbhsaofrancisco.org.br/2017//box/uploads/2017/11/PRODUTO-02-15001-R-PMS-01-02.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2022;
- DIOCESE de Vacaria **Dom Orlando Dotti**. Disponível em: <<https://www.diocesevacaria.com.br/diocese/clero/dom-orlando-dotti/>>. Acesso em: 4 out. 2022;

EEB. DOM ORLANDO DOTTI, **Projeto Político Pedagógico**. 2022. Caçador - SC. Disponível em: <https://eebdomorlandodotti.com.br/wp-content/uploads/2022/05/2022_Projeto-Politico-pedagogico.pdf> Acesso em: 1 out. 2022;

Efraín Ríos Montt. **Wikipedia**. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Efra%C3%ADn_R%C3%ADos_Montt>. Acesso em: 1 out. 2022;

Dwight D. Eisenhower. **Wikipédia**. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Dwight_D._Eisenhower>. Acesso em: 1 out. 2022;

Fidélis Dalcin Barbosa. **Wikipédia**. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Fid%C3%A9lis_Dalcin_Barbosa>. Acesso em: 1 out. 2022;

FRANCISCANOS Capuchinhos, Província Sagrado Coração de Jesus. **Necrologia**. Mês: junho. Disponível em: <<https://www.capuchinhosrs.org.br/caps/institucional/necrologia/junho>>. Acesso em: 4 out. 2022;

Henrique Gelain. **Wikipédia**. Disponível em:< https://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique_Gelain>. Acesso em: 1 out. 2022;

HOORNAERT, Eduardo. **O Catolicismo moreno no Brasil**. In: A teologia na história social e cultural da América Latina. Livro 3 Editora Unissinos. São Leopoldo, 1996;

LAVILLE, Christian. **A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de história**. Revista Brasileira de História. São Paulo. v. 19, nº 36, p. 125-138. 1999;

LOWY, Michael. **A guerra dos deuses: Religião e política na América Latina**. Editora Vozes. Petrópolis RJ, 2000, 271 págs.;

LÓWY, Michael. **Guerra de dioses: Religión y política en América Latina**. Siglo XXI de España Editores, S.A.; 1999;

LOWY, Michael. Walter Benjamin: **Aviso de incêndio: Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. - São Paulo: Boitempo, 2005, 160p;

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985**. São Paulo: Brasiliense, 2004;

MORI, Letícia. Elon Musk no Brasil: por que visita do homem mais rico do mundo foi tão celebrada por seguidores de Bolsonaro. **BBC News Brasil**. Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61532013>>. Acesso em: 1 out. 2022;

NADALETTI, Cristiane Leticia. **A luta popular pela criação da Universidade Federal da Fronteira Sul**. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP) - São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-03102019-161117/publico/CRISTIANE_LETICIA_NADALETTI_rev.pdf>. Acesso em: 1 out. 2022;

Papa João XXIII. **Wikipédia**. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Jo%C3%A3o_XXIII>. Acesso em: 1 out. 2022;

Papa João Paulo II. **Wikipedia**. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Jo%C3%A3o_Paulo_II>. Acesso em: 1 out. 2022;

REINERT & LAFFIN. Grupo de trabalho de criação da futura universidade federal com campi nos estados do PR, SC e RS: **Relatório das atividades e resultados atingidos**. Santa Maria, Florianópolis, Brasília. Março de 2008. Disponível em: < http://antiga.uffs.edu.br/wp/wp-content/uploads/hst/hst_relatorio01.pdf>. Acesso em: 1 out. 2022;

ROPS, Daniel. **A Igreja das revoluções**. Editora Quadrante: São Paulo. 2003;

ROSSI, Cláudia A. Z. **Educação Popular e práticas emancipatórias**. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em: < http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1853-0.pdf>. Acesso em: 1 out. 2022;

ROSSI, Cláudia A. Z. **Política de formação continuada: um estudo da escola de agentes leigos de Vacaria/RS (1986-1995)**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, p. 118. 2013; Disponível em: < <http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/775/1/2013ClaudiaAdrianaRossi.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2022;

SANTOS, Ângela Cardoso. **UNIARP: Balanço Social 2014**. UNIARP. 2014 Caçador - SC. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/77262219-Balanco-social-2014-universidade-alto-vale-do-rio-do-peixe-uniarp.html>>. Acesso em: 1 out. 2022;

SHARPE, Jim. **A história vista de baixo**. In: BURKE, Peter. (Org.) A Escrita da História: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 39-62;

SOUZA, Jessé de. **A Elite do Atraso: Da Escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya. 2017;

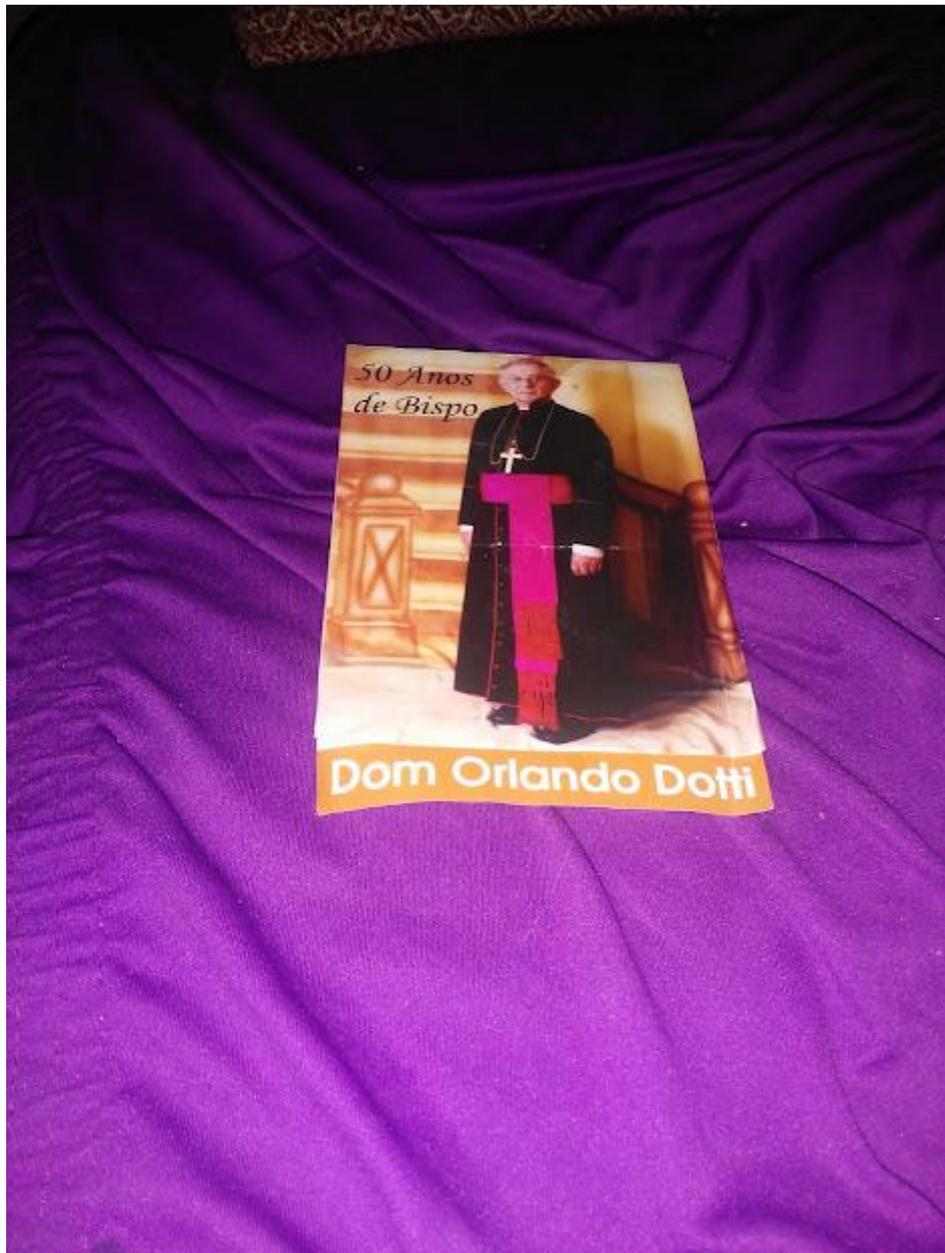
SOUZA, Jessé de. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo, Leya, 2015;

VACARIA. **Decreto Legislativo 003/2020**. Concede a Medalha Zilda Arns ao Bispo Emérito do Município, Octacílio Dotti (Dom Orlando Dotti). Disponível em: <<https://www.camaravacaria.rs.gov.br/realizacao/3517>>. Acesso em: 1 out. 2022;

ZANANDRÉA, René. **Dom Orlando Dotti é homenageado com medalha Zilda Arns**. Diocese de Vacaria. 7 jul. 2020. Disponível em: < <https://www.diocesevacaria.com.br/dom-orlando-dotti-e-homenageado-com-medalha-zilda-arns/> >. Acesso em: 4 out. 2022;

ANEXOS

Anexo 1: Recordação de 50 anos de bispo.



**DATAS MEMORÁVEIS
DOM ORLANDO DOTTI**

22/06/1930- Nascimento
27/06/1930- Batismo
23/03/1933- Crisma
1939- Primeira Eucaristia
28/02/1942- Ingresso no Seminário- Veranópolis
06/01/1950- Profissão religiosa- Flores da Cunha
08/04/1956- Ordenação Sacerdotal- POA
01/01/1957- Professor no Seminário- Ipê
1958- 1959- Estudos- Washington- EUA
01/01/1962- Professor e Diretor do Seminário- Marau
01/01/1964- Professor, Diretor e Superior do Seminário- Ijuí
12/03/1969 – Eleição episcopal pelo papa Paulo VI
25/05/1969 - Ordenação episcopal
29/06/1969 – Posse como 1º bispo de Caçador, SC
27/06/1976 – Posse como 6º bispo de Barra, Ba
07/08/1983 – Posse como bispo coadjutor de Vacaria, RS
05/02/1986 – Posse como Bispo Diocesano de Vacaria, RS
12/11/2003 – Posse como Bispo de Vacaria, RS
16/01/2006 a 24/01/2010 – Administrador Apostólico de
Vacaria, RS
2009 a - Ministério pastoral no Bairro Monte Claro.
2011 a 2016 - Chanceler da Cúria de Vacaria.

OUTRAS ATIVIDADES

Vacaria, RS
2009 a - Ministério pastoral no Bairro Monte Claro.
2011 a 2016 - Chanceler da Cúria de Vacaria.

OUTRAS ATIVIDADES

1971 - Criação da FEARPE, hoje UNIAP, Caçador, SC
1974-76- Membro do Conselho Estadual de Educação, SC
Jan. e fev. de 1979 - Participante da Conferência de Puebla
1979- 83- Membro da CEP (Conselho Episcopal de Pastoral)
da CNBB: Setores: Ação Social e Educação
1979-83 - Membro do Departamento de Ação Social do
CELAM (Conselho Episcopal latino americano)
Jan. e fev. de 1983 - Representante da CNBB no encontro
das pastorais sociais dos bispos da Ásia, em Sir Lanka
1993- 97 - Presidente nacional da CPT (Comissão Pastoral da
Terra)
1996 - Pregação da quaresma na França
1998-99 - Membro do Comitê executivo da Pax Christi
Internacional, Bruxelas, Bélgica
2001- 2003- Membro do Conselho de Justiça e Segurança, RS

Patrono:

Escola de Educação Básica Dom Orlando Dotti- Caçador/SC
Centro Socioeducacional Dom Orlando Dotti- Vacaria/RS
Assentamento Dom Orlando Dotti- Generalda/RS

Cidadão Emérito de: Caçador/SC, Canoinhas/SC, Lebon
Régis/SC, Santo Expedito do Sul/RS, São João da Urtiga/RS,
Ibiaçá/RS, Ibiraiaras/RS, Lagoa Vermelha/RS, Campestre da
Serra/RS, Monte Alegre dos Campos/RS, Vacaria/RS.
Cidadania Italiana.

Dom Orlando Dotti

Anexo 2: Recordação do pai e dos avós maternos de Dom Orlando.

"Como o Pai me ama, assim eu também vos amo" Jo.15;9.

—oOo—

LEMBRANÇA DE



JOSÉ DOTTI

Nasceu em 22 de abril de 1905
Faleceu em 29 de novemb. de 1984

JOSÉ DOTTI, nasceu em Antônio Prado onde residiu durante 62 anos. Na capela de N. Sra. da Saúde foi fabriqueiro por mais de 20 anos. Foi também organizador da capela Santo Isidoro. Atuou no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Antônio Prado, como Delegado Sindical. Casou com Mathilde Miotto com quem teve os filhos: Dom Orlando, Justino, Irmã Lourdes, Isolda, Melzi, Gevaldino e Zenor. Homem de oração e devoto do Santíssimo Sacramento e de N. Senhora. Não deixava sem antes rezar o terço e ler um trecho da Palavra de Deus. Foi esposo estremo e pai dedicado, sempre pronto a servir a todos.

—oOo—

— A ele uma prece — Descanse em Paz. Amém.

PIEDOSA RECORDAÇÃO DE



**João Miotto e
Eugenia Barp Miotto**

falecidos em Linha Silva Tavares
de Antonio Prado;
ambos bons e piedosos Cristãos,
exemplares paes, cumprindo seus sagrados
deveres de soldados do Rei do Céu.

ELE com 70 anos de idade
aos 6 de abril de 1943.

ELA em 16 de abril de 1926
com 48 anos de idade.

REQUIEM ÆTERNAM

Súplica

Inclinai-vos, Senhor, a ouvir as humildes preces com que solicitamos vossa misericórdia para que transporteis à região da paz e da luz as almas dos vossos servos **JOÃO e EUGENIA** que retiraste deste mundo, e as façais participantes da felicidade dos Santos.

Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. AMEN.

Os 4 filhos e 6 filhas transidos de dôr. oferecem esta pequena recordação, pedindo uma fervorosa prece em sufrágio de seus saudosos paes.

Anexo 3: Foto, entrevista 19 jun. 2021.



Anexo 4: Foto entrevista 19 fev. 2022.



Anexo 5: Foto entrevista 21 maio 2022.

